

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

A MÚSICA DOS PAMPAS EM UMA PERSPECTIVA LEXICAL: *MILONGANDO*
ENTRE O ESPANHOL E O PORTUGUÊS

ODAIR JOSÉ SILVA DOS SANTOS

CAXIAS DO SUL – RS

2014

ODAIR JOSÉ SILVA DOS SANTOS

**A MÚSICA DOS PAMPAS EM UMA PERSPECTIVA LEXICAL: *MILONGANDO*
ENTRE O ESPANHOL E O PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada como requisito parcial
obtenção do grau de Mestre em Letras, Cultura
e Regionalidade pela Universidade de Caxias
do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno

CAXIAS DO SUL – RS

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S237m Santos, Odair José dos
A música dos pampas em uma perspectiva lexical : *milongando* entre
o espanhol e o português / Odair José Silva dos Santos. - 2014.
116 f. : il ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Orientadora: Profª. Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, 2014.

1. Lexicologia. 2. Música sul-rio-grandense. 3. Bilinguismo. I. Título.

CDU 2.ed.: 81'373

Índice para o catálogo sistemático:

1. Lexicologia	81'373
2. Música sul-rio-grandense	78(816.5)
3. Bilinguismo	81'246.2

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

**A música dos pampas em uma perspectiva lexical:
milongando entre o espanhol e o português**

Odair José Silva dos Santos

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 31 de julho de 2014.

Banca Examinadora:



Dra. Giselle Olívia Mantovani Dal Corno
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Elisa Battisti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Dr. Milton Hernán Bentancor
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul

Com amor, a Beatriz e Evaristo, pela vida,
educação, luz e sonhos semeados em mim.
Sou parte viva de vocês.
A todos que foram, são e serão os grandes
amores de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a benção de conhecer e amar minha família e amigos.

Aos meus pais, pelo exemplo e dedicação para que me tornasse um ser humano que fizesse a diferença no mundo. Aos meus avós Ramão, Lenir, Ernesto (*in memoriam*) e Inocência, por terem feito de seus “colos” um lugar de repouso seguro, com amor, cuidado e zelo. Aos familiares que estiveram juntos sempre e incondicionalmente.

À professora Giselle Olivia Mantovani Dal Corno que, bem mais que orientadora, foi “mãe zelosa”, acolhendo-me e cuidando-me de forma tão cuidadosa e respeitosa em todos os momentos. Pelas orientações, sugestões e aprendizados nesses dois anos de parceria.

Aos amigos do Rio Grande do Sul (Itaqui e Porto Xavier, principalmente), Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais... nas presenças, ausências, torcidas e orações.... As “fronteiras” se tornam íntimas quando há o amor.

Aos professores do programa do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, que me fizeram evoluir (pessoal e intelectualmente) durante esses dois anos.

*Regional é uma criolla, arte, cultura campeira
Um rangido de basteira, um redomão de bocal
Um universo rural num sentimento profundo
Que antes de sermos do mundo, temos que ser regional.
(César Oliveira e Rogério Melo)*

RESUMO

No cenário do Rio Grande do Sul - Estado que foi por longos anos palco de disputas, com linhas fronteiriças móveis que possibilitaram o intercâmbio linguístico e cultural -, as canções gauchescas podem ser caracterizadas como importantes produções para revelar fatos de cultura que perduram há séculos e que foram moldados, construídos e reconstruídos na e pela história. Nesse processo, o léxico assume um papel essencial, uma vez que é por meio de um léxico específico (ou *regional*) que há a identificação e a ressignificação dos elementos culturais. Dividida em quatro capítulos, esta dissertação pretende investigar os empréstimos linguísticos da Língua Espanhola para a Língua Portuguesa, a partir do contato linguístico-cultural nas fronteiras de Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, identificados em canções interpretadas pela dupla de cantores e compositores César Oliveira e Rogério Melo. A pesquisa encetada permitiu constatar a presença de bilinguismo nas regiões limítrofes do Rio Grande do Sul, exemplificado nas letras das canções analisadas, nas quais o léxico empregado exerce sentidos específicos, muitas vezes mitológicos. Pode-se assim concluir que existe um universo de representações simbólicas próprias dessa comunidade de fronteira, aqui revelados por meio das canções gauchescas.

Palavras-chave: Música Gaúcha; Léxico Regional; Fronteira; Bilinguismo; Línguas em contato.

ABSTRACT

In the scenario of Rio Grande do Sul State that was for many years the scene of disputes, with border lines that enabled mobile linguistic and cultural-exchange, Gaucho's songs (local music) can be characterized as major productions to reveal facts of culture that endure for centuries and which were shaped, constructed and reconstructed in and through history. In this process, the lexicon assumes a key role, since it is through a specific lexicon (or regional) that there is identification and cultural elements ressignification. Divided into four chapters, this dissertation intends to investigate the loanwords from Spanish into Portuguese, from linguistic and cultural contact on the borders of Brazil/Argentina/Brazil and Uruguay, identified in songs performed by the duo of singers and composers César Oliveira e Rogério Melo. The research carried out has shown the presence of bilingualism in border regions of Rio Grande do Sul, exemplified in the lyrics of the songs analyzed, in which the lexicon employed exerts specific directions, often mythological. Therefore, we can conclude that there is a universe of symbolic representations of this border community themselves, here revealed through Gaúcho's songs.

Keywords: Gaúcho Music; Regional Lexicon; Frontier; Bilingualism; Languages in Contact.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Zona de Fronteira – Cidades Gêmeas.....	21
FIGURA 2: Mapa dos Tratados entre Portugal e Espanha.....	26
FIGURA 3: Mapa do Rio Grande do Sul	29
FIGURA 4: Variedades Linguísticas.....	37
FIGURA 5: Programa <i>WordSmith Tools</i>	53
FIGURA 6: <i>Wordlist</i>	54
FIGURA 7: Letra de <i>Apaisanado</i>	58
FIGURA 8: Letra de <i>Os “loco” lá da fronteira</i>	64
FIGURA 9: Letra de <i>Das volteadas de uma estância</i>	69
FIGURA 10: Letra de <i>Cantiga para o meu chão</i>	73
FIGURA 11: Letra de <i>Regional</i>	78
FIGURA 12: Letra de <i>Coração de cordeona</i>	83
FIGURA 13: Letra de <i>Recuerdo</i>	86
FIGURA 14: Letra de <i>Prego na bota</i>	88
FIGURA 15: Letra de <i>A pior é minha</i>	90
FIGURA 16: Letra de <i>Sob as mangas do aguaceiro</i>	93
FIGURA 17: Letra de <i>Paleteada</i>	97
FIGURA 18: Letra de <i>Pra bailar de cola atada</i>	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Achicar, bagual, milonga</i>	60
Quadro 2 – <i>Retovo</i>	62
Quadro 3 – <i>Chamarra</i>	62
Quadro 4 – <i>Bueno</i>	65
Quadro 5 – <i>Loco</i>	65
Quadro 6 – <i>Chincha, maula, rancho</i>	66
Quadro 7 – <i>Bochincho, rancheira</i>	67
Quadro 8 – <i>Percanta</i>	68
Quadro 9 – <i>Guapo, taura</i>	70
Quadro 10 – <i>Pelear</i>	71
Quadro 11 – <i>Cuscada</i>	71
Quadro 12 – <i>Malo</i>	72
Quadro 13 – <i>Querência</i>	74
Quadro 14 – <i>Acolherar, changuear</i>	74
Quadro 15 – <i>Bolcar</i>	75
Quadro 16 – <i>Entreverar</i>	75
Quadro 17 – <i>Guapo, matreiro, peleador, peleia, taura</i>	76
Quadro 18 – <i>Polvoadeira</i>	77
Quadro 19 – <i>Tropilha</i>	77
Quadro 20 – <i>Cincerro</i>	79
Quadro 21 – <i>Minuano, sinuelo</i>	80
Quadro 22 – <i>Redomão</i>	81
Quadro 23 – <i>Quedar</i>	81
Quadro 24 – <i>Bolicho</i>	83
Quadro 25 – <i>Tava</i>	84
Quadro 26 – <i>Culo</i>	85
Quadro 27 – <i>Recuerdo</i>	86
Quadro 28 – <i>Poncho</i>	87
Quadro 29 – <i>Empeçar</i>	89
Quadro 30 – <i>Peão</i>	89
Quadro 31 – <i>Bombacha</i>	91
Quadro 32 – <i>Caborteiro</i>	92

Quadro 33 – <i>Galpão</i>	94
Quadro 34 – <i>Tentos</i>	95
Quadro 35 – <i>Sanga</i>	96
Quadro 36 – <i>Gustar</i>	98
Quadro 37 – <i>Oscó</i>	99
Quadro 38 – <i>Repontar</i>	99
Quadro 39 – <i>Enfrenar, mangueira</i>	101

LISTA DE ABREVIÇÕES

ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul
AURÉLIO	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa
BIRS	Bilinguismo no Rio Grande do Sul
BOSSLE	Dicionário Gaúcho Brasileiro
CUNHA	Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa
DRAE	Dicionário da Real Academia Espanhola
EU	Espanhol Uruguaio
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
HOUAISS	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
LE	Língua Espanhola
LP	Língua Portuguesa
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MPG	Música Popular Gaúcha
OLIVEIRA	Dicionário Gaúcho
PB	Português Brasileiro
PU	Português Uruguaio
PR	Paraná
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VARSUL	Variação Linguística Urbana do Sul do País

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – CONFIGURAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	14
1 REGIÃO DE FRONTEIRA: FLUXOS, ATRITOS E ACORDOS	17
1.1 REGIÃO, REGIONALISMO E REGIONALIDADE	18
1.2 A CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL ...	23
1.3 IDENTIDADE CULTURAL NA REGIÃO DE FRONTEIRA	29
2 AS FRONTEIRAS DA LINGUAGEM: LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA	34
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA	35
2.2 CONTATO LINGUÍSTICO	38
2.2.1 Interferência Linguística.....	38
2.2.2 <i>Code Switching</i>	40
2.2.3 <i>Pidgins e crioulo</i>	41
2.2.4 <i>Bilinguismo</i>	42
2.3 ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE OS “FALARES” NO SUL DO BRASIL	46
3 PONTES E FRONTEIRAS: OS PERCURSOS DA PESQUISA.....	51
3.1 MÉTODO	51
3.2 TÉCNICAS.....	52
3.3 PROCEDIMENTOS.....	55
4 LINGUAGEM DE FRONTEIRA: MÚSICA, LÉXICO E REGIONALIDADES	56
4.1 LÉXICO REGIONAL E MÚSICA DE FRONTEIRA	57
4.1.1 <i>Paisanado</i>	57
4.1.2 <i>Os “loco” lá da fronteira</i>	63
4.1.3 <i>Das volteadas de uma estância</i>	68
4.1.4 <i>Cantiga para o meu chão</i>	73
4.1.5 <i>Regional</i>	78
4.1.6 <i>Coração de cordeona</i>	82
4.1.7 <i>Recuerdo</i>	85
4.1.8 <i>Prego na bota</i>	87
4.1.9 <i>A pior é minha</i>	90

4.1.10 <i>Sob as mangas do aguaceiro</i>	93
4.1.11 <i>Paleteada</i>.....	97
4.1.12 <i>Pra bailar de cola atada</i>.....	99
4.2 LÉXICO, IDENTIDADE E REGIÃO DE FRONTEIRA: ALGUMAS INTERFACES .	102
CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

Fronteira é um espaço de encontro, de indecisão, de confluência. Viver na fronteira é presenciar, pertencer, ser fronteira, ser híbrido. Surge, então, a ideia para esta pesquisa: da experiência de nascer, viver na fronteira e ser fronteira, num espaço onde apenas um rio separa dois países (Brasil e Argentina) e ao mesmo tempo une por meio de características e “vontades” comuns de ser fronteira, de ser distinto por pertencer a um espaço onde duas línguas e duas culturas coexistem. Viver nesse espaço onde apenas um rio (Uruguai) faz o limite entre Brasil e Argentina, ser brasileiro com marcas (sobretudo na fala) da língua dos “Hermanos” fez suscitar a primeira questão que norteou o início desta pesquisa: o quanto do “falar” espanhol carregamos? Pensando nessa questão, um simples passeio pela história fez perceber que é na e da fronteira que o Rio Grande do Sul se constitui culturalmente, a partir de (des)limites que contribuíram para que houvesse “misturas” de costumes, hábitos e falares entre lusos, hispanos e povos indígenas.

As discussões sobre o contato entre esses povos vêm ganhando espaço nas pesquisas acadêmico-científicas à medida que contribuem para levantar relações possíveis entre linguagem e cultura, tais como as de Altenhofen, Mello e Raso (2011), Vandresen (2005), Espiga (2006), Mignoni (2000), Pastaflogia (2008), Rocha (2008) e Sturza (2005; 2006). A partir dessas relações, observa-se que a música no cenário sul-rio-grandense revela muito desses contatos interculturais e interlinguísticos, caracterizando-se como um produto cultural que revela crenças e vivências. No que tange às canções tradicionalistas gaúchas, pode ser evidenciada a mescla entre o *gaúcho* brasileiro e o *gaucho* da Argentina e do Uruguai (OLIVEN, 2006).

Como produto cultural e manifestação da representação de tradições, as músicas gaúchas carregam muito dessas marcas culturais: vivências de fronteira, vida no campo, fatos da história. Como exemplo, destacamos as produções de César Oliveira e Rogério Melo, que servirão como *corpus* para a presente investigação. O primeiro é natural de Itaqui (fronteira com Argentina) e o segundo de São Gabriel (próximo ao Uruguai). Os intérpretes produzem canções tradicionalistas gaúchas desde crianças e em 2002 constituíram a dupla. O trabalho dessa parceria alcançou repercussão no cenário nacional em 2008 com o Prêmio Tim de melhor dupla regional do país e internacional com a indicação ao Grammy Latino no ano de 2013.

A presente pesquisa, de caráter interdisciplinar, busca contribuir para identificar as influências mútuas de línguas em contato reveladas na utilização de empréstimos linguísticos

na região de fronteira. A exemplo disso, há as fronteiras entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, que pelo contato linguístico-cultural entre portugueses, espanhóis, índios e, posteriormente, ao longo dos séculos, com os imigrantes que chegavam resultou num espaço que compartilha de diferentes culturas e falares (GARCIA, 2010). Tem-se, então, como tema os empréstimos linguísticos incorporados nas músicas de César Oliveira e Rogério Melo, motivados pelo contato entre as variedades da língua espanhola e da língua portuguesa na região da fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai.

Nesse universo, surge a seguinte questão: há empréstimos linguísticos motivados pelo contato entre as variedades da língua espanhola e da língua portuguesa na região de fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai nas músicas interpretadas por César Oliveira e Rogério Melo?

Para a resolução dessa questão, tem-se como objetivo geral investigar a constituição da identidade linguístico-cultural como revelada nas músicas de César Oliveira e Rogério Melo. Identidade linguístico-cultural pode ser vista como as marcas e características peculiares a determinada comunidade que se concretizam no âmbito da língua, tanto escrita, quanto falada. Para atingir esse objetivo geral, delineiam-se os seguintes objetivos específicos: a) identificar a presença de empréstimos linguísticos em canções de César Oliveira e Rogério Melo; b) analisar a motivação dos empréstimos linguísticos apresentados canções de César Oliveira e Rogério Melo; c) investigar a presença do Bilinguismo e/ou fenômenos a ele relacionados como elementos constitutivos da identidade linguístico-cultural da região da fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai; d) debater sobre a relevância dos resultados encontrados para a construção de subsídios teóricos na área de contato linguístico, dando ênfase ao contato efetivado na região da fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai.

O primeiro capítulo configura-se como uma visita pela região de fronteira, trazendo discussões sobre noções de *região*, *regionalismo*, *regionalidade* e *região de fronteira*, bem como as questões que envolvem os processos culturais e históricos relacionados com as fronteiras do Rio Grande do Sul/Argentina e Rio Grande do Sul/Uruguai. Nesse sentido, autores como Arendt (2012), Barcia (2004), Bourdieu (1996), Certeau (1994), Cucho (2000), Duranti (2000), Gudolle e Rodrigues (2011), Santos (2009), Garcia (2010), Hannerz (1997), Oliven (2006), Orlandi (2005), Pesavento (2005), Semprini (2000) e Sturza (2006) são buscados para sustentar as ideias levantadas.

Na sequência, no segundo capítulo, há um passeio pelas fronteiras da linguagem, discutindo-se as interfaces entre linguagem, cultura e sociedade. Abordam-se algumas

questões a partir dos estudos dialetológicos, sociolinguísticos e do contato linguístico, tais como interferência linguística, *code switching*, *pidgins*, *crioulo* e bilinguismo. Ganham espaço nesta discussão as contribuições de Calvet (2002), Coseriu (1982), De Heredia (1989), Edwards (2004), Hagège (1996), Labov (2008), Lyons (1987), Mackey (1972), Petri (2003), Siguan (2001), Titone (1993) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Ainda, são mencionados projetos, como o Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) e o Variação Linguística Urbana do Sul do País (VARSUL), e pesquisas realizadas em torno dos estudos linguísticos sobre os falares no sul do Brasil.

O terceiro capítulo mostra os percursos e caminhos percorridos nesta pesquisa, discorre sobre a metodologia, os procedimentos e as técnicas utilizadas. O método utilizado caracteriza-se como qualitativo, visando a estudar as causas e efeitos do contato linguístico-cultural na fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, a partir de doze canções tradicionalistas gaúchas da dupla César Oliveira e Rogério Melo. Há, então, o levantamento de itens lexicais¹ possivelmente influenciados pela língua espanhola; a técnica conta com o auxílio do programa de estatística léxica *WordSmith Tools*, que permite a contagem de palavras, bem como o número de ocorrências de cada palavra diferente. Dessa forma, são apresentados os principais passos que nortearam esta pesquisa.

O quarto, e último capítulo, é composto pela análise das doze canções do *corpus* e dos itens lexicais levantados. Como procedimento analítico, há a apresentação dos itens e seus respectivos registros em cinco obras lexicográficas, consideradas representativas: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009), Dicionário *on-line* da Real Academia Espanhola, Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) e Dicionário Gaúcho (2010). As informações ali colhidas foram complementadas, quando necessário, com dados de dicionários etimológicos, como Cunha (2010). Por fim, realizar-se-ão algumas interfaces entre música, léxico e regionalidade, procurando estabelecer as relações existentes entre os pressupostos teóricos levantados e o *corpus* pesquisado.

Percebe-se, por meio das pesquisas já realizadas, que há estudos sobre o contato linguístico-cultural nas perspectivas da variação linguística, da influência fonética, da dialetologia, da lexicologia e do bilinguismo; todavia, estudos sobre a construção da identidade linguístico-cultural do sujeito de fronteira, apresentada na música tradicionalista gaúcha, ainda não foram contemplados, abrindo espaço para a investigação aqui proposta.

¹ Para este trabalho utilizar-se-á “item lexical”, “lexia” e “vocábulo” como termos intercambiáveis.

1 REGIÃO DE FRONTEIRA: FLUXOS, ATRITOS E ACORDOS

Pois, ao mesmo tempo em que suportamos em nós múltiplas identidades, somos sempre estrangeiros com relação a alguém ou alguma coisa. (PESAVENTO, 2005, p. 09)

Por trás de uma língua há, sem dúvidas, uma teia de atitudes, costumes e ideias que se encontram enredadas num processo cultural. Falar de cultura é habitar numa zona de conflitos. O conceito de cultura é debatido com veemência e alvo de grandes controvérsias; vários pontos de vista ora convergem, ora divergem, sobretudo no mundo globalizado e cheio de incertezas no qual estamos imersos. Para Japiassú e Marcondes (2006, p. 63), o termo cultura “serve para designar tanto a formação do espírito humano quanto de toda a personalidade do homem: gosto, sensibilidade, inteligência”.

O presente capítulo visa a discutir as relações entre processos culturais e as características inerentes à fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai, propondo interfaces com as questões sociais, históricas e linguísticas.

Na primeira seção, a discussão girará em torno dos conceitos de *região*, *regionalismo* e *regionalidade* na perspectiva de autores como Bourdieu (1996), Certeau (1994), Cuche (2000) e Santos (2009). Ainda, será abordada a definição de fronteira, bem como as questões que envolvem a *região de fronteira*, dando destaque à fronteira móvel que se construiu historicamente no Rio Grande do Sul; nesse momento, são buscados os estudos de Arendt (2012), Garcia (2010), Hannerz (1997), Oliven (2006), Pesavento (2005) e Sturza (2006) para sustentar as ideias levantadas.

Na segunda seção, o tema desenvolvido é a construção sócio-histórico-cultural do Rio Grande do Sul. Serão apresentados os principais aspectos que construíram a cultura e identidade gaúcha, a partir dos estudos de Careli e Knierim (2011), Garcia (2010), Golin (2002), Laroque (2010), Oliven (2006) e Souza (2000); contribuições que abordam desde a presença dos grupos de Charrua/Minuano, Guarani e Kaingang no território gaúcho, passando pelos diversos tratados entre Portugal e Espanha até a chegada dos imigrantes europeus.

Para finalizar o capítulo, são levantadas na terceira seção discussões em torno da identidade cultural na região de fronteira: as questões culturais sob a luz dos pensamentos de Bourdieu (1996; 2003), Cuche (2002), Hannerz (1997), Oliven (2006) e Pinto (2000) e as questões linguísticas a partir das contribuições de Duranti (2000) e Semprini (2000).

Nessa investigação, pretende-se abordar os fluxos, atritos e acordos que delinearão e ainda continuam a delinear o cenário gaúcho, levando em consideração que este cenário foi palco de grandes disputas, tornando-se uma fronteira móvel habitada por sujeitos que são formados por línguas e culturas diferentes, bem como a construção da representação, no imaginário social, de um povo valente, bravo e heroico como será visto nas seções que seguem.

1. 1 REGIÃO, REGIONALISMO E REGIONALIDADE

A conceituação do que vem a ser uma região é fator de discussão num palco de constantes atritos. Geograficamente, uma região pode ser determinada por limites pré-estabelecidos de acordo com a cultura ou por aspectos sócio-econômico-políticos. Contudo, uma região é, sobretudo, uma construção simbólica (BOURDIEU, 1996). Em muitos casos, ainda, percebe-se a região como um espaço; de acordo com Certeau (1994), espaço diferencia-se de lugar, visto que o primeiro pode ser entendido numa perspectiva cultural, como “um lugar praticado” pela leitura e releitura, emanando uma via dupla de escritas e interpretações de culturas (CERTEAU, 1994, p. 202).

Marcas e características que necessariamente estão vinculadas a uma região são encontradas à medida em que os atores estigmatizam e são estigmatizados, identificando-se como distintos; segundo Bourdieu (1996, p. 112), “o mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto”. Vistas no âmbito cultural, essas marcas são construtos simbólicos e representações. Por outro lado, há lugares que não se pode definir propriamente como uma região ou espaço regional, já que os atores sociais não acionam a identidade de oposição ao nacional. Para tanto, ser *regional* ou pertencer a uma *região* é bem mais que simplesmente nascer em um determinado lugar, tendo em vista que há, no plano simbólico, ora disputas que são travadas na oposição regional/nacional, ora a incidência de estigmas que deixam evidentes a oscilação entre um e outro. A questão da legitimidade da língua encontra-se, dessa forma, “propensa a cumprir *además* uma função social de distinção nas relações entre as classes e nas lutas com que essas mesmas classes se opõem no terreno da língua” (BOURDIEU, 1996, p. 47).

Para Certeau (1994), espaço e lugar constituem ideias diferentes: lugar implica estabilidade e espaço está relacionado com as variáveis de tempo e velocidade. Assim, pode-se expor que a região:

[...] vem a ser portanto o espaço criado por uma interação. Daí se segue que, num mesmo lugar, há tantas “regiões” quantas interações ou encontros entre programas. E também que a determinação de um espaço é dual e operacional, portanto, numa

problemática de enunciação, relativa a um processo “interlocutório”. (CERTEAU, 1994, p. 212)

Uma região, portanto, pode ser vista como espaço de fluidez com as ações simbólicas que se encontram interligadas num construto, permitindo “ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos” (CUCHE, 2002, p. 10). Seguindo os pressupostos de Bourdieu (1996), a ideia de região opõe-se à de nação: só há a primeira quando há a segunda. Barcia (2004) destaca elementos que constituem uma região cultural; dentre estes, destacamos aqui os seguintes:

O fator espaço, comunidade de fauna e flora;
 Costumes, usos, economia;
 Língua: peculiaridades regionais;
 Concepção de mundo, percepção da realidade;
 Substratos míticos e patrimônio lendário.
 (BARCIA, 2004, p. 37)

Deste ponto de vista, a *regionalidade*, no plano da representação, é a característica de ser *regional*, qualidade de estar ou pertencer a uma região ou, nas palavras de Santos (2009, p. 3), “o *regional* coloca-se como um elemento significativo da representação de identidade”. Nesse viés, o *regional* é constituído a partir do nacional, onde há, além da classificação e estigmatização, a marca de pertença, de “ser/estar ligado” ou não a um determinado grupo, que evidentemente é encontrado fora do que é tido como “nacional”. Há um entrave entre o universal e o particular.

Em contraposição, encontramos o *regionalismo* que, segundo Oliven (2006):

[...] aponta para as diferenças que existem entre regiões e utiliza essas diferenças na construção de identidades próprias. Mas, assim como o nacionalismo, o regionalismo também abarca diferentes facetas, expressando frequentemente posições de grupos bastante distintos, contendo desde reivindicações populares até os interesses disfarçados das classes dominantes. (OLIVEN, 2006, p. 22)

É possível observar que o *regionalismo* exerce uma ordem pragmática e programática, à medida que as lutas relacionadas à identidade regional se caracterizam como particularidades de classificação, ou seja, um campo simbólico de lutas pelo monopólio de impor a definição legítima da divisão do mundo social (BOURDIEU, 2003). Enquanto as *regionalidades* são construídas sem a presença de marcas positivas ou negativas do *regional*, apenas correspondendo ao descritivo e subjetivo de uma região, o *regionalismo* alude para características que ora exaltam o *regional*, ora dão atributos pejorativos, ora valorativos.

Com base nessas afirmações, a fronteira pode constituir-se também como região, espaço de intensas interações, concretizando-se o “encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície” (PESAVENTO, 2005, p. 10). Fronteira alude para contato, de modo que ela pode ser definida como um suave encontro ou um contundente choque. Sobre a ideia de fronteira, Sturza (2006) defende que:

[...] a Fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Os limites cartográficos são referências simbólicas que significam a fronteira através de um marco físico, embora a vida da fronteira, o habitar a fronteira signifique, para quem nela vive, muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações. (STURZA, 2006, p. 26)

Nesse sentido, o que determinaria uma fronteira? Trata-se de uma discussão difícil em que ela é vista como um campo de indecisões e incertezas, pois há a imprecisão de onde se termina e se começa; é neste embate que “fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além” (PESAVENTO, 2005, p. 18). Segundo Arendt (2012, p. 86), “uma fronteira pode ser espaço de troca, cruzamento, encontro, interação, conflito, distinção, sobreposição, interseção, mistura – em suma, palco de encontros culturais”. Assim, fronteira pode ser definida como espaço em que há união e discórdia, é exatamente onde tudo termina e começa ao mesmo tempo. Pesavento (2005) define fronteiras como:

[...] janelas e portas, que tanto no plano da literalidade como no da metáfora permitem a passagem, mas também impedem a entrada. Fronteiras limitam, encerram e fecham, negam o diálogo e o contato, tal como podem abrir, comunicando e aproximando as partes, criando laços, correspondências, percursos de vida em paralelo, convergências, oposições e competição. Se as fronteiras tivessem um deus a presidir sua existência, um deus grego que tutelasse a existência, ele seria Hermes, o deus do movimento e do comércio, e também das soleiras, a indicar uma ambiguidade de condição: entrar e sair, fechar e dar passagem. (PESAVENTO, 2005, p. 11)

Os estudos sobre fronteira ganham força tanto no sentido metafórico quanto na perspectiva literal. Falar de fronteira é falar de ambiguidade, de pluralidade. Para Bourdieu (1996, p. 110), “a fronteira, este produto de um ato jurídico de delimitação, tanto produz a diferença cultural quanto é por ela produzida”. Corroborando essa ideia, Santos (2009) afirma que:

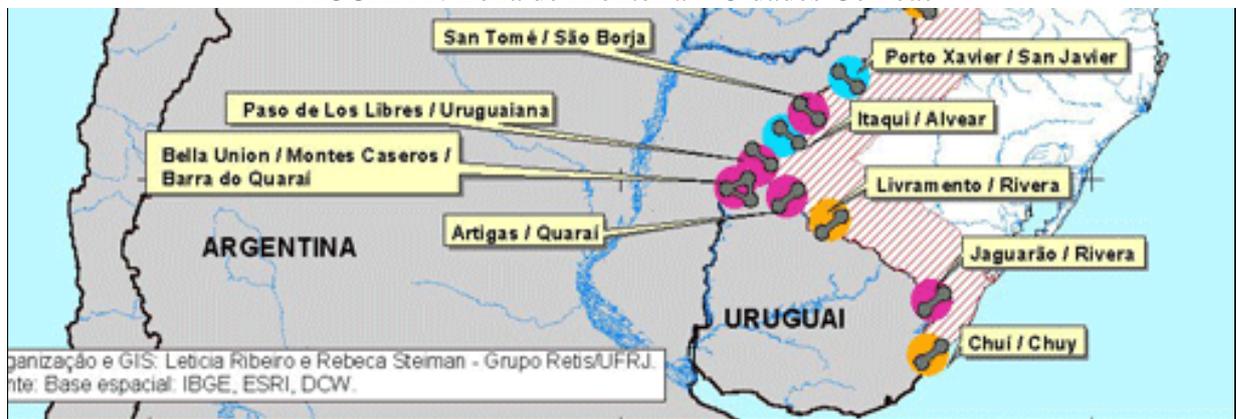
Regionalidades de fronteiras são particularmente significativas no Rio Grande do Sul sob, pelo menos, dois aspectos: o primeiro, de natureza histórica, diz respeito aos estabelecimentos de limites em relação aos vizinhos platinos e os desdobramentos desse processo na própria história do Estado, e na construção de uma determinada representação de identidade; o segundo, relacionado ao primeiro,

refere-se propriamente às práticas cotidianas dos atores sociais que vivem nestes espaços. (SANTOS, 2009, p. 20)

Segundo Hannerz (1997, p. 8), as fronteiras “na realidade não imobilizam, mas curiosamente, são atravessadas”, o que permitiria dizer que fronteira configura-se como um espaço de alto movimento, sobretudo, no âmbito da cultura. Assim, pode também ser vista como uma região relativamente “aberta”, onde as trocas culturais e a hibridação tornam-se mais acentuadas e visíveis. É possível identificar com maior nitidez, no âmbito da fronteira, a cultura em movimento na perspectiva de que “as pessoas, enquanto atores e redes de atores, têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la” (HANNERZ, 1997, p. 12).

No cenário sul-riograndense encontramos as fronteiras do Brasil com a Argentina e com o Uruguai: Porto Xavier/San Javier, Itaqui/Alvear com travessia via balsa; São Borja/Santo Tomé, Uruguaiana/Paso de Los Libres, Barra do Quaraí/Bella Unión/Monte Caseros, Artigas/Quaraí e Jaguarão/Rivera com travessia via ponte; Livramento/Rivera e Chuí/Chuy com travessia terrestre. O mapa que segue (Fig. 1) apresenta as zonas de fronteiras desse cenário:

FIGURA 1: Zona de Fronteira – Cidades Gêmeas



Fonte: Instituto de Geografia – Grupo RETIS – UFRJ

Nesses espaços de fronteira há constantes fluxos comerciais impulsionados pelo MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), motivando a integração entre as comunidades dos diferentes países e que, conseqüentemente, possibilita contato linguístico e cultural. Nessa perspectiva, as fronteiras entre o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai podem ser encaradas como uma:

Fronteira móvel, limites disputados com ferro. Guerras e contendas. Mas também trânsito de gentes, de mercadorias, diálogo entre culturas. Choque e permeabilidade, sobrepondo-se, intercalando-se, entrelaçando-se. A ponto de produzir uma cultura

singular, um modo de vida, com seus sabores, costumes e dizeres. O gaúcho nasceu na fronteira. E é a fronteira que ele carrega dentro de si. Para onde quer que vá, é o espírito da fronteira que o anima. (GARCIA, 2010, p. 15)

Portanto, constrói-se uma definição de *região de fronteira* como o lugar onde “há indistinção, ambiguidade e incerteza” (HANNERZ, 1997, p. 20). No espaço da América Latina, marcada por fronteiras geográficas e culturais, há grupos que se identificam e se diferem entre si, sendo “parecidos, *hermanos* e estrangeiros uns aos outros, ao mesmo tempo” (PESAVENTO, 2005, p. 11). No estado do Rio Grande do Sul a evidência de proximidades que ao mesmo tempo em que distinguem aproximam criam condições para que o sujeito que ali vive, por estar e ser fronteira, possa ser percebido como híbrido.

Todo ser *regional*, dessa forma, é constituído de marcas, ou seja, *habitus*, defendido por Bourdieu como a possibilidade de os meios de sentir, pensar e agir incorporar uma estrutura social, “uma gramática gerativa de práticas conformes com as estruturas objetivas de que ele é produto” (PINTO, 2000, p. 38). Para Bourdieu (1996):

Tudo leva a crer que as instruções mais determinantes para a construção do *habitus* se transmitem sem passar pela linguagem e pela consciência, através de sugestões inscritas nos aspectos aparentemente mais *insignificantes* das coisas, situações ou práticas da existência comum. (BOURDIEU, 1996, p. 38)

As práticas linguísticas determinam, em muitos casos, a construção do *habitus*. Práticas contextuais como modo de falar, olhar, de portar-se ou mesmo a ação de ficar em silêncio concretizam significações que “são carregadas de injunções tão poderosas e tão difíceis de revogar por serem silenciosas e insidiosas, insistentes e insinuantes” (BOURDIEU, 2003, p. 38). É com grande parte dessas características, marcadas principalmente por substratos históricos, que o sujeito fronteiriço constitui-se.

Dentro desse contexto, na sequência é apresentada a construção histórica, social e cultural do Rio Grande do Sul, pontuando os principais aspectos que envolveram a formação do povo gaúcho.

1.2 A CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL

Ao olharmos para a região sul do Brasil contemplamos uma rica e diversa formação étnica e cultural, configurando-se com uma grande heterogeneidade, destacada por Ribeiro (1995) em três principais modos de existência e visão diante do cenário nacional:

Tais são os lavradores *matutos* de origem principalmente açoriana, que ocupam a faixa litorânea do Paraná para o sul; os representantes atuais dos antigos gaúchos da zona de campos da fronteira rio-platense e dos bolsões pastoris de Santa Catarina e Paraná, e, finalmente, a formação *gringo-brasileira* dos descendentes de imigrantes europeus, que formam uma ilha na zona central sobre as duas outras áreas. (RIBEIRO, 1995, p. 408)

Historicamente, o território hoje demarcado geograficamente como o estado do Rio Grande do Sul manteve-se por longos séculos como uma zona de disputa entre espanhóis e portugueses, concretizando a existência de um espaço que manteve linhas fronteiriças móveis tanto em seus limites geográficos como em seus aspectos culturais. Contudo, é necessário ressaltar que povos de Charrua/Minuano, Guarani e Kaingang² participaram ativamente nos eventos históricos ocorridos durante os séculos XVI a XIX nesse território, tais como a organização das reduções jesuíticas e a Guerra Guaranítica. Contudo, quase sempre estas vozes são silenciadas quando se faz um inventário historiográfico, dando espaço para os “conquistadores e governantes representados por militares, viajantes, religiosos, engenheiros, diretores de aldeamentos, entre outros, os quais são encontrados nos documentos e lembrados na literatura” (CARELI, KNIERIM, 2011).

No processo de transição do feudalismo para o capitalismo, novas organizações política, materialista, ideológica e econômica instauradas na Europa pelo comportamento intelectual Renascentista trouxeram como consequência a intensificação das atividades comerciais e a expansão via grandes navegações e, por conseguinte, a ocupação europeia nas terras da América. Nesse contexto, com contribuições de diferentes etnias desde os índios que já estavam nessas terras à chegada de colonizadores portugueses e espanhóis, bem como de imigrantes de diferentes países, o Rio Grande do Sul formou-se a partir de uma rica e diversa construção étnico-cultural. Sob a luz dos contatos entre portugueses, espanhóis e povos de

² Os Charrua ocuparam o território no oeste gaúcho, às margens do Rio Uruguai, tendo contato com os colonizadores espanhóis; os Minuano ficaram mais ao leste, das margens da lagoa dos patos até as proximidades de Montevideú, tiveram contato com os colonizadores portugueses; já os Guarani (também conhecidos como Carijós, Arachanes, Tapes e Patos) representavam a maior parte da população indígena do RS, ocupando às margens do Rio Uruguai e outras áreas da América do Sul; os Kaingang ocuparam as terras ao longo das bacias hidrográficas dos rios Uruguai e Jacuí, estendendo-se pelos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e em Missiones, Argentina (CARELI; KNIERIM, 2011).

Charrua/Minuano, Guarani e Kaingang emerge uma cultura híbrida, como comenta Laroque (2010):

Se os espanhóis introduziram o cavalo e o gado vacum nos campos do sul foi o indígena Charrua e o Minuano que desenvolveu a destreza no montar a cavalo, bem como a lida com o gado e o uso de boleadeiras. No que se refere à indumentária o típico do peão de estância conhecido como “gaúcho” em áreas espanholas como Uruguai e Argentina e “gaúcho” no Rio Grande do Sul têm em sua essência o resultado dos contatos culturais entre espanhóis, portugueses e indígenas. (LAROQUE, 2010, p. 32)

É importante, portanto, remontar aspectos históricos, sociais e culturais a fim de perceber a consolidação deste estado como *região* de grandes mobilidades, tanto no âmbito da geografia como no da cultura. Dentro deste contexto, é possível vislumbrar que o Rio Grande do Sul,

[...] é o produto da ação do Estado e de sua concepção expansionista, que produziu na população formas concretas de mobilização e uma cultura imanente dessa lógica da transposição de limites; uma população que se fez no movimento sobre o outro fronteiriço, na transgressão territorial, e que encontrou a sua coesão formativa na relação ocupacional e opositiva ao outro regional/nacional “castelhano”. E que também se distinguiu do restante do país no parâmetro belicista de guerra, onde a cavalaria – para o fronteiriço, arma militar e método de trabalho, simbolizada como paradigma cultural – afirmou praticamente a imagem sulista. (GOLIN, 2002, p. 75)

O Rio Grande do Sul e muitas regiões do Brasil foram palco de disputas geográficas e econômicas entre lusos e hispanos com diversos acordos que não foram respeitados pelas coroas. A expansão das fronteiras foi dada principalmente pela ação dos bandeirantes, jesuítas e pecuaristas (SOUZA, 2000).

Nesse contexto, as colônias americanas passaram por vários tratados a fim de demarcar e fixar novas fronteiras, renegociando espaços e regiões a partir das terras que eram ocupadas por Portugal e Espanha. As disputas pelas delimitações das fronteiras geográficas deram-se desde o Tratado de Tordesilhas (1494), em que ficou demarcado que as terras americanas estavam divididas da seguinte forma: ao oeste da coroa espanhola e ao leste da portuguesa (GARCIA, 2010).

Em 1715, no Tratado de Utrecht, foram reorganizadas as fronteiras e “a margem norte do Prata e todas as terras entre o Rio Uruguai e o Oceano Atlântico, a Banda Oriental” pertenceriam a Portugal (GARCIA, 2010, p. 35). Seguindo, o Tratado de Madri (1750) pretendeu fixar as fronteiras; nesse acordo, as regiões do Mato Grosso e Amazonas passaram oficialmente à coroa portuguesa e, ainda, houve a troca da Colônia do Sacramento pela região dos Setes Povos das missões.

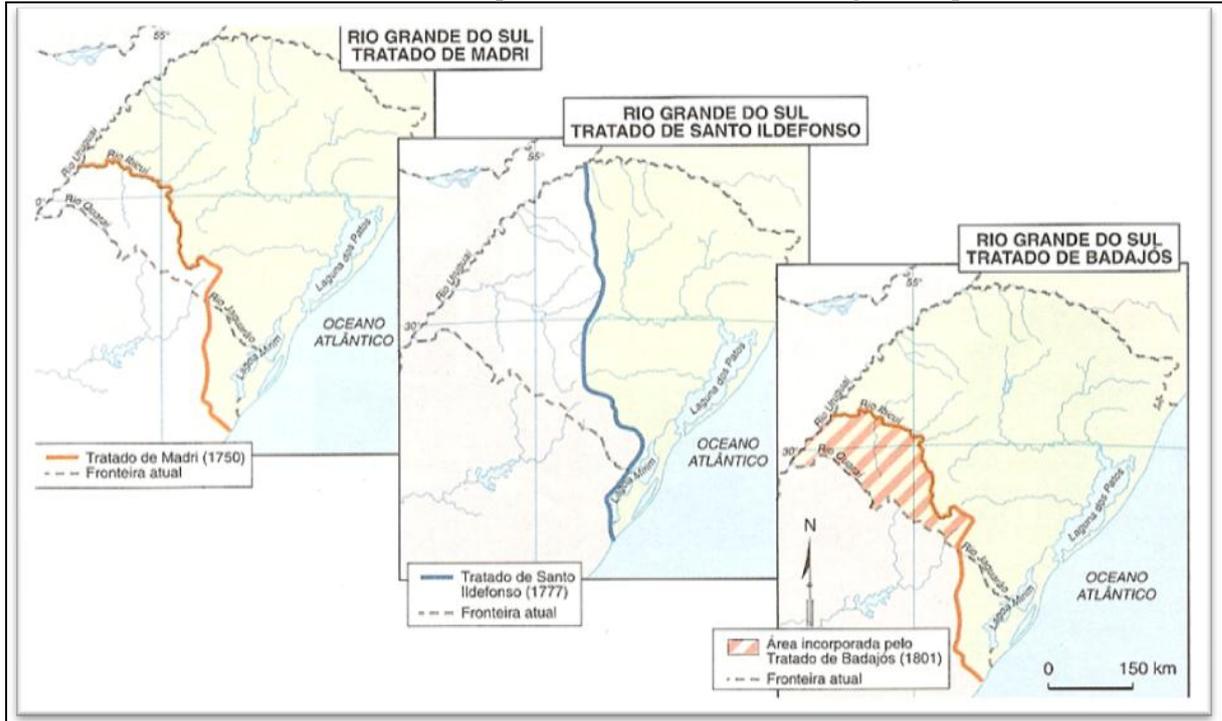
Contudo, esse embate de ideias acabou provocando a chamada “Guerra Guaranítica”. Sobre esse conflito Careli e Knierim (2011) explicam que:

Um número muito grande de indígenas não acata tais decisões, particularmente nas reduções de São Nicolau e São Miguel, e vai se armar. Em 1753, iniciou o conflito. Em 1756, Sepé Tiaraju, principal liderança indígena, cai morto e, três dias depois, 1500 Guarani são mortos em Caibaté. Aos poucos, a resistência se desfez, as reduções foram ocupadas e a população, deportada para a outra margem do rio Uruguai. (CARELI; KNIERIM, 2011, p. 60)

A resistência dos padres jesuítas e dos índios fez com que o assinado fosse descumprido mais uma vez. Com o Tratado de Ildefonso (1777), Portugal e Espanha assinaram um documento que fixou as terras do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para Portugal; por outro lado, os Sete Povos das Missões e a Colônia do Sacramento pertenceriam à Espanha. No entanto, novamente houve o não cumprimento por parte da colônia ibérica, sendo apenas em 1801, com o Tratado de Badajós que os Setes Povos das Missões passaram oficialmente a pertencer aos portugueses. Boa parte da região de disputa sofreu duras consequências com os acordos e desacordos, sendo os Sete Povos e as demais reduções “entregues à própria sorte, aos poucos foram definhando, nos inícios dos anos 1800, os relatos dos viajantes mostram as reduções em ruínas” (CARELI, KNIERIM, 2011, p. 61).

O mapa, na sequência, apresenta uma síntese dos tratados das fronteiras por eles estabelecidas (Fig. 2):

FIGURA 2: Mapa dos Tratados entre Portugal e Espanha



Fonte: Magnoli, Oliveira e Menegotto (2001)

Dentro dessa perspectiva histórico-cultural da formação do Rio Grande do Sul, pode-se verificar que os tratados constituíram, tanto no âmbito geográfico quanto cultural, a formação de uma fronteira móvel, “que *a priori* deveria separar, ao mesmo tempo permitia passagem, o contato” possibilitando “o estreitamento de laços comerciais, culturais e matrimoniais entre espanhóis e lusitanos na América Meridional” (CARELI; KNIERIM, 2011).

A disputa dos espaços entre as coroas portuguesa e espanhola é atravessada por contatos entre culturas, por meio de incidências como o estabelecimento da Colônia do Sacramento, dos Sete povos das Missões, com o movimento dos bandeirantes e dos tropeiros (SOUZA, 2000). A chegada do gado ao Rio Grande do Sul, a partir do século XVII, possibilitou agregar novas marcas à cultura gaúcha:

A partir do século XVII, com a chegada do gado no Estado do Rio Grande do Sul, criou-se uma civilização que passa a ser chamada de “guasca”. Tal denominação era usada para definir a idade do couro retirado do gado. Com o tempo, o termo “guasca” passou a ter o mesmo sentido do vocábulo “gaúcho”, isto é, designava o tipo social que morava nos pampas, nas regiões das savanas e nas coxilhas da campanha. Na Argentina, o sentido da palavra não mudou, continua referindo-se ao couro cru. Essa palavra tem como origem a língua geral dos incas, o quíchua, que chegou até o Rio Grande do Sul trazida pelos conquistadores espanhóis, assim como outras palavras; por exemplo, cancha, chasque, porongo, tambo, china, mate, charque, chácara. (GUDOLLE; RODRIGUES, 2011, p. 37).

Nesse contexto, a presença do gado tem “grande influência na formação social do gaúcho, pois a partir da chegada dos bovinos o gaúcho começou a adaptar seu modo de vida com a lida destes” (GUDOLLE; RODRIGUES, 2011, p. 37). Formou-se, então, o tipo social que vive no campo e que trabalha na pecuária, tal qual é conhecido hoje.

Ainda nesse século, há outro importante fato: a coroa portuguesa procurou promover a vinda de imigrantes açorianos (1740) em reação ao aldeamento indígena e espanhol, cumprindo “o papel de povoadores e defensores dos interesses lusos” (CARELI, KNIERIM, 2011, p. 120). Uma das marcas culturais mais relevantes dos luso-açorianos é a linguagem, tornando-se um legado vivo por meio de palavras e expressões que se incorporaram no léxico gaúcho:

Riba ou arriba (acima), samear (semear), depois (depois), soluço (solução), premeter (prometer), folgo (fôlego), amenhã (amanhã), alumiar (iluminar), alevantar (levantar), alembrar (lembrar), arreceio (receio), melhor (melhor), varar (cruzar o rio), escuitar (escutar). (CARELI; KNIERIM, 2011, p. 131-2)

No século XIX, quando o Brasil já estava independente de Portugal, o governo imperial implementou uma política de imigração, a fim de povoar e cultivar as terras que ainda se encontravam desocupadas, com um intuito subjetivo de uma “política do branqueamento”, visto a grande presença dos Africanos no cenário brasileiro. Em 1824 os alemães chegaram e se estabeleceram principalmente na região sul do país. No Rio Grande do Sul, a primeira colônia alemã fundada foi São Leopoldo, estendendo-se depois para outras regiões do estado. Em 1875 a imigração italiana chegou e ocupou o espaço da encosta superior da serra nordeste, posteriormente fundada a Colônia de Caxias do Sul³. O sistema de imigração acarretou num forte impacto comercial e econômico, como afirma Souza (2000):

Na região colonial (alemã e italiana), o impacto produzido por um conjunto de situações, como a estrada de ferro, inicialmente, e a rede rodoviária, mais tarde, o aumento de mercado consumidor, fizeram com que o desenvolvimento da região evoluísse em função do crescimento do artesanato, aqui visto como germen da futura industrialização. (SOUZA, 2000, p. 43)

A representação do gaúcho nasceu e manteve-se à luz das fronteiras, não apenas geográficas como também dos diversos contatos que se concretizaram ao longo da história, propiciando identificar o sujeito sul-rio-grandense como “um tipo social para o qual

³ Segundo Souza (2000), os imigrantes italianos ocuparam “os divisores de águas, através também de pequenas propriedades, onde ficaram praticamente isolados (...) abriram picadas para alcançar sua região de fixação, a colônia de Caxias do Sul, que passaria a funcionar como centro de irradiação para outras colônias, como Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha etc.” (SOUZA, 2000, p. 39).

contribuíram, de formas distintas, diferentes etnias: índios, portugueses, negros e depois os imigrantes alemães e italianos” (OLIVEN, 2006, p. 142).

É nesse palco de acordos e disputas que o gaúcho do pampa brasileiro e o *gaucho* dos pampas argentino e uruguaio nasce, à luz do contato entre os colonizadores europeus e os povos indígenas ali estabelecidos, à medida que estes construtos tornam-se base para a formação simbólica da identidade de ambos.

O termo “gaúcho” inicialmente designou “o vagabundo e ladrão de gado, mais tarde, o peão de estância e guerreiro sempre associado à figura do cavaleiro” (OLIVEN, 2006, p.10). Cria-se, assim, em meio à ilusão de um passado glorioso e sob o olhar dos fatos históricos e do contexto social, o imaginário de que o gaúcho é valente, forte, guerreiro e destemido (OLIVEN, 2006).

Desse modo, historicamente o gaúcho do pampa foi incorporado “aos núcleos neobrasileiros que se começavam a fundar na campanha, serviram como campeiros e aquerenciadores do gado, amansadores de bois de serviço e como criadores de cavalos e de muaras” (RIBEIRO, 1995 p. 418). Ao decorrer da história esse sujeito passou a ser visto como aquele que vivia e que hoje ainda vive no pampa gaúcho⁴, trabalha nas fazendas dedicadas à pecuária e tem como principal companheiro o cavalo; observa-se, nesse cenário, “a ostentação com que os estancieiros tratavam dos seus animais, como por exemplo, os artigos de montaria eram sempre os melhores” (GUDOLLE; RODRIGUES, 2011, p. 38).

O mapa que segue (Fig. 3) situa a região da campanha, parte do pampa sul-riograndense, região que têm na pecuária uma das suas principais atividades econômicas:

⁴ O Pampa gaúcho encontra-se no extremo sul do Rio Grande do Sul e é reconhecido por extensos campos e a forte atividade pecuária.

FIGURA 3: Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: <<http://alemdovinho.files.wordpress.com/2012/06/mapa-vinho-rs.jpg>>

A seção que segue abordará as questões da identidade cultural na região de fronteira, apresentando características e marcas do homem do pampa: sujeito que nasceu nos campos do extremo sul do Rio Grande do Sul e que geralmente exerce a atividade campeira, como trabalhar na pecuária e andar a cavalo; além disso, é comum nesse meio a utilização da vestimenta típica gaúcha (bombacha, camisa e botas). Assim, historicamente, tanto no Rio Grande do Sul como também nos países vizinhos “o cavalo era cultuado nos e junto com o cavalo, o mate amargo e a carne assada são características predominantes no gaúcho sul-americano” (GUDOLLE; RODRIGUES, 2011, p. 38).

1. 3 IDENTIDADE CULTURAL NA REGIÃO DE FRONTEIRA

Com base nos estudos sobre a cultura como um sistema de práticas, a relação entre linguagem e ação social é intensa (SEMPRINI, 2000). Ainda, no âmbito das relações entre linguagem e ação social, é possível perceber que “ninguém é um sujeito puro, fonte original de escolha e racionalidade, em certo sentido, o mundo social está povoado de herdeiros, caso se admita que a ausência de herança é ao menos aquilo que se herda” (PINTO, 2000, p. 58).

Nesse sentido, os atores sociais podem existir culturalmente e exercer a função de participantes de uma série de atividades habituais, enredadas em diversas ações individuais produzidas e reproduzidas. Contudo, de acordo com as ideias de Bourdieu (1996), a cultura

não pode ser encarada como algo totalmente externa ao sujeito, ou ainda, totalmente interna, mas como um sistema constante de práticas que inclui ações físicas e materiais. A língua é evidenciada, nesse contexto, como ferramenta importante de estudos, já que ela é vista como um sistema imerso nos processos sociopolíticos e, ainda, nas redes que interligam ideias dentro de uma mesma cultura ou de uma cultura a outra.

A construção da ideia da cultura como um sistema de práticas está envolvida nesse contexto, tendo também as ideias de Bourdieu (1996) como contribuições importantes para superar a dicotomia objetividade/subjetividade no âmbito das ciências sociais, como os casos da língua, do mito, da religião e da arte, que “cumpram uma função política, ao mesmo tempo que parecem obedecer somente a uma lógica imanente” (PINTO, 2000, p. 78). No caso da língua, verifica-se que ela exerce também papel fundamental nas representações culturais; conforme Bourdieu (1996), língua, dialeto ou sotaque,

[...] constituem o objeto de *representações mentais* – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agente investem seus interesses e pressupostos e de *representações objetais*, coisas ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores. (BOURDIEU, 2003, p. 107-8)

Bourdieu critica a filosofia de Heidegger⁵ quanto aos estudos das raízes existenciais do conhecimento e defende a relação entre conhecimento e ação no mundo, defendendo que “os atores sociais não são completamente o produto das condições materiais de existência, nem os sujeitos intencionais conscientes cujas representações mentais são autossuficientes” (DURANTI, 2000, p. 74).

Semprini (1999) defende a concepção de que a linguagem “é um instrumento que afeta profundamente o nosso conhecimento e representações do mundo” (SEMPRINI, 1999, p. 66).

Sobre os aspectos de língua e cultura como um sistema de práticas, Duranti (2000) afirma:

Uma língua é em si mesma um conjunto de práticas que integram não apenas um sistema particular de palavras e regras gramaticais, mas uma frequentemente esquecida ou soterrada luta por ostentar o poder simbólico de uma específica modalidade de comunicação, com seus próprios sistemas classificatórios, formas de referência e tratamento, léxicos especializados e metáforas.⁶ (DURANTI, 2000, p. 75)

⁵ Heidegger é “um dos filósofos alemães mais importantes e influentes do século XX” que “[...] procura recuperar a importância fundamental da questão do ser, que na tradição do pensamento moderno dera lugar à problemática do conhecimento e da ciência” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 128).

⁶ Tradução livre do autor. No original: “Una lengua es en sí misma un conjunto de prácticas que integran no solo un sistema particular de palabras y reglas gramaticales, sino también una, a menudo, olvidada o soterrada lucha

Nessa perspectiva, todo sujeito enquanto ser social está vinculado a uma cultura, apresentando marcas que o identificam como pertencente a um grupo e diferente de outro, uma vez que toda distinção assevera o que um indivíduo é e o que não é. Dentro da perspectiva de Cuche, a cultura

[...] permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, as suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza [...] A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura. (CUCHE, 2002, p. 10)

Cuche (2002) defende também que a explicação de um costume particular só pode ser dada a partir de seu contexto cultural, à medida que “[...] cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira” e isso permite dizer que “este estilo, “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos” (CUCHE, 2002, p. 45).

A partir dos estudos de Bakhtin, Hannerz defende que “a hibridizava antes de tudo a coexistência de duas línguas, duas consciências linguísticas, mesmo dentro de uma única fala” (HANNERZ, 1997, p. 26). Ainda, Hannerz (1997), fazendo alusão aos estudos de Malinowski, aborda que a transculturação caracteriza-se como “um processo a partir do qual decorre uma nova realidade, transformada e complexa, uma realidade que não é um aglomerado mecânico de traços, nem mesmo um mosaico, mas um novo fenômeno, original e independente” (HANNERZ, 1997, p. 27).

Defende-se, nesta dissertação, que a compreensão abstrata, conceptual e teórica do mundo não é original, mas funcionando a partir de uma ordem de utilidade pragmática, imersa em situações de um determinado contexto. Dessa forma, a linguagem é tomada “não apenas como lugar onde as relações de dominação e exclusão se cristalizam, mas também onde essas relações são negociadas, produzidas e reproduzidas” (SEMPRINI, 1999, p. 66-7).

Considerando os muitos aspectos históricos comuns da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, pode-se dizer que esse espaço constitui uma região cujos produtos culturais revelam um discurso *regional*⁷, à medida que há a presença de valores, crenças, características linguísticas peculiares e visão de mundo de acordo com a história da qual os sujeitos fazem parte. Configura-se, nesse caso, um *ethos*, uma vez que é pode ser tido como

por ostentar el poder simbólico de una específica modalidad de comunicación, con sus propios sistemas clasificatorios, formas de referencia y tratamiento, léxicos especializados y metáforas.

⁷ Para Bourdieu (1996, p. 110), o discurso regionalista caracteriza-se como performativo, à medida que tenta categorizar novas acepções de fronteiras, e ainda, legitimar e reconhecer a *região*.

“o tom, o caráter e a qualidade e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 1989, p. 94).

Assim, encontramos na construção histórico-cultural do Rio Grande do Sul também a visão edificada da figura do *gaudério*, que ao longo da história passou de vilão a herói, tal qual destaca Oliven (2006):

Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou uma figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc. (OLIVEN, 2006, p. 66)

É visível, nessa perspectiva, a presença de formações imaginárias, vistas como uma imagem que se liga a diferentes sentidos, de acordo com a visão que se consolidou socialmente nos pensamentos dos sujeitos. A presença do *gaudério*, então, consolida-se no imaginário social sul-rio-grandense. Assim, os discursos produzidos pelo gaúcho se constituem a partir de sua história, das diversas guerras que atravessaram o Rio Grande do Sul, bem como as superações diante da mobilidade fronteiriça e os vários desafios encontrados pelos imigrantes que chegaram ao estado. O “ser gaúcho” construiu-se, dessa forma, na e da história, como explica Ribeiro (1995):

Os gaúchos brasileiros têm uma formação histórica comum à dos demais gaúchos platinos. Surgem da transformação étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres Guarani. Especializavam-se na exploração do gado, alçado e selvagem, que se multiplicava prodigiosamente nas pradarias naturais das duas margens do rio da Prata. (RIBEIRO, 1995, p. 14)

E é a partir da história que hábitos e costumes foram interiorizados na identidade do gaúcho, causando a visão do povo do Rio Grande do Sul, diante do cenário nacional “no uso do chimarrão, no gosto pelo churrasco de costelas e no linguajar entreverado da fronteira” (RIBEIRO, 1995, p. 425).

A partir das ideias expostas, alude-se para o pensamento de Pozenato, que defende a posição de que a região “se apresenta como um espaço, ela é um espaço definido por uma história diferente da do espaço vizinho e externo” (2003, p. 152). Pode-se assim considerar o espaço de fronteira como um espaço aberto, inconcluso, ambíguo e ao mesmo tempo intenso, podendo ser visto também como uma *região* ilhada por diversas *regionalidades*, constituída por uma rede de relações que vão além da limitação geográfica.

Observa-se, então, a questão cultural, identitária e linguística concretizada no espaço de fronteira, à medida que os sujeitos exercem uma dupla troca, tornando aspectos sociais híbridos, mas deixando evidente a coexistência de duas identidades que são acionadas de formas e em contextos diferentes, configurando a identidade do sujeito fronteiriço que está imerso em constantes contatos linguísticos e culturais intensos entre lusos e hispanos “com que se desenvolvesse uma identidade cultural muito próxima, se não igual, nas regiões de fronteira em ambos os lados.” (GUDOLLE; RODRIGUES, 2011, p. 43).

2 AS FRONTEIRAS DA LINGUAGEM: LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA

Nenhuma língua se mantém imóvel e imutável, mas pode transformar-se ao longo da história, de lugar para lugar, de ocasião para ocasião, inspirando sempre fatos de cultura. Segundo Altenhofen, Mello e Raso (2011):

É importante, também, notar que a história de uma língua está diretamente associada à história das gerações de seus falantes. Nenhuma língua jamais foi estática. O processo de mudança linguística ocorre tanto sincrônica quanto diacronicamente, e toda língua será sempre uma abstração, formada por variedades e registros distintos em um mesmo momento no eixo temporal. (ALTENHOFEN; MELLO; RASO, 2011, p. 29)

As palavras que constituem uma língua exercem força, uma vez que muitas vezes transcendem as barreiras das fronteiras linguísticas e políticas, acabando por “incorporar-se” na linguagem escrita, mas, sobretudo na fala. Isso pode ser evidenciado no léxico, que, segundo o *Dicionário de linguagem e linguística*, abrange o vocabulário de uma determinada língua, ou seja, todas as palavras das quais um falante de uma língua pode fazer uso: “todo falante de uma língua possui um determinado vocabulário, que compreende seu **vocabulário ativo**, ou seja, as palavras de que ele faz uso, e seu **vocabulário passivo**, ou seja, as palavras que ele compreende, mas normalmente não usa” (TRASK, 2008, p. 155).

Dessa forma, o léxico constitui-se como a “somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179) e consiste no “saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural”⁸ (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 9). Por isso, “representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade”, e dessa forma, ao mesmo tempo ele “recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 9). Ainda, os itens lexicais que compõem o acervo lexical de uma comunidade podem ser percebidos como se conectados em termos de relações de sentido e coordenados em campos lexicais. Um dos autores que aborda a teoria dos campos lexicais é Coseriu, sobre o qual Abbade (2011) explica

Os campos lexicais representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a

⁸ As citações anteriores à reforma ortográfica serão mantidas na ortografia do texto original.

partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só tem sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação (ABBADE, 2011, p. 1332).

Percebendo o léxico como elemento importante nas investigações que buscam relacionar língua, cultura e identidade, o presente capítulo traz reflexões sobre as questões da linguagem que envolvem a Sociolinguística e a Dialetoлогия, estabelecendo as relações entre linguagem, sociedade e cultura.

Nesse viés, na primeira seção, a discussão girará em torno dos conceitos de Sociolinguística e Dialetoлогия a partir das ideias de autores como Coseriu (1982), Labov (2008), Petri (2003) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Nesse momento ainda serão debatidas algumas questões sobre o processo de variação linguística, bem como a caracterização da variedade diatópica e a variedade diastrática.

Na segunda seção, o tema desenvolvido é o contato linguístico. Dentro desse âmbito, serão apresentadas as principais ideias sobre o estudo das línguas em contato a partir das contribuições de autores como Calvet (2002), De Heredia (1989), Edwards (2004), Hagège (1996), Lyons (1987), Mackey (1972), Siguan (2001), Titone (1993) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Ainda na perspectiva desses autores, serão abordadas questões inerentes ao contato linguístico, tais como interferência linguística, *code switching*, *pidgins*, *crioulo* e bilinguismo.

Na última seção do capítulo, são levantadas discussões em torno dos estudos linguísticos sobre os falares no sul do Brasil, tendo duas principais vertentes: os projetos ALERS e o VARSUL sob a luz dos pensamentos de Altenhofen, Mello e Raso (2011) e Vandresen (2005) e os estudos sobre as interferências linguísticas no cenário entre Brasil, Argentina e Uruguai, com base nas contribuições de Espiga (2006), Mignoni (2000), Pastaflogia (2008), Rocha (2008), Santos (2008) e Sturza (2005; 2006).

2. 1 SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

As pesquisas na área da Linguística ao longo do século XX ganham novas dimensões, principalmente com o início de investigações de caráter interdisciplinar; surgem, então, novos ramos nessa área como a Análise de Conversação, a Análise do Discurso (AD), a Dialetoлогия, a Etnografia da Comunicação, a Etnometodologia, a Linguística Textual (LT), Psicolinguística e a Sociolinguística.

A Dialetoologia configura-se como o ramo que procura desvelar a configuração espacial das línguas, caracterizando-se como o estudo das interfaces da variedade diatópica⁹ e das relações interdialetais (COSERIU, 1982, p. 36). A partir de um enfoque diatópico e sociolinguístico, observa-se que:

Todo falante está constantemente adaptando seus hábitos de fala aos de seu interlocutor, ele abre mão de formas que tem usado, adota novas e, talvez mais frequentemente que tudo, muda a frequência das formas faladas sem abandonar inteiramente as velhas ou aceitar qualquer uma que seja realmente nova para ele. (BLOOMFIELD apud WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 93-4)

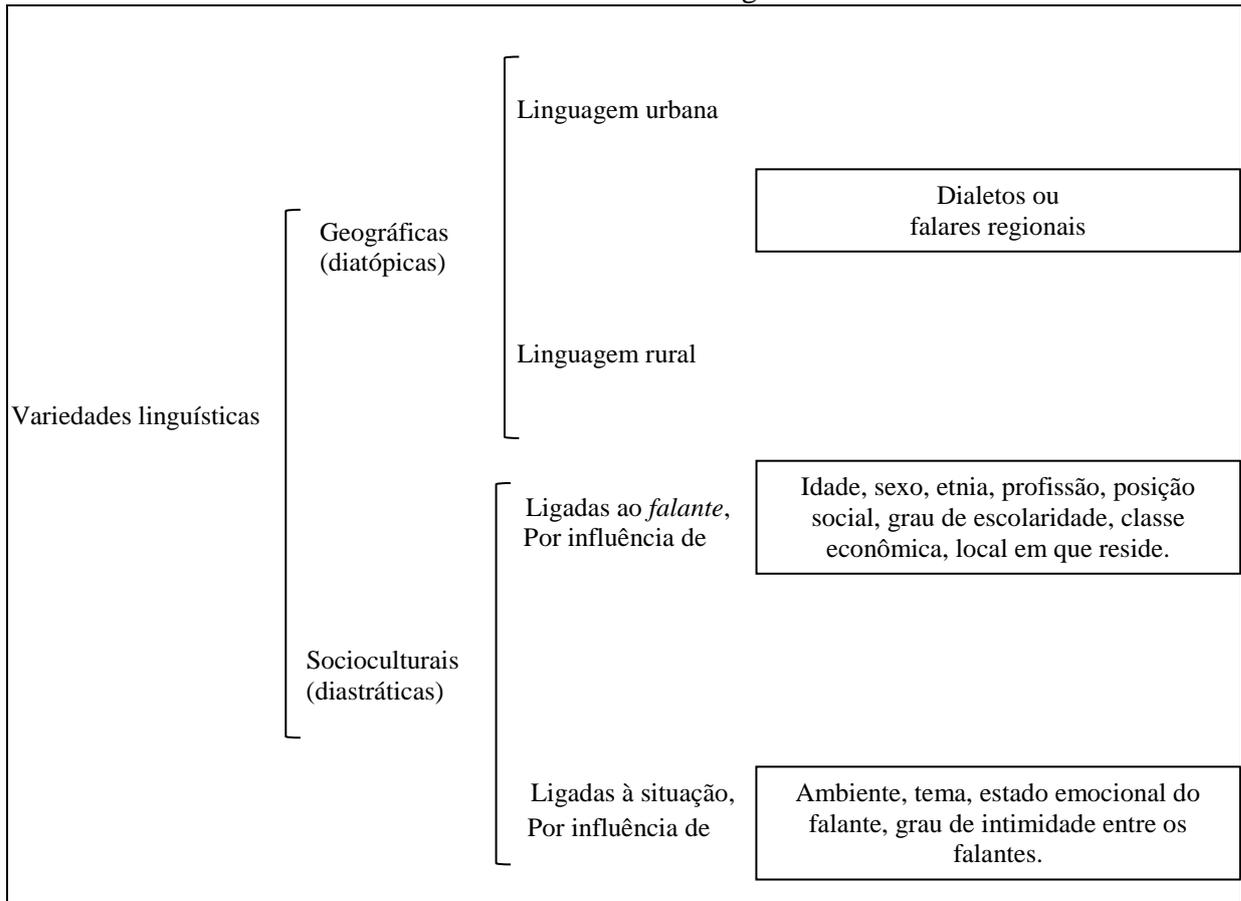
Nessa perspectiva, a Dialetoologia preocupa-se com a coleta de dados num plano horizontal (diatópico); tendo como principal fonte a oralidade. Os dados coletados são sistematizados num instrumento chamado carta geolinguística, que constata as diversas heterogeneidades presentes em diferentes espaços geográficos. A Sociolinguística, ramo da Linguística que nasce a partir dos estudos da Dialetoologia, procura investigar as relações entre linguagem e sociedade. Diferentemente da Dialetoologia, porém, a Sociolinguística realiza estudos dentro de um plano vertical, ou seja, observando principalmente as questões socioculturais que envolvem a língua.

Investigações importantes emergem a partir dos estudos de Labov (2008) [1966], que desenvolveu pesquisas nas áreas da sociolinguística, variação e mudança linguísticas. Os dados levantados e as análises realizadas por Labov revelaram que a heterogeneidade individual é ordenada no nível da comunidade e nem sempre as formas linguísticas de prestígio são adotadas; as pessoas têm um relativo domínio sobre sua forma de falar e que também podem optar por manter ou mudar sua identidade na fala. Ainda, pode ser destacada, dentro desses estudos, a constatação de que a forma de linguagem padrão é conservadora enquanto as formas de linguagem não-padrão são inovadoras e apontam tendências da língua, corroborando o fato de que as formas linguísticas sofrem mudanças ao passar do tempo.

Nesse contexto, constata-se que tanto no âmbito sociocultural, quanto no geográfico a língua varia, de forma que podemos destacar que questões como idade, sexo, etnia, profissão, posição social, grau de escolaridade, classe econômica, local em que reside influenciam nos aspectos linguísticos (PRETI, 2003). Na sequência (Fig. 4), apresentamos um esquema sobre as configurações das variedades diatópicas e diastráticas:

⁹ A variação diatópica corresponde à ocorrência de diferentes falares em regiões geográficas distintas.

FIGURA 4: Variedades Linguísticas



Fonte: adaptado de Preti (2003, p. 41)

Os estudos sobre as questões de variedades linguísticas, num mesmo momento histórico, encontram-se divididos principalmente em dois campos: variedades geográficas (ou diatópicas) e variedades socioculturais (ou diastráticas). No primeiro caso, a variação ocorre na perspectiva horizontal da língua, num plano geográfico, onde existe uma diversidade de características (fonéticas, lexicais, morfológicas, sintáticas ou semânticas) que se tornam peculiaridades vinculadas a determinadas regiões e/ou determinadas culturas. Esse tipo de variação pode gerar ainda a oposição entre linguagem urbana e linguagem rural (PRETI, 2003). No segundo caso, a variação ocorre na perspectiva vertical, ou seja, “dentro de uma comunidade específica (urbana ou rural)” e “podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao *falante* (ou ao grupo a que pertence) ou a ambos simultaneamente” (PRETI, 2003, p. 25).

Entre os estudos dialetológicos e sociolinguísticos, o contato linguístico é um frequente objeto de estudo dessas duas áreas, já que é um fenômeno observável e relevante, tendo em vista o grande número de línguas existentes no mundo e a aglomeração de muitas numa mesma fração geográfica. A seção seguinte visa a debater sobre as questões inerentes ao

contato linguístico, como interferência linguística, *code switching*, *pidgins*, crioulos e bilinguismo.

2.2 CONTATO LINGUÍSTICO

As investigações no âmbito da linguística comparada sobre a diversidade linguística no mundo emergem no século XIX com a finalidade de levantar o maior número possível de línguas faladas no mundo. Aliados à linguística comparada, etnólogos e antropólogos passaram a compartilhar desse mesmo interesse, no intuito de buscar por meio da linguagem as peculiaridades das diferentes culturas (SIGUAN, 2001).

Os estudos linguísticos de diferentes naturezas consideram a presença de cerca de 6.000 línguas espalhadas em 200 países pelo mundo; desses, 120 têm como língua oficial o inglês, o espanhol, o árabe ou o francês (SIGUAN, 2001). Não raro, constata-se a presença de diferentes línguas coexistindo num mesmo espaço geográfico ou com grande proximidade umas das outras. Esse plurilinguismo permite que diversas línguas estejam em contato de diferentes modos e em diferentes perspectivas.

Os estudos sobre o contato linguístico, um dos ramos possíveis da dialetologia, confirmam “a ideia de que a coexistência estável de longo prazo é muito frequentemente uma ilusão, promovida talvez pela existência de um léxico e de uma morfofonêmica relativamente estáveis” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 95). No momento em que duas sociedades estão intimamente em contato, constituindo uma fronteira entre si, e suas línguas passam a exercer fluência ou convergência entre os falantes, evidenciam-se sociedades de línguas em contato (SIGUAN, 2001). A presença de diferentes línguas num mesmo espaço configura a necessidade de encontrar um mecanismo que possibilite o processo comunicativo. Nesse viés, um grupo de falantes de determinada língua, confrontado com outro, tende a encontrar um meio pelo qual haja comunicação.

2.1.1 Interferência Linguística

Como decorrência do contato entre duas línguas, podem ser verificadas interferências¹⁰ de uma língua na outra; Calvet (2002) defende que existem três possíveis

¹⁰ Não trabalharemos nesta dissertação com a noção de transferência linguística de Odlin (1989), que diz que é um conjunto de fenômenos observáveis na fala e/ou na escrita de falantes de uma L2 que revelam aspectos da estrutura de superfície ou profunda da L1, usados em lugar das formas apropriadas da L2.

tipos: as fônicas, de origem fonológica, interferindo no “sotaque”; as sintáticas, no âmbito da organização estrutural da oração; e as lexicais, na utilização de termos linguísticos de uma língua em outra.

Geralmente no processo de aprendizagem de uma segunda língua, como quando a criança tem pais falantes de diferentes línguas ou vive em contextos bilíngues há a ocorrência de interferência ou mesclas de códigos. Para a interferência ser socialmente aceita há a incorporação de empréstimos linguísticos ao vocabulário habitual, de um grupo determinado ou no conjunto da sociedade. As interferências, conforme Siguan (2001), podem ser de quatro tipos: fonética e prosódica; ortográfica; léxica e semântica e as morfossintáticas e gramaticais.

As interferências fonéticas e prosódicas ocorrem quando há a presença de um determinado som de uma língua no enunciado da outra; nesse caso, podem também surgir sons na tentativa de “imitar” os da segunda língua. As interferências ortográficas concretizam-se como uma troca de grafia e ocorrem principalmente quando duas línguas têm regras ortográficas diferentes, mas algumas palavras foneticamente parecidas. As léxicas e semânticas giram em torno do vocabulário e dos processos significativos. Nesse contexto é que surgem os empréstimos. Por fim, as interferências que trocam sistemas gramaticais constituem-se como morfossintáticas e gramaticais (SIGUAN, 2001).

Conforme Lyons (1987) a concretização de um empréstimo linguístico não pode ser explicada como simples questão de influência fonética, pois vai além disso, incorporando aspectos do vocabulário, gramática e fonologia (LYONS, 1987, p. 154). Nessa perspectiva, “a interferência lexical pode produzir o empréstimo: mais do que procurar na própria língua uma equivalente a um termo de outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra adaptando-se à própria pronúncia” (CALVET, 2002, p. 39).

Como exemplo de empréstimos da língua espanhola para a língua portuguesa, a partir do contato linguístico entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, Rocha (2008) defende:

[...] podemos afirmar que encontramos, nos dados do ALERS, outras variantes hispânicas que são, além de *cerro*, *coxilha*, *sanga*, *rastilho* e *jugo* já descritas pela literatura, *galpão*, *bagual*, *coiúdo* (*colhudo*), *pastor*, *borrego*, *guampudo*, *aspa*, *guampa*, *cola*, *garrão*, *chicochoelo*, *rengo*, *lunanco*, *bolita*, *bodoque*, *pandorga* (*pandolga*, *bandorga*), *rinha de galo*, *carreira*, *jogo da/de tava*, *guisado*, *borracho* e *bolicho*, consideradas, nesse trabalho, como indícios claros de empréstimos do espanhol (ROCHA, 2008, p. 135-6).

Para Titone (1993), a interferência linguística está relacionada com a utilização de características e/ou elementos de uma determinada língua por um falante de outra, num

processo em que a fala (*parole*)¹¹ é que geralmente pode variar conforme o contexto e a situação. No entanto, o empréstimo linguístico configura-se de maneira mais resistente, já que habita no plano do coletivo. Dessa forma, na interferência, o tipo de linguagem e as circunstâncias que envolvem o processo de comunicação conduzem às possibilidades de variação (TITONE, 1993).

Ainda, no contexto de contatos linguísticos, pode ocorrer decalque ou tradução do empréstimo, este visto como o processo da “aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significação equivalente criada para esse fim” (ASSUMÇÃO Jr., 1986, p.109). Todavia, esse processo nem sempre é identificável com propriedade e facilidade, visto que muitas vezes o empréstimo funciona como “um mecanismo integrador de material lingüístico estrangeiro” (MANZOLILLO, 1999, s.p.). Dentro desse processo, Manzolillo (1999) propõe o exemplo da expressão anglo-americana *skyscraper* que se caracteriza como tradução de empréstimo nas seguintes línguas: francês (*gratte-ciel*), espanhol (*rascacielos*), italiano (*grattacielo*), alemão (*Wolkenkratzer*, com “nuvens” em lugar de “céu”), russo (*skrebница neba*), além do português (*arranha-céu*). É importante destacar que os estudos filológicos contribuem para a identificação das diferentes ocorrências.

2.1.2 Code Switching

A alternância de códigos – *code switching* – pode ter razões pragmáticas, para manter ou facilitar a comunicação, para responder às expectativas do interlocutor ou para produzir determinada impressão a este (SIGUAN, 2001). Assim, o *code switching* é visto como a capacidade de um falante manter separados os códigos linguísticos que usa, de tal modo que quando utiliza um, o outro fica em suspenso, tornando possível “trocar” de um código para outro num processo de comunicação. Hagège (1996, p. 216) define alternância de códigos como a “utilização alternada de duas línguas, de uma frase a outra frase ou, numa mesma frase, de uma a outra das suas partes”. Ainda, quanto aos sujeitos envolvidos nesse fenômeno De Heredia afirma:

Pode também passar de uma língua para a outra durante uma mesma conversa ou mesmo, no interior de uma frase, fazer empréstimos ou criar neologismos híbridos

¹¹ O primeiro a realizar a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*) foi Saussure em que a primeira está relacionada com o plano social enquanto a segunda com o plano individual (LYONS, 1987).

que ele saberá que serão compreendidos por seu interlocutor já que eles dois dispõem dos dois códigos. (DE HEREDIA, 1989, p. 212)

Dentro desse âmbito, os empréstimos e neologismos pertencentes ao vocabulário habitual são incorporados a partir do contato entre duas línguas, que é uma das consequências da alternância de códigos. Nesse caso, um grupo determinado ou o conjunto da sociedade herdaram essas características, envolvidos como um processo de variação (SIGUAN, 2001). Labov (2008) explica que a análise formal contemporânea oferece duas opções no que diz respeito ao lugar da variação na estrutura linguística:

- (1) diz-se que as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de "mistura dialetal" ou alternância de código" [*code-switching*];
- (2) diz-se que as variantes se encontram em "variação livre" dentro do mesmo sistema, e a seleção abaixo do nível da estrutura linguística. (LABOV, 2008, p. 221)

Dessa forma, na variação por alternância de códigos há nitidamente a mobilidade de um conjunto consistente de regras co-ocorrentes para outro, executada pelo falante; já na “variação livre” não existe essa mobilidade (LABOV, 2008). Conforme Siguan (2001, p. 186), as mesclas podem produzir uma nova forma de comunicação como *pidgin*, que pode evoluir para uma nova língua, como o *crioulo*.

2.1.3 *Pidgins e crioulo*

Fala-se em *pidgins* quando há situações de aquisição de vocabulário ou de estruturas sintáticas de uma língua sobre a outra em cenários de “imposições” linguística. O “primeiro exemplo é o inglês *pidgin* que se desenvolveu nos contatos comerciais entre ingleses e chineses ao longo da costa do mar da China, tomando o vocabulário emprestado ao inglês e sua sintaxe ao chinês” (CALVET, 2002, p. 34). Nesse contexto, os *pidgins* constituem-se como “sistemas linguísticos simplificados nascidos do contato cosmopolita entre os navegadores e os comerciantes nos grandes postos ou entre os escravos e seus senhores nas plantações” (DE HEREDIA, 1989, p. 206-7).

Como exemplo, Lyons (1987) mostra o caso de muitos *pidgins* serem formados com contribuições da gramática, vocabulário e estrutura fonológica da língua inglesa, num contexto em que "os *pidgins* mais conhecidos desenvolveram-se todos dos contatos entre povos que não tinham nenhuma língua em comum" (LYONS, 1987, p. 209). Assim, os *pidgins* concretizaram-se como o veículo de comunicação utilizado por indivíduos que precisavam um canal pelo qual houvesse comunicação.

Já o *crioulo* surge quando há estabilidade, possuindo uma língua base e empréstimos lexicais de outra língua. De Heredia (1989) explica que “as línguas crioulas desenvolveram-se e se tornaram mais complexas a partir dos pidgins destinados a permitir a comunicação entre senhores e escravos mas que não construíram, para os filhos de escravos, um modelo coerente” (DE HEREDIA, 1989, p. 208). Dessa forma, o *crioulo* edifica-se como uma língua criada numa comunidade onde geralmente se desenvolveu um *pidgin* e outras línguas também são faladas.

De acordo com Lyons (1987) “os **pidgins e línguas crioulas**, que se originam como vernáculos altamente restritos de determinado tipo, mas, como línguas crioulas podem alcançar em certas circunstâncias o *status* de padrão” (LYONS, 1987, p. 209). Assim, à medida que o *pidgin* caracteriza-se com a utilização limitada de um ou dois assuntos e um vocabulário reduzido, o *crioulo* têm um maior número de itens lexicais e preenche todas as necessidades comunicativas.

2.1.4 Bilinguismo

O bilinguismo edifica-se a partir da aquisição de uma segunda língua (L2), dada por meio de convivência num ambiente onde circulam duas línguas, por situações de contato ou por aprendizagem. Para Siguan (2001), a coexistência de duas línguas em uma mesma sociedade pode evidenciar a presença de um grupo, seja ele grande ou pequeno, de indivíduos bilíngues. Como bem aponta De Heredia,

O bilíngue não é mais o “lócus” em que se adicionam duas línguas mas alguém que dispõe de um “repertório verbal” (a expressão é de Gumperz) que lhe é próprio mas que compartilha também com outros bilíngues. Algumas partes deste repertório são identificáveis por ele mesmo ou por outros, como pertencendo à língua X, outros à língua Y, outros, enfim, são mais difíceis de classificar. [...] Mas esses elementos inclassificáveis retomam seu lugar na óptica do repertório bilíngue. X e Y seriam aí dois polos de um continuum que admitiria palavras híbridas, enunciados mistos e alternância no emprego das línguas. (DE HEREDIA, 1989, p. 212)

Assim, um sujeito bilíngue, ao falar numa determinada língua, pode “inserir” uma palavra ou enunciado de outra que conhece, como recurso pragmático com fins específicos no processo comunicativo, uma vez que “a alternância de códigos ou a mistura de línguas podem responder a estratégias conversacionais, para fazer sentido” (CALVET, 2002, p. 36).

Segundo De Heredia (1989, p. 183), bilinguismo precoce ocorre “quando uma criança aprende a falar em duas línguas ao mesmo tempo, isto é, quando ela tem duas línguas maternas”. Nesse contexto, geralmente a aquisição das duas línguas é dada entre 0 e 5 anos,

como por exemplo, o filho de um casal misto (pais com diferentes línguas). Conforme Bloomfield, nesse caso, teríamos um “verdadeiro” bilíngue, por desenvolver a capacidade de aquisição de duas línguas concomitantemente, como a de um monolíngue (DE HEREDIA, 1989, p. 183).

Dentre os estudos de Hagège (1996), encontramos a definição do ser verdadeiramente bilíngue:

Ser verdadeiramente bilíngue implica que se saiba falar, compreender, ler e escrever duas línguas com a mesma facilidade. Um critério seguro desta perfeição das duas competências é, no manuseamento de cada uma das línguas, o igual conhecimento, ou seja, a igual rapidez de utilização, enquanto locutor, e de identificação, enquanto ouvinte, de determinadas estruturas que caracterizam todas as línguas. (HAGÈGE, 1996, p. 198)

Assim, o bilíngue, segundo o autor, é aquele que é altamente competente nas duas línguas, ou seja, consegue compreender e expressar plenamente num processo comunicativo em que o sujeito considerado bilíngue “emprega e compreende os contornos idiomáticos de duas línguas com a mesma facilidade, mas não é necessariamente um tradutor profissional” (HAGÈGE, 1996, p. 201).

De acordo com De Heredia (1989), estudos modernos defendem uma nova concepção, a do semilinguismo, que ocorre quando um indivíduo consegue usar duas línguas de forma superficial, mas não possui um amplo repertório em nenhuma delas. Essa concepção é avaliada de acordo com dois critérios:

- a) as normas de competência da comunidade, principalmente em leitura e escrita;
- b) as capacidades individuais dos locutores bilíngues tais como a extensão de seu vocabulário, a correção de seus enunciados, o autoritarismo com o qual fala, sua criatividade especialmente quanto à neologia, seu domínio das funções cognitivas e performativas, o grau e a riqueza de suas significações individuais. (DE HEREDIA, 1989, p. 194)

A partir desses critérios, De Heredia (1989) observa o caso dos filhos de migrantes que não concretizam o processo comunicativo com grande interação nem na língua de origem, nem na língua do país em que estão, como ocorre com frequência com os jovens argelinos que se escolarizam na França e voltam à Argélia (DE HEREDIA, 1989). Em contrapartida, Lyons afirma que:

Existem muitas comunidades bilíngues cujos membros usam regularmente um dialeto para finalidades mais públicas ou formais e o outro em situações mais informais ou coloquiais. Dada a validade da distinção entre o formal e o coloquial (definível, talvez, para determinadas sociedades, em termos de domínios relevantes),

podemos distinguir um dialeto alto (A) e um dialeto baixo (B) em termos desse critério puramente funcional. (LYONS, 1987, p. 212)

O bilinguismo perfeito, se é que existe, é extremamente raro, porque é raro que as pessoas estejam em posição de usar cada língua numa gama completa de situações e de adquirir, dessa forma, a competência exigida. Entretanto, não é incomum as pessoas se aproximarem do bilinguismo perfeito, sendo igualmente competentes em ambas as línguas numa gama de situações (LYONS, 1987, p. 210). Para Lyons (1987), nas ocorrências de bilinguismo geralmente uma língua será "dominante" e a outra "subordinada", processo no qual o uso da segunda “envolve um processo de tradução da língua dominante num nível razoavelmente superficial” (LYONS, 1987, p. 210).

Na ocorrência de bilinguismo, salienta-se a importância de outros fatores que estão interligados à linguagem, como os aspectos culturais, tendo em vista que “a conservação da língua não deve ser dissociada de outros comportamentos relacionados à identidade cultural e ao êxito” (DE HEREDIA, 1989, p. 191).

Já para Edwards (2004) existem seis tipos de bilinguismo. O receptivo, no qual o falante “compreende” uma outra língua¹²; o produtivo como a ação de compreender e falar; o aditivo, que se verifica no processo de aprender outra língua e expandir o repertório; o subtrativo, que consiste no processo de substituição de uma língua por outra; o primário, ocorrido quando uma língua é interiorizada por condições contextuais; e secundário, aprendido a partir de um processo educacional.

Conforme Siguan, o sujeito bilíngue é aquele que “possui dois sistemas linguísticos – duas línguas – com amplitude e profundidade similar e que é capaz de utilizá-los em qualquer situação de seu contexto social com parecida facilidade e eficácia”¹³ (SIGUAN, 2001, p. 29). Mackey (1972) observa algumas questões inerentes ao fenômeno do bilinguismo: o grau de conhecimento e de habilidade da língua, a função na qual ela é utilizada, o processo de alternância (como e quando a língua é utilizada) e se há interferência de uma na outra ou as duas mantêm-se separadas. Diante desses aspectos, o autor defende que o bilinguismo não se configura como um fenômeno da linguagem, mas como pertencente à *parole* (MACKEY, 1972). Desse modo, o estudioso recomenda que se considere o bilinguismo como um

¹² Edwards (2004) também se refere ao bilinguismo receptivo como *semibilinguismo*.

¹³ Tradução livre do autor. No original “que posee dos sistemas linguísticos – dos lenguas con amplitud y profundidad similar y que es capaz de utilizarlos en cualquier situación de su contexto social con parecida facilidad y eficacia” (SIGUAN, 2001, p. 29).

fenômeno individual e não social, visto o feixe de relações complexas que envolvem o mesmo.

Em contextos diglossia – coexistência de duas formas linguísticas em uma mesma comunidade – pode-se evidenciar ocorrências de mudança de código, resultados geralmente de uma mudança de situação comunicativa, bem como a presença do bilinguismo. Podem ser observadas em diferentes lugares do globo, como exemplifica Lyons:

[...] duas pessoas tratando de negócios em inglês na Tanzânia poderiam mudar para o suaíli de repente ou, se ambas são membros do mesmo grupo étnico e linguístico, para um vernáculo local, quando o assunto da conversa muda de negócio propriamente para questões mais pessoais. O mesmo tipo de mudança de código foi observado em muitas comunidades bilíngues: na Índia, entre o inglês e o hindi/urdu, bengali, tâmil ou uma de muitas outras línguas locais; no Paraguai, entre o espanhol e o guarani; na comunidade porto-riquenha de Nova York, entre o inglês e o espanhol. (LYONS, 1987, p. 211)

A incidência do bilinguismo, identificado em casos como o de línguas em contato, pode ter como um dos fatores relevantes o caso da incorporação de itens lexicais de uma língua na outra. O léxico, neste caso, pode demarcar uma região e concretizar a incidência de uma identidade regional, linguística e cultural, como pode ser assim explicado:

A fala de um indivíduo revela a seus interlocutores algumas das marcas que lhe são peculiares, podendo informar tanto sua etnia, classe sociocultural, faixa etária quanto e, principalmente, suas atitudes em relação à sua própria linguagem. (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2006, p. 98-9)

Ainda nessa perspectiva, ressalta-se que o bilinguismo pode ser encarado também como biculturalismo, já que toda língua carrega seus aspectos intrínsecos e socioculturais, como, por exemplo, a literatura produzida e reconhecida (TITONE, 1993). Desse modo, o indivíduo que se encontra imerso num contexto de contato linguístico, com culturas e línguas diferentes, acaba por “incorporar” aspectos linguístico-culturais, uma vez que “quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que se misturem em seu discurso e que ele produza enunciados ‘bilíngues’” (CALVET, 2002, p. 45).

Pires-Santos (2010), ao estudar o contato linguístico entre Brasil e Paraguai, constata características bilíngues na escrita dos alunos brasiguaios (aqueles que têm como língua materna a língua portuguesa):

É importante observar que o texto em foco apresenta ocorrências comuns à maioria dos alunos brasileiros, sendo possível encontrar explicações para a motivação da maioria das ocorrências como, por exemplo, nas seguintes palavras: **di/de** - transferência da oralidade para a escrita; **fas/faz** – hipótese para a grafia do fonema

/s/; **tem/têm** – exceção às regras de formação de plural da norma culta que prevê a distinção de plural/singular pelo acréscimo do acento agudo. Por outro lado, o aluno coloca adequadamente a acentuação em **elétricas, fábricas, eletrodomésticos**, evidenciando um cuidado com a grafia, embora haja uma oscilação entre o emprego de acentuação em uma palavra e a ausência do acento na outra ocorrência da mesma palavra, como em **elétricas/electrica/electricos** (PIRES-SANTOS, 2010, p. 44).

Na seção seguinte serão abordadas pesquisas sobre contato linguístico e bilinguismo realizados no sul do Brasil, dando ênfase para as questões inerentes à fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai.

2.3 ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE OS FALARES NO SUL DO BRASIL

As línguas caracterizam-se como heterogêneas à medida que “através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia” (CASTILHO, 2014, p. 197). Nesse âmbito, surgem diferentes “falares” para dar conta das diversas circunstâncias comunicativas cotidianas e das diferentes maneiras de comunicação de diferentes grupos culturais; as línguas, nesse caso, estão “voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas” (CASTILHO, 2014, p. 197).

Falares, então, configuram-se como diferentes modos de expressar em uma língua, envolvendo variações de ordem histórica, sócio-econômica, de lugar para lugar, de cultura para cultura. É nesse universo que surgem pesquisas que visam a analisar e descrever o modo como as línguas se comportam em diferentes perspectivas.

No sul Brasil são estudados em diferentes perspectivas: a partir de projetos de universidades ou mesmo interinstitucionais como o ALERS, VARSUL e BIRS, como também de estudos de teses, dissertações e pesquisas realizadas por estudiosos que visam a refletir sobre a linguagem em uso nos três estados do sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Inseridas nesse contexto, são apresentadas na sequência algumas pesquisas realizadas sobre contato linguístico e fronteira, a fim de se refletir sobre os trabalhos já existentes e suas respectivas constatações.

Os diversos contatos linguísticos existentes no sul do Brasil constituem um dos estudos que ganha destaque no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Esse projeto é constituído de pesquisas relacionadas com questões no âmbito da geolinguística, tendo caráter interinstitucional envolvendo a Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). As pesquisas desenvolvidas dentro deste contexto discutem a construção da

língua portuguesa do Brasil, e ainda, levantam dados que contribuem para a edificação de uma teoria da variação linguística no cenário da região sul do país.

Neste contexto, encontramos os estudos do projeto BIRS – Bilinguismo no RS – coordenado na UFRGS por Walter Koch, que desvendam as proporções que alcançaram a língua dos imigrantes europeus dentro do cenário sul-rio-grandense (ALTENHOFEN; MELLO; RASO, 2011, p. 29). O projeto, com o fim de reunir dados para o ALERS e mapear as áreas bilíngues no Rio Grande do Sul, realizou um levantamento de dados a partir de correspondências de rapazes alistados no serviço militar entre 1985 e 1987 no estado. Em efeito, a pesquisa revelou que no âmbito da imigração 26,41% são bilíngues, sendo 56,61% deste total falantes da língua alemã, 33,94% da língua italiana e 3,97% da língua polonesa.

Em outro âmbito, encontramos o projeto VARSUL - Variação Linguística Urbana do Sul do País. A ideia inicial desse projeto surge entre 1982 e 1987 durante os "Encontros de Estudo do Bilinguismo e Variação Linguística" a partir de uma comissão formada pelos professores Leda Bisol (RS), Solange de Azambuja Lira (SC) e Carlos Alberto Faraco (PR), contudo somente em 1989 foi aprovado junto ao FINEP, sob a coordenação do Paulino Vandresen (VANDRESEN, 2005). Dentro desse contexto, as investigações procuram os ricos e variados contatos existentes na região sul do Brasil, dados nos primeiros séculos a partir da colonização europeia (portugueses e espanhóis) com os povos indígenas aqui estabelecidos e intensificados com a chegada dos imigrantes alemães, italianos, japoneses, poloneses, entre outros (VANDRESEN, 2005). Nesse percurso, o projeto envolveu linguistas, sociolinguistas e dialetólogos, que procuraram realizar uma descrição do contexto complexo de bilinguismo e variabilidade dialetal na língua portuguesa a fim de formar um "Banco de Dados do Português Falado na Região Sul", onde é possível encontrar dados linguísticos e socioculturais para estudos de fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e discurso. Nesse mesmo projeto, foram defendidas várias teses e dissertações que contemplam múltiplos aspectos.

Outros estudos vêm a contribuir com os estudos de contato linguístico entre a Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Mignoni (2000) estuda o contato realizado entre as variantes do português e do espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai. A pesquisa realizada contempla a transferência e a aquisição das vogais espanholas /e/ e /o/, em substantivos e adjetivos, por falantes universitários brasileiros. A pesquisa realizada evidenciou que o contato com o espanhol influencia na produção dos falantes brasileiros. No entanto, a autora também destaca que, nesse contexto, a aquisição da segunda língua está inteiramente atrelada à individualidade de cada sujeito.

Behares (2003) defende a ideia de que o espaço que abrange o sul do Rio Grande do Sul e o norte do Uruguai caracteriza-se como uma região cultural e linguisticamente híbrida, construindo traços próprios, num contexto em que é possível destacar a seguinte evidência:

Surgiram assim os Dialectos Portugueses do Uruguai (DPU) e o Português Gaúcho de Fronteira (PGF), que até hoje não deixam de ser variedades de Português muito semelhantes entre si, formas lingüísticas vivas no seio de sociedades e culturas ainda muito homogêneas. (BEHARES, 2003, p. 14)

Os estudos realizados por Sturza (2005), sobre o contato linguístico na região de fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai revelam que a construção do dialeto fronteiriço está relacionado com o domínio territorial ora espanhol, ora português na região do Prata, e por um vasto intercâmbio econômico e cultural. A interinfluência de povos indígenas aqui já estabelecidos com imigrantes europeus, inicialmente, e logo após com outros povos faz brotar dialetos e culturas híbridas. Ainda, a estudiosa investiga a questão das políticas linguísticas no cenário de fronteira, tendo como principal foco de análise as fronteiras do Rio Grande do Sul com os países hispânicos (STURZA, 2006).

Hartmann (2005) pesquisa as performances nas narrativas orais da fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai. Esses estudos revelam a incidência de discursos complexos que representam, com certa vitalidade, uma tradição comum que foi construída historicamente e, sobretudo, é recriada cotidianamente na contemporaneidade. Nesse processo há a constatação, por meio das narrativas, de culturas similares e comuns no contexto de fronteira.

Para Espiga (2006), os estudos sobre a situação de contato linguístico nas regiões de fronteira constituem como um grande aporte para o cenário político e educacional dos países envolvidos; políticas de integração podem ser estabelecidas para a valorização das culturas e dialetos regionais. Através de estudos como esse é possível compreender a interação entre o português e o espanhol e o processo de variação linguística, tanto dentro da perspectiva sincrônica quanto da diacrônica, revelando os dialetos das variantes linguísticas do português do Brasil, bem como as projeções de mudanças.

Aguilera e Busse (2008) estudam o contato linguístico e o bilinguismo nas regiões de fronteira do Brasil e o contato constante com a língua espanhola, evidenciando os fatores de variação linguística. Para os estudiosos, os fatores relevantes na incidência e descrição do bilinguismo estariam interligados “ao grau de bilingüismo do falante, à função, à finalidade e ao papel que as línguas desempenham no comportamento do falante, à alternância entre uma língua e outra, e à interferência, separação e direção das línguas” (AGUILERA; BUSSE,

2008, p. 18). Igualmente, no que diz respeito à alternância de códigos, os estudiosos destacam que:

Em termos comunicativos, quanto à estrutura linguística e à organização do evento comunicativo, a alternância de código parece constituir-se a partir de instâncias que correspondem a negociações de percepções sobre a situação comunicativa, sobre os participantes e sobre o tópico, para, na sequência, realizar-se a escolha do código, que acaba por impor uma constante adequação aos princípios que regem aquela situação comunicativa. (AGUILERA; BUSSE, 2008, p. 23)

Santos (2008) realiza também estudos sobre o contato linguístico na região de fronteira entre Brasil e Uruguai. Sua pesquisa abarca as influências da entonação dialetal. É realizada uma descrição e análise acústica em enunciados de variantes do Português Brasileiro (PB) e do Espanhol Uruguaio (EU) em que é possível destacar a presença de características históricas, regionais e culturais, constatando as marcas sociolinguísticas advindas desse contato.

Outros estudos relacionados podem ser encontrados, como as abordagens realizadas por Rocha (2008), que levanta dados a partir do ALERS e investiga um grande número de variantes lexicais de origem castelhana interiorizadas na variante do português falado no Sul do Brasil. Nesse estudo, a pesquisadora faz reflexões sobre o português de contato com o espanhol no Sul do Brasil e levanta os respectivos empréstimos lexicais de origem castelhana incorporados nos falares dos três estados do sul do Brasil; dessa forma, foram abordadas lexias como “galpão”, “rastilho”, “garrão”, “borracho”, “taipa”, “bolicho”, “chibo”, “rengo” entre outros empréstimos (ROCHA, 2008).

Já Pastafiglia (2008) analisa o imaginário social e a influência do português no espanhol da região do Rio da Prata, observados nas letras dos tangos, construídos também em meio a contatos linguísticos, sendo que uma das questões mais relevantes neste sentido é a imigração em direção a Buenos Aires. Esse estudo perpassa as características da história e da proximidade geográfica entre as terras das colônias portuguesas e espanholas, constatando a existência de empréstimos linguísticos em ambas as línguas e percebendo que esse contato gera “um rico caminho linguístico, de mão dupla” (PASTAFIGLIA, 2008, p. 09).

Pires-Santos (2010) faz reflexões sobre a linguagem da fronteira em o Brasil e o Paraguai, constatando que nesse meio há uma linguagem híbrida. Nessa perspectiva, a autora realiza seus estudos tendo como base dados coletados no contexto escolar, tendo como informantes estudantes “brasiguaios”, como propõe a pesquisadora. Como resultado da pesquisa, é contemplado o olhar que se “distancia da visão idealizada do bilinguismo ideal,

ancorada na homogeneidade” e em contrapartida propõe um olhar ancorado na defesa da multiplicidade, da complexidade linguística e cultural, bem como da permanente mutação; cria-se, assim, a necessidade de buscar alternativas para as políticas educacionais e linguísticas em cenários de fronteira (PIRES-SANTOS, 2010, p. 47). Carvalho (2010) desenvolve pesquisas sobre o português uruguaio (PU), estudando o ensino da língua portuguesa em comunidades bilíngues do norte do Uruguai, já que em Rivera, Artigas, Cerro Largo e Chuí é possível identificar comunidades que fazem uso tanto do espanhol quanto do português; essa última mantém-se viva no cotidiano e na fala dos sujeitos que vivem no norte do Uruguai.

Sobre o Português Uruguaio (PU), Barrios (2011) estuda a diversidade linguística na educação uruguaia. Dados levantados pela pesquisadora revelam que a partir do acordo assinado pelo MERCOSUL houve uma “explosão” no processo educacional no que tange ao ensino de línguas, já que se reforçou o compromisso do ensino da língua portuguesa, lado a lado com a espanhola. Esse cenário possibilitou um aumento na oferta de cursos de português no Uruguai. Instaure-se, nesse caso, uma ocorrência de multilinguismo e valorização não apenas da “língua nacional” (espanhol), mas também do reconhecimento das demais faladas no país, como o português e a língua de sinais (BARRIOS; 2011).

Alvarez (2011) realiza uma pesquisa tendo como base um *corpus* constituído de enunciados orais de falantes brasileiros no espaço de fronteira entre as cidades de Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). Constata, nesse cenário, que “há um universo de designações, funcionando e relacionando pela significação sujeito e língua” (ALVAREZ, 2011, p. 16); nesse sentido, a estudiosa afirma que no espaço de fronteira não existe, numa perspectiva política, uma língua nacional, materna ou segunda língua entre falantes e línguas; o que existe são práticas linguísticas fronteiriças.

Nota-se, então, que a língua pode variar tanto em uma perspectiva diatópica quanto diastrática, adequando-se e moldando-se de acordo com os contextos comunicativos e características sócio-culturais. Na sequência serão apresentados método, técnica e procedimentos realizados nos percursos desta pesquisa.

3 PONTES E FRONTEIRAS: OS PERCURSOS DA PESQUISA

3.1 MÉTODO

A pesquisa qualitativa “é altamente contextual, sendo coletada em um contexto natural, da ‘vida real’” (GRAY, 2012, p. 136-7). Com o intuito de atender ao objetivo geral, a presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que “pressupõe a análise de poucas fontes ou dados, num procedimento exploratório ou de elaboração de hipóteses” (FREITAS, JANISSEK, 2000, p. 22).

Gray (2012), citando Charmaz (1995), define que a pesquisa qualitativa:

Vai além de um simples instantâneo ou uma seção transversal de eventos, e pode mostrar como e por que as coisas acontecem – incorporando, também, as próprias motivações e preceitos das pessoas, bem como incidentes de cooperação e conflito interpessoal. (GRAY, 2012, p. 137)

Assim, caracterizando-se como qualitativa, a pesquisa aqui proposta procura investigar as causas e efeitos do contato linguístico-cultural na fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai. Para Fowler (2011), existem três características básicas da estrutura da amostra a serem levados em conta: a abrangência, construindo-se uma estrutura representativa; a probabilidade de seleção, edificando-se a partir da seleção dos dados; e a eficiência, no que tange ao cuidado de selecionar dados significativos e que consigam revelar plena ou parcialmente os resultados buscados.

O *corpus* da pesquisa é formado a partir da vigésima primeira produção da dupla tradicionalista gaúcha César Oliveira e Rogério Melo, CD intitulado *Rio-grandenses*, em comemoração aos dez anos da dupla e contém as suas principais produções. A seguir é apresentada a discografia¹⁴ dessa obra:

01. HINO RIO-GRANDENSE (Letra: Joaquim José Mendanha / Música: Francisco Pinto da Fontoura)
02. CANTIGA PARA O MEU CHÃO (Letra: Rogério Villagran / Música: César Oliveira)
03. DOMADOR DE FRONTEIRA (Letra: Henrique Abero / Música: César Oliveira)
04. REGIONAL (Letra: Anomar Danúbio Vieira / Música: Rogério Melo)
05. CORAÇÃO DE CORDEONA (Letra: Guilherme Collares / Música: Edilberto Bér gamo)
06. RECUERDO (Letra: Guilherme Collares / Música: Edilberto Bér gamo)
07. PREGO NA BOTA (Letra: Anomar Danúbio Vieira / Música: Rogério Melo | Juliano Gomes)
08. APAISANADO (Letra: Anomar Danúbio Vieira / Música: Marcello Caminha)
09. LA PROVICIA (música: Marcello Caminha)
10. OS “LOCO” LÁ DA FRONTEIRA (Letra: Anomar Danúbio Vieira / Música: Rogério Melo)
11. ZAMBA DE LAS TOLDERIAS (Letra: Bueanaventura Luna / Música: Oscar Valles Fernando Portal)

¹⁴ Dados disponíveis em Fonte: Disponível em: <<http://cesareroferio.com.br/>>. Acesso em 10 de jan. de 2014.

12. CHACARERA DEL RANCHO (Letra: Adolfo Abalos / Música: Hermanos Abalos)
13. A PIOR É MINHA (Letra: Anomar Danúbio Vieira / Música: Rogério Melo / Edilberto Bérghamo / César Oliveira)
14. SOB AS MANGAS DO AGUACEIRO (Letra: André Oliveira / Rogério Melo)
 - DAS VOLTEADAS DE UMA ESTÂNCIA (Letra: Rogério Villagran / Música: César Oliveira)
 - PALETEADA (Letra: Rogério Villagran / Música: César Oliveira)
15. PRA BAILAR DE COLA ATADA (Letra: Anomar Danúbio Vieira / Música: Juliano Gomes)

Selecionamos para compor o *corpus* doze dessas canções, tendo em vista que a primeira é o hino do estado do Rio Grande do Sul e as demais estão escritas em língua espanhola; então, constituem o *corpus*: *Cantiga para o meu chão*; *Regional*; *Coração de cordeona*; *Recuerdo*; *Prego na bota*; *Apaisanado*; *Os "Loco" lá da fronteira*; *A pior é minha*; *Sob as mangas do aguaceiro*; *Das volteadas de uma estância*; *Paleteada* e *Pra bailar de cola atada*. As canções escolhidas são amostras significativas para revelar a existência de empréstimos lexicais da língua espanhola na língua portuguesa na fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai.

3. 2 TÉCNICAS

O diálogo entre o referencial teórico e o *corpus* será contemplado pelo viés da análise léxica. Relacionada com o tripé ler, codificar e interpretar, esta análise encontra-se voltada para o processo de abordagem do *corpus*, realização da estatística léxica e observação da navegação lexical (FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 28-9). A técnica consiste no levantamento estatístico da frequência com que as palavras aparecem no *corpus* adentrando em uma “análise de contexto onde as categorias identificadas representem a essência das ideias apresentadas” (FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 33).

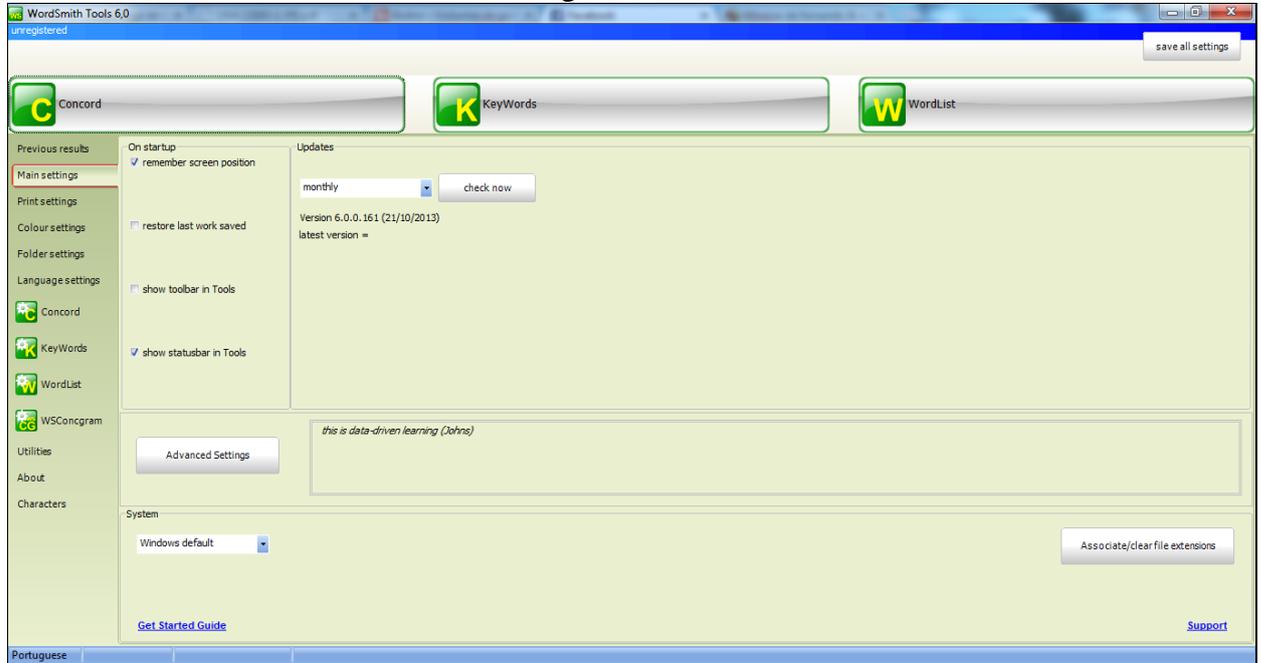
Contemplando estas ideias, Freitas e Janissek (2000) defendem que:

O progresso da tecnologia da informação e dos sistemas hoje disponíveis facilitam a aplicação das técnicas de Análise Léxica e de Análise de Conteúdo, entre outros procedimentos científicos de exploração de dados qualitativos. Pode-se ‘sufar’ ou ‘navegar’ pelos textos e rapidamente obter algumas noções básicas ali contidas. Uma grande variedade de investigação e mesmo de novas e diferentes leituras se torna possível. (FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 69)

Nesse contexto, será utilizado o programa de estatística léxica *WordSmith Tools*, versão 6, para o levantamento dos itens lexicais que serão analisados. Disponibilizado pela Oxford University Press, o programa *WordSmith Tools* tem a finalidade de verificar como se apresentam as palavras em numa perspectiva textual. É possível identificar com a ferramenta *Concord* como os vocábulos estão dispostos, verificando as relações sintagmáticas e as semânticas. A ferramenta *Wordlist* fornece a lista de todos os itens dos textos, ordenados

alfabeticamente e com sua respectiva frequência de uso no texto. Abaixo, a Fig. 5 apresenta a imagem correspondente à configuração do programa na tela do computador, onde podemos perceber as funções antes mencionadas, bem como as demais funcionalidades:

FIGURA 5: Programa *WordSmith Tools*



Fonte: elaborado pelo autor

Após aplicar o *corpus* ao programa *WordSmith Tools*, foi possível levantar o *Wordlist* com as respectivas estatísticas léxicas, bem como as situações de ocorrências. A seguir, a Fig. 6 apresenta uma imagem referente ao arquivo disposto pelo *Wordlist*:

FIGURA 6: Imagem das 23 palavras mais frequentes identificadas no *Wordlist*

B348		fx		AFOITO	
	A	B	C	D	
1	N	Word	Freq.	%	
2	1	DE	128	4,72	
3	2	E	100	3,69	
4	3	QUE	93	3,43	
5	4	O	76	2,81	
6	5	A	74	2,73	
7	6	UM	69	2,55	
8	7	NA	43	1,59	
9	8	SE	43	1,59	
10	9	DO	35	1,29	
11	10	É	35	1,29	
12	11	PRA	34	1,26	
13	12	NO	31	1,14	
14	13	MEU	24	0,89	
15	14	NÃO	24	0,89	
16	15	DA	23	0,85	
17	16	ME	21	0,78	
18	17	POR	20	0,74	
19	18	NUM	17	0,63	
20	19	UMA	17	0,63	
21	20	COM	14	0,52	
22	21	BEM	13	0,48	
23	22	RECUERDO	13	0,48	
24	23	VOLTA	13	0,48	

Fonte: Elaborado pelo autor

O *corpus* totalizou 1015 vocábulos, dos quais foram selecionadas 61 para a análise, constituindo uma amostra significativa para que se pudesse alcançar ao objetivo proposto.

A interface análise lexical e de conteúdo será dada verificando a partir da frequência com que as palavras se apresentam no corpus, à medida que a análise de conteúdo caracteriza-se como o “método usado para analisar e tabular a frequência da ocorrência de tópicos, ideias, opiniões e outros aspectos de conteúdo da comunicação escrita ou falada”¹⁵ (RICHARDS; PLATT; PLATT, 1992, p. 80).

Baseando-se em obras lexicográfica, buscou-se concatenar o vocabulário encontrado com as informações registradas nos dicionários gerais da língua portuguesa, regionalistas gaúchos e de língua espanhola, a fim de se identificar marcas de identidade do sujeito da fronteira reveladas nas canções. Para tanto, foram realizadas investigações em dois dicionários da língua portuguesa – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009), *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2009) –, em dois regionalistas – *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003) e *Dicionário Gaúcho* (OLIVEIRA, 2010) –, no *Dicionário da Real Academia Espanhola* (DRAE) e no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010).

¹⁵ Tradução livre do autor. No original: “a method used for analyzing and tabulating the frequency of occurrence of topics, ideas, opinions and other aspects of the context of written or spoken communication”.

3.3 PROCEDIMENTOS

Para a análise, seguiram-se as etapas descritas na sequência:

a) levantamento itens (lexicais, morfológicos, sintáticos, fonológica) da variante da língua espanhola nas letras das músicas de César Oliveira e Rogério Melo, por meio da utilização de programa de estatística léxica *WordSmith Tools*, que permite a contagem de palavras, bem como o número de ocorrências de cada palavra diferente;

b) identificação a presença de empréstimos lexicais motivados pelo contato linguístico-cultural na região da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai a partir dos dados obtidos na estatística léxica;

c) análise os empréstimos identificados através da pesquisa em obras lexicográficas de língua portuguesa (Houaiss 2009; Aurélio 2009), de língua espanhola (Real Academia Espanhola – *on-line*) e da variante dialetal falada no Rio Grande do Sul (Oliveira, 2010; Bossle, 2003);

d) análise o discurso do sujeito de fronteira representado nas músicas de César Oliveira e Rogério Melo, aplicando à base teórica levantada;

e) delineamento de uma a identidade cultural do sujeito da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai a partir dos itens linguísticos levantados, em confronto com o referencial teórico.

A partir do exposto, procurar-se-á buscar as interfaces entre a análise léxica e de conteúdo a fim de construir-se uma ideia geral de como se constitui a identidade do sujeito da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai.

4 LINGUAGEM DE FRONTEIRA: MÚSICA, LÉXICO E REGIONALIDADE

Toda música pode, de alguma maneira, ser considerada como representação simbólica que revela o “pensar” e o “agir” dos sujeitos os quais estão envolvidos no processo de produção e recepção. No cenário sul-rio-grandense a música tradicionalista gaúcha e a nativista¹⁶ configuram-se como produtos que representam, de certa forma, marcas identitárias que foram enraizadas historicamente no imaginário social gaúcho. Nesse caso, as canções gauchescas constituem-se como produtos culturais à medida que “entende-se que as variantes regionais de música atendem, básica e logicamente, às regiões culturais de onde se originam” (AGOSTINI, 2005, p. 71). Não há, todavia, como dissociar também a produção do espaço no qual foi produzido, sendo visível no cenário do Rio Grande do Sul que:

Através da apropriação de imagens simbólicas já cristalizadas no imaginário social, percebe-se que a música tradicionalista ajuda a ordenar a sociedade sul-rio-grandense, imprimindo regras e valores essenciais à identidade que o gaúcho ostenta e da qual parece não querer se desfazer. (AGOSTINI, 2005, p. 67)

No cenário do Rio Grande do Sul é possível destacar três principais vertentes musicais. A Música Tradicionalista Gaúcha e a Nativista – com a temática do mito do gaúcho-herói, a vida no campo, a relação do homem com o cavalo, com a mulher e com a natureza – e a Música Popular Gaúcha (MPG) – com assuntos e costumes gauchescos, contemplação aos fatos e situações do cotidiano urbano, procurando desenvolver temáticas mais “universais” (AGOSTINI, 2005).

Canções como a dos cantores gaúchos César Oliveira e Rogério Melo podem ser vistas como representações de *região*, *regionalidade* e *regionalismo*. César Oliveira (1969-) nasceu em Itaquí, no oeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina. Desde cedo apreciador da música tradicionalista gaúcha, ainda jovem mudou-se para São Gabriel, cidade gaúcha próxima ao Uruguai. Rogério Melo (1976-) é natural de São Gabriel, carregando desde sempre o gosto pela arte folclórica e a música produzida na região. Em 2002, os amigos de infância formaram uma dupla musical, tendo como objetivo trazer “aos palcos a alegria e riqueza do cancionário campeiro do Rio Grande do Sul” (OLIVEIRA, MELO)¹⁷. As produções de César Oliveira e Rogério Melo têm repercussão no cenário estadual por revelar as tradições do sujeito gaúcho. O reconhecimento nacional veio em 2008 com o “Prêmio

¹⁶ A música tradicionalista gaúcha aborda temas como a terra, o chão, os costumes e o cavalo, enaltecendo as origens e paixões. Já a música nativista caracteriza-se numa perspectiva mais intimista, com ritmo mais lento e cultua o amor pelas coisas do estado (AGOSTINI, 2005).

¹⁷ Disponível em: <<http://www.cesaroliveira.com.br/web/dueto/cesar-oliveira.html>>. Acesso em: 29 nov. 2012.

Tim” como a melhor dupla regional do país; e internacional ao concorrer ao *Grammy Latino* no ano de 2013.

Inferese, então, que as músicas tradicionalistas, por exemplo, carregam nas suas letras amostras representativas do léxico regional gaúcho, revelando assim uma assimilação de valores, crenças e hábitos por parte de ambas as culturas. A seguir são apresentadas as doze canções¹⁸ selecionadas e suas respectivas análises.

4.1 LÉXICO REGIONAL E MÚSICA DE FRONTEIRA

4.1.1 *Apaisanado*

O título da canção *Apaisanado*, apresentada na sequência, é uma referência a *paisano*: aquele ou quem é compatriota, que compartilha da mesma nação, estado ou comunidade. Assim, *apaisanado* é a característica de alguém que pertence a uma “querência”, que, nesse caso, é o “pampa” gaúcho, espaço dedicado principalmente à criação de gado e de fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai. Eis a letra da canção (Fig. 7):

¹⁸ As doze canções aqui apresentadas e analisadas têm fonte em: <<http://letras.mus.br/cesar-oliveira-rogerio-melo/>>.

FIGURA 7: Letra de *Apaisanado*

Apaisanado	
Floreio o bico da gansa	"Quem é do garrão da pátria
Nesta gateada lobuna	Alma sangue e procedência
A melhor das minhas alunas	O amor pela querência
Na doma tradicional	Traz retratada na estampa
Por favor não levem a mal	Retovos de casco e guampa
Este meu jeito fronteiro	No repertório da lida
Filho de pai brasileiro	Pra que o sentido da vida
Hijo de madre oriental	Finque raízes na pampa"
Não carrego pretensão	No cabo de uma solinge ¹⁹
Mas não sou de me achicá	Sou mais ligeiro que um gato
Decerto trouxe de allá	No aporreado um carrapato
O gosto pela guitarra	Largando só no garrote
Quando a saudade se agarra	E macho pra me dar bote
Num bordoneio entonado	Não se perca por afoito
É o meu povo enforquilhado	Junte mais uns sete ou oito
Num bagual mandando garra	E me atropelem de lote
	Numa milonga crioula
	Numa chamarra gaúcha
	Prego um grito de a la pucha
	E me acomodo no embalo
	Mateio ao canto do galo
	Gosto do assunto bem claro
	E se de a pé já não disparo
	Quanto mais bem a cavalo
<i>Refrão:</i>	
"Sou assim apaisanado	
Domador e guitarreiro	
Diariamente peão campeiro	
Nas folgas campeio festa	
Tapeio o chapéu na testa	
Pra ver melhor as imagens	
Talento fibra e coragem	
Não se compra nem se empresta"	

O ser *apaisanado*, exposto na canção, é qualificado como “domador”, “guitarreiro” e “fronteiro”: um sujeito forte, bravo, valente e destemido, que tem a consciência de ser “híbrido”, uma vez que é filho de brasileiro e de uma “madre oriental” (uruguaia). Essa imagem do ser “fronteiro” é construída pela presença de itens lexicais que são da língua espanhola (LE) e que foram incorporados ao falar do gaúcho, constituindo-se como empréstimos linguísticos.

Os itens lexicais aqui analisados foram consultados em 06 obras lexicográficas: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS), Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (AURÉLIO), Dicionário Gaúcho Brasileiro (BOSSLE), no Dicionário Gaúcho (OLIVEIRA), Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE) e Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA).

¹⁹ O oneônimo Solinge aqui se configura como uma metonímia para faca, uma vez que a marca toma lugar do produto. Para Azeredo (2011), oneônimo é a “criação de lexemas e locuções referentes a marcas industriais ou artigos comerciais” (AZEREDO, 2011, p. 404).

Os itens *hijo* e *allá*, presentes na canção, estão ausentes dos dicionários de LP pesquisados, mas presentes no DRAE. O substantivo *hijo* (= *filho*), como se observa a seguir, está sendo empregado na canção no sentido da primeira acepção registrada:

hijo, ja

1. m. y f. Persona o animal respecto de su padre o de su madre.

Já o advérbio *Allá* (= *lá*) é empregado no sentido da quarta acepção registrada:

allá

4. adv. l.U. para indicar alejamiento del punto en que se halla el hablante.

Para o substantivo *madre*, três são as acepções registradas no DRAE, sendo as duas primeiras equivalentes à *mãe*, sentido em que se emprega a lexia na canção; a terceira acepção não é adequada, pois refere o título dado a uma religiosa:

Madre

1. Hembra que ha parido.
2. Hembra respecto de su hijo o hijos.
3. Título que se dá a ciertas religiosas.

Nos dicionários gerais da língua portuguesa (HOUAISS e AURÉLIO), tem-se apenas o registro do substantivo *madre* como “freira, superiora de um convento”, significado que destoa da canção.

O advérbio de lugar *allá* e os substantivos *hijo* e *madre* podem ser considerados empréstimos da língua espanhola que foram incorporados no “falar fronteirço”. Na canção, representam as marcas da hibridez que constitui o *eu lírico*²⁰ como um sujeito de fronteira, que utiliza em seu cotidiano parte do léxico espanhol.

São identificados na canção alguns itens lexicais presentes em todos os dicionários pesquisados, tanto de LP quanto de LE, com a mesma grafia e as mesmas acepções: *achicar* (na forma *achicá*, na canção), *bagual* e *milonga*. Observa-se, porém, que alguns dos dicionários de LP registram a origem como sendo da língua espanhola, seja identificada como *castelhano* (*cast.*), *espanhol* (*esp.*), *hispano-americano* (*hisp.-am.*) ou *rio-platense* (*plat.*),

²⁰ Para Cara (1989, p. 48), o *eu lírico* “sempre existe através das escolhas de linguagem que o poema apresenta, mas na poesia moderna fica mais evidente que o sujeito lírico é o responsável por esses “atos de denominação”: não pode ser confundido com o poeta em carne e osso porque sua existência brota da melodia, do canto, da sintaxe, do ritmo: o sujeito lírico é o próprio texto, e é no texto que o poeta real transforma-se em sujeito lírico”.

como apresentado no quadro 1 a seguir. Essa é uma indicação de que, pelo menos em algum momento da história desses vocábulos, possivelmente foram empréstimos do espanhol castelhano para o português da fronteira do Rio Grande do Sul, enraizados no dialeto gaúcho por meio do contato linguístico-cultural.

No Quadro 1, são apresentados os registros de *achicar*, *milonga* e *retovo* nos dicionários de língua portuguesa (com referência à LE) e no DRAE:

Quadro 1 - *Achicar, bagual, milonga*

Itens lexicais	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Achicar	3 Causar medo ou amedrontar-se. acovardar-se, intimidar-se. (Do <i>cast.</i> Achicar – ‘minguar, diminuir’).	Tornar pequeno; diminuir; acovardar-se, intimidar-se. (Do <i>esp.</i> achicar).	Tornar pequeno; diminuir, desprezar, desmoralizar. (Do <i>cast.</i> achicar).	Tornar pequeno, diminuir.	3 Humillar, acobardar. 4 Hacer de menos, rebajar la estimación de alguien o algo.
Bagual	2 Que ou o que é bravo e arrojado (diz-se de pessoa ou cavalo). 6 Cavalo selvagem. 7 Qualquer cavalo (linguagem afetiva). (Do <i>plat.</i> bagual).	1 Diz-se de potro arisco. 5 Pouco sociável. intratável. 6 Muito grande; desmedido; fora do comum. (Do <i>hisp.-am.</i> bagual).	1 Animal não castrado; reprodutor, pastor. 2 Cavalo selvagem, ou seja, ainda não domado. 8 Pouco sociável; rude, abrutalhado, grosseiro (pessoas). (Do <i>hisp-amer.</i> bagual).	Potro recém-domado, arisco espantadiço. Pessoa grosseira. Variação de baguá.	1 (Par. y Ur.) incivil. 2 (Arg. y Ur.) Potro o caballo no domado.
Milonga	1 Canto e dança populares nas cercanias de Buenos Aires e de Montevideu no final do século XIX, inspirados na <i>habanera</i> cubana e no tango espanhol e absorvidos pelos argentinos. 2 Música platina de ritmo dolente, cantada com acompanhamento de guitarra ou violão.	1 Canto e dança do tipo habanero tango andaluz, popular nos subúrbios de Montevideu e Buenos Aires nos fins do século XIX, e que vieram ser absorvidas pelo tango. 2 Espécie de música platina dolente, em ritmo binário, cantada ao som do violão. (Do <i>esp. plat.</i> milonga).	Toada dolente, crioula, de procedência argentina, cantada ao som do violão ou da guitarra. (Do <i>cast. plat.</i> milonga).	Espécie de música platina dolente, em ritmo binário, cantada ao som do violão.	1 Composición musical folclórica argentina de ritmo apagado y tono nostálgico, que se ejecuta con la guitarra. 2 Copla con que se acompaña; 3 Composición musical argentina de ritmo vivo y marcado en compás de dos por cuatro, emparentada con el tango. 4 Canto con que se acompaña. 5 Baile argentino vivaz de pareja enlazada.

Fonte: elaborado pelo autor

O verbo *achicar* é registrado com o significado de “tornar pequeno” ou “acovardar-se” e ao ser mencionado no verso “Mas não sou de me achicá”, assume a segunda acepção, com a conotação de “não ter medo”. Estruturalmente, essa forma verbal tem sua grafia na canção modificada para *achicá*, a fim de aproximar-se da linguagem informal falada.

Sobre o vocábulo *bagual*, Rocha (2008), em pesquisas no banco de dados do ALERS – conforme abordado no capítulo 2 – explica ser uma possível influência da língua espanhola:

[...] a palavra *bagual (la)*, para o DRAE, (cacique indígena argentino) que pode ser um adjetivo de uso coloquial que no Paraguai e no Uruguai significa “incivil”, ou que, na Argentina e no Uruguai significa potro ou cavalo não domado, ou ainda, especificamente na Argentina, *bagual (la)* é o nome dado à canção popular do noroeste da Argentina, de versos octossilábicos e características elevações de tons, que se acompanha com caixa. (ROCHA, 2008, p. 68)

Outras lexias se apresentam nos dicionários pesquisados com as mesmas acepções e indicação de origem da língua espanhola, como é o caso, nesta canção, de *retovo*. No entanto, a grafia difere daquela da língua de origem, pois na LP houve uma adequação à pronúncia do espanhol de fronteira, como se pode ver no Quadro 2, a seguir, que apresenta a grafia *retobo* no DRAE, entre colchetes:

Quadro 2 - *Retovo*

Item	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Retovo	1 couro com que se cobre ou reveste qualquer objeto. 2 couro de cria morta, com que outro animal se cobre, a fim de que a mãe do que morreu aceite amamentá-lo.	1 Forro de couro muito usado em cabos de relho, bengalas, etc. 2 Couro de bezerro ou de potrinho morto, com que se cobre outro animal para que a mãe do que morreu aceite amamentá-lo. (Do <i>esp. plat. retobo</i>).	1 Cobertura feita de couro com a qual se guarnecem alguns objetos campeiros, como cabos e relhos, cabos de facas, boleadeiras, etc. 2 Couro de terneiro ou de potrilho morto, com que se reveste outro animal para que este seja amamentado pela mãe do que morreu. 3 Apoio, arrimo; conselhos. (Do <i>cast. plat. retobo</i>).	1 Forro de couro muito usado em cabos de relho, bengalas. 2 Couro de terneiro ou de potrinho morto, com que se cobre outro animal, para fazê-lo mamar na mãe do que morreu.	[retobo] 1 Acción y efecto de retobar. 2 Arpillera, tela basta o encerado con que se retoba. 3 desecho (cosa que no sirve). 4 Pedazo de cuero que se usa para forrar o cubrir algo.

Fonte: elaborado pelo autor

O item *chamarra* não está registrado no HOUAISS, AURÉLIO, mas tem registros nos dicionário regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e no DRAE, conforme o Quadro 3:

Quadro 3 - *Chamarra*

Item	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Chamarra	Ritmo musical argentino.	O mesmo que samarra – Vestuário grosseiro e antigo de peles de ovelha.	Vestidura de jerga o paño burdo, parecida a lazamarra.

Fonte: elaborado pelo autor

O AURÉLIO apresenta o registro *Samarra* (Do *hisp. amer. chamarra*), com o seguinte significado: “vestimenta feita com pele de ovelha, sem extrair-lhe a lã. / Espécie de túnica ou batina dos eclesiásticos”. Para o substantivo *chamarra* há, portanto, registros no AURÉLIO (com a grafia *samarra*), BOSSLE, OLIVEIRA e DRAE, sendo a acepção equivalente ora ao ritmo musical argentino, ora a uma peça de pano. No contexto da canção, *chamarra* significa um ritmo musical. Apesar de não estar registrado no DRAE, há a referência no BOSSLE que tal ritmo é importado da Argentina; além do léxico, é possível destacar o compartilhar também substratos culturais.

Os itens *chamarra* e *milonga* lembram a vida boêmia, aos bailes e às reuniões dançantes comuns e típicas da região. Nesse caso, além das palavras, observam-se costumes e danças compartilhados entre castelhanos e gaúchos. Enquanto isso, *retovos* remete à vida

campeira, às lidas e o trabalho com o gado, pois é um “forro de couro” que é usado no cotidiano no peão campeiro em diversas tarefas, por exemplo, usado cobrir ou revestir objetos como a faca.

Ao mencionar “quem é do garrão da pátria”, há uma metáfora do calcanhar (garrão), relacionada com a posição da fronteira oeste do Rio Grande do Sul em relação ao mapa do Brasil (parte inferior do mapa). No contexto da canção, os versos “alma sangue e procedência / amor pela querência” fazem referência a esse “garrão da pátria” que se constituiu como fronteira móvel, cenário de múltiplas batalhas travadas pela disputa territorial, causando o derramamento de sangue de muitos. Nos versos “Retovos de casco e guampa / No repertório da lida / Pra que o sentido da vida / Finque raízes na pampa”, corroboram-se as ideias apresentadas anteriormente de que a *região da fronteira* tem uma forte ligação com as atividades campeiras, pela forte presença da pecuária.

De igual forma, podemos registrar aqui a interjeição *a la pucha*, que exprime espanto, surpresa ou admiração. Essa expressão consta apenas nos dicionários regionalistas (BOSSLE 2003; OLIVEIRA, 2010) e é ainda registrada pelo BOSSLE com as grafias *a la putcha* e *a la puxa*. Traços da LE estão presentes pelo uso da preposição *a* + artigo definido *la* (que é comum no espanhol como ocorre em *en la* e *de la*).

É importante observar a escolha pelas lexias *guitarra* e *guitarreiro*. Embora a origem de ambas seja o grego *kithára* (=cítara, instrumento musical de cordas), na canção o emprego faz referência ao que, em português contemporâneo, chamamos mais usualmente *violão*, o instrumento musical, e *violinista*, pessoa que toca esse instrumento. Segundo Cunha (1986), *guitarra* entrou no português como *gitarra* no século XVI, oriunda do árabe e do espanhol (há controvérsias sobre em qual das duas línguas se verificou primeiro). Como no espanhol permanece apenas a forma *guitarra*, sugere-se aqui que seu emprego na canção seja motivado pela proximidade com os vizinhos de fala hispânica.

4.1.2 Os “loco” lá da fronteira

A canção *Os “loco” lá da fronteira* aborda, de forma descontraída, as características do sujeito da fronteira, com suas virtudes e adversidades que enfrenta. A letra da canção (Fig. 8), a seguir, também lembra alguns costumes dos sujeitos que vivem no pampa, identificados por meio de vocábulos como *ranchito* – moradia humilde, geralmente do peão de estância – e *cincha* – peça utilizada para a montaria:

FIGURA 8: Letra de *Os “loco” lá da fronteira*

Os “loco” lá da fronteira	
<p>Não “afroxemo” nem os “lançante” Pois “semo” loco de dá com um pau “Cruzemo” a nado se o rio não dá vau Neste mundo “véio” flor de cabuloso E o “malabruja” quando esconde o toso Nós “esporiemo” bem no sangrador Em rancho de china, se “campiemo” amor “Entremo” sem sono e “garantimo” o poso</p> <p><i>Refrão:</i> “Semo” medonho no cabo da dança “Gostemo” mesmo é de bochincho grosso Que é pra sair tramando o pescoço Ao trote largo nalguma rancheira E bem “campante”, levantando poeira Coisa gaúcha, vício de campanha “Limpemo” a goela num trago de canha Pois “semo” loco de lá da fronteira</p> <p><i>Refrão:</i> “Semo” bem loco... Loco de Bueno Mas “temo” veneno na folha da faca</p>	<p>Quando o sangue ferve, e “viremo” a cabeça Por Deus, paisano...! Ninguém ataca</p> <p>Nós “semo” loco lá da fronteira De raça tranquila, mas de pouca cincha! E de vereda quando o lombo incha Saiam de perto, que a xuceza é tanta Cremo em “percanta” que seja “percanta” “Apartemo” os “maula” pra outra invernada E a nossa bebida mais sofisticada É canha gelada, num “samba com fanta”</p> <p>Nós “semo” loco, mas não “semo” bobo “Semo” parceiro de quem é parceiro Nas horas brabas e no entrevero Nunca “dexamo” um amigo solito Pode ser feio... pode ser bonito Mas é nosso jeito de levar a vida Por ser de campo e por gostar da lida É que volta e meia nós “preguemo” o grito.</p>

Na canção são apresentadas características relativas aos sujeitos da fronteira, como o próprio título sugere: *os loco lá da fronteira*. Há na letra a referência a um ideal de homem: como destemido, valente, simples e companheiro. A força e a bravura são representadas logo no início com os versos:

Não “afroxemo” nem os “lançante”
 Pois “semo” loco de dá com um pau
 “Cruzemo” a nado se o rio não dá vau
 Neste mundo “véio” flor de cabuloso

Em *canha gelada*, nota-se a presença da preferência do sujeito apresentado por bebidas mais fortes. A expressão *Samba com fanta* é vocábulo informal utilizado para referir-se a uma bebida popular no RS de cachaça com refrigerante a base de laranja. Assim, pode ser vista a marca de pessoas que têm o gosto por bebidas fortes e/ou populares.

O *eu lírico* caracteriza a si próprio e a seus compatriotas pelo companheirismo e a lealdade aos amigos, como pode ser observado nos versos:

Nós “semo” loco, mas não “semo” bobo
 “Semo” parceiro de quem é parceiro
 Nas horas brabas e no entrevero
 Nunca “dexamo” um amigo solito
 Pode ser feio... pode ser bonito

Mas é nosso jeito de levar a vida
 Por ser de campo e por gostar da lida
 É que volta e meia nós “preguemo” o grito.

O sujeito da fronteira representado nesses versos caracteriza-se como amigo e “companheiro” em todas as circunstâncias. Os itens lexicais presentes na canção, que variam entre vocábulos da LP, LE e expressões regionais, auxiliam a delinear esse perfil: epítetos dados aos sujeitos, expressões que revelam visões de mundo ou objetos de uso específico do cotidiano. Além disso, são revelados traços da norma popular (PRETI, 2003) a partir do uso das formas verbais (entre aspas) conjugadas conforme a linguagem oral, tais como “Semo”, “dexamo” e “preguemo”.

O léxico de fronteira destaca a ligação entre linguagem e cultura, o que pode ser percebido no repertório vocabular comum aos falantes da região: a incorporação de itens próprios da LE e não registrados em dicionários da LP ou, quando registrados, esclarecendo que é a uma variante utilizada na fronteira do Rio Grande do Sul, como é o caso de *Bueno* no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 - *Bueno*

Item	<i>HOUAISS</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Bueno	De boa índole; bom, bondoso (<i>espanhol</i>).	Bom, útil, bondoso, agradável (<i>cast.</i>).	Bom.	1 Que tiene bondad en su género. 2 Útil y a propósito para algo. 3 Gustoso, apetecible, agradable, divertido.

Fonte: elaborado pelo autor

O vocábulo *bueno* encontra-se registrado em um dos dicionários de língua geral (HOUAISS, 2004) e nos regionalistas (BOSSLE, 2003; OLIVEIRA, 2010) com o significado de “bom”, vocábulo cuja origem é espanhol castelhano.

O adjetivo *loco*, registrado em um dos dicionários regionalistas (OLIVEIRA) e no DRAE, é empregado conforme seus registros. No Quadro 5 a seguir estão os registros de *loco*.

Quadro 5 - *Loco*

Item	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Loco	Louco	1 Que ha perdido la razón. 2 De poco juicio, disparatado e imprudente.

Fonte: elaborado pelo autor

A *lexia loco* (= *louco*), usada em alguns versos da canção e inclusive no título desta, ao ser encontrada no Dicionário Gaúcho (OLIVEIRA, 2010) caracteriza-se como parte do *léxico regional* e ao ter entrada no DRAE verifica-se a incidência de empréstimo linguístico.

Já a expressão *mala bruja* não consta no DRAE como tal, mas sim as duas palavras da LE que a compõem (*mala + bruja*), exercendo a função de adjetivo.

Mala bruja

BOSSLE: Pessoa ruim; velhaca (registrado como mala-bruxa).

OLIVEIRA: Mala: má. Bruja: bruxa; sem dinheiro.

Mala bruja, ao ser registrado apenas nos dicionários regionalistas, caracteriza-se como uma expressão regional que diz respeito a uma pessoa ruim e sem caráter. Nesse caso, a expressão constitui-se a partir do empréstimo de dois vocábulos da LE (*mala + bruja*).

Ainda, *solito* possivelmente é construído a partir do adjetivo espanhol *solo*, aliado ao sufixo derivacional de diminutivo *-ito*, significando “sozinho”. Poder-se-ia também supor que no português da fronteira é possível usar o sufixo *-ito* para fazer diminutivo.

A seguir, são apresentados os vocábulos *cincha*, *maula*, e *rancho*, apresentados no Quadro 6:

Quadro 6 - *Cincha, maula, rancho*

Itens lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Cincha	Peça de arreios constituída de tira de couro ou pano forte (barrigueira) que passa por baixo da barriga do animal e de um travessão para segurar a sela ou o lombilho; chincha (Regionalismo: sul do Brasil)	Faixa de couro ou de qualquer tecido forte, que passa por baixo da barriga da cavalgada para segurar a sela. (Do <i>esp. plat. cincha</i>).	Peça geralmente de couro, componente dos arreios, usada para apertar como uma cinta o lombilho ou o serigote, passando pela barriga do animal de montaria.	Tento, tira de couro.	Faja de cáñamo, lana, cerda, cuero o esparto, con que se asegura la silla o albarda sobre la cabalgadura, ciñéndola ya por detrás de los codillos o ya por debajo de la barriga y apretándola con una o más hebillas.
Maula	(Regionalismo: Rio Grande do Sul. Uso: pejorativo) diz-se de animal ou pessoa mole, fraca, sem préstimo.	Diz-se de homem ou de cavalo ruim, mole, fraco, covarde. (Do <i>esp. plat. maula</i>).	Diz-se de cavalo ou de homem ruim, fraco, mole, covarde, frouxo, tímido, medroso, ordinário, caborteiro.	Pessoa desprezível ou pouco confiável.	1 Cobarde, despreciable.
Rancho	1 habitação precária, pobre; choça, choupana	1 Grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho;	Choupana, palhoça, moradia humilde.	Fazenda onde se cria gado,	3 Lugar fuera de poblado, donde se albergan diversas

	(Regionalismo: Sul do Brasil) 2 casebre feito de pau a pique e coberto de folhas	2 Acampamento ou barraca para abrigar rancho; ranchada. (Do <i>esp.</i> rancho)		choupana.	famílias o personas; 4 Choza o casa pobre con techumbre de ramas o paja, fuera de poblado.
--	-------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------	--	-----------	-----------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor

Contemplando a vida no campo, os vocábulos encontrados estão registrados nos dicionário de língua geral e nos regionalistas com referência ao espanhol. No caso de *cincha*, há uma referência às lidas e rotinas campeiras, já que esta é uma das peças utilizadas para arreamento da montaria. Ainda sobre a vida no campo, *rancho* pode ser a habitação humilde que geralmente serve de residência ao trabalhador das estâncias ou a nomeação dada a toda estância; em algumas regiões do RS ainda pode ser encontrado o uso com a referência às compras do mês (fazer compras = fazer rancho).

Já o item *maula* retoma metaforicamente tanto os animais de contato diário, como o cavalo, quando estes não são bons para o trabalho ou não servem pra nada no campo, quanto as pessoas que não são consideradas confiáveis.

Fazendo relação com os bailes e os entretenimentos na fronteira, identificamos na canção os itens *percanta*, *bochincho* e *rancheira*. O Quadro 7, a seguir, apresenta esses dois últimos:

Quadro 7 - *Bochincho, rancheira*

Itens lexicais	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Bochincho	O mesmo que <i>bochinche</i> (Regionalismo: sul do Brasil) 1 baile das classes menos favorecidas; arrasta-pé. 2 espécie de batuque ou divertimento próprio da plebe. 3 perturbação da ordem; arruaça, desordem, briga	1 Arrasta-pé. 2 Divertimento popular. (Do <i>esp. plat.</i> bochinche).	Baile de baixa categoria; arrasta-pé (variante de bochinche).	<i>Bochinche</i> – tumulto, barulho.	[bochinche] Tumulto, barullo, alboroto, asonada.
Rancheira	1 Dança popular no Rio Grande do Sul, oriunda da Argentina. 2 Música com que se acompanha essa dança.	Dança popular oriunda da Argentina e muito comum no Rio Grande do Sul. Música adequada para essa dança.	1 Certa dança popular, muito comum entre os gaúchos; 2 A música dessa dança. (Do <i>cast. plat.</i> ranchera).	Dança popular, originária da Argentina, comum no Rio Grande do Sul.	[Ranchera] 1 Pertenciente o relativo al rancho. 4 Persona que gobierna un rancho. 5 Canción y danza populares de diversos países de

					Hispanoamérica.
--	--	--	--	--	-----------------

Fonte: elaborado pelo autor

Não incluso no Quadro 8, mas pertencente a esse mesmo campo semântico, há o item *percanta*, igualmente referente ao contexto de bailes:

Quadro 8 - *Percanta*

Item	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>
Percanta	Mulher jovem, china, chinoca, pinguancha.	Mulher que dança tango.

Fonte: elaborado pelo autor

As lexias *bochincho*, *rancheira* e *percanta* podem revelar a presença marcante da dança na vida do sujeito fronteiro, bem como as características desses bailes. *Bochincho* e *rancheira* estão nos dicionário de língua geral e nos regionalistas, registrando a origem na LE. Esses vocábulos referem-se à reunião dançante; a primeira remete ao baile propriamente dito e a segunda lembra o tipo de dança comum nos bailes da Argentina e do Rio Grande do Sul. O item *percanta*, identificado apenas dos dicionários regionalistas, também se insere nesse contexto referindo-se às mulheres jovens ou no contexto argentino a mulher que dança tango. Em ambos os contextos, *percanta* tem conotação pejorativa, já que é usado para referir-se à mulher considerada “fácil”.

4.1.3 *Das volteadas de uma estância*

A canção *Das volteadas de uma estância* aborda a vida e as atividades campeiras rotineiras da fronteira, fazendo alusão ao local onde o peão²¹ geralmente mora e trabalha, como pode ser contemplado na letra (Fig. 9):

²¹ Segundo o Dicionário Gaúcho Brasileiro, *peão* é “trabalhador assalariado que, nas estâncias, executa diversos serviços; peão de estância; conchavado; trabalhador rural” (BOSSLE, 2003, p. 383).

FIGURA 9: Letra de *Das volteadas de uma estância*

Das volteadas de uma estância	
Ainda nem rompeu a aurora Nos confins do firmamento E já se vê o movimento Da indiada arrastando espora Então parece que as horas Passam mais despercebidas E as ansiedades da vida Pedem boca de algum jeito Quando um piazito abre o peito Na volta da recolhida	Assim desponta no passo A novilhada dos fundo Pedindo boca pro mundo O ponteiro ganha espaço Se agranda num " cavallaco " No rodeio bate guampa Na culatra outra estampa Estrala um relho de braça E a cuscada se adelgaça Quando atropela nas pampa As volteadas de uma estância Castigam a alma de um guapo Pois o lombo do cavalo Não é bem o que se acha Mas um taura que se anima Terceia por essas léguas Virando a boca da égua Num grito de vai ou racha
É onde se agarra um quebra Que tenha sangue nos olhos Pois um covarde se achica Quando um malo se embodoca Aos gritos de vir à frente A cavalhada entra em forma E o índio que sabe as normas Não refuga o que lhe toca	Um par de roseta grande Um sombreiro requintado Um tirador de vaqueta E uma gana por semblante Morrer, mas morrer peleando Jamais frouxá o garrão Com a pampa no coração E as inquietudes por diante
Um par de roseta grande Um sombreiro requintado Um tirador de vaqueta E uma gana por semblante Morrer, mas morrer peleando Jamais frouxá o garrão Com a pampa no coração E as inquietudes por diante	<i>Refrão</i> Nas recorridas de campo Até mesmo num aparte Balanceando nos fiadores Ou amadrinhando um potro Porque o flerte é o companheiro Parceiro dia após dia Sempre que o galo anuncia Que veio no rastro do outro
<i>Refrão</i> Nas recorridas de campo Até mesmo num aparte Balanceando nos fiadores Ou amadrinhando um potro Porque o flerte é o companheiro Parceiro dia após dia Sempre que o galo anuncia Que veio no rastro do outro	Sempre que o galo anuncia Que veio no rastro do outro

Logo nos primeiros versos, o *eu lírico* traça um paralelo entre a vida na estância e os diferentes momentos de sua vida. É relatado o cotidiano do homem da fronteira (e do pampa), que acorda cedo e sai para as lidas na estância, como pode ser visto nos versos seguintes:

Ainda nem rompeu a aurora
 Nos confins do firmamento
 E já se vê o movimento
 Da indiada arrastando espora
 Então parece que as horas
 Passam mais despercebidas
 E as ansiedades da vida
 Pedem boca de algum jeito

A partir dessas lidas diárias, das adversidades, da doma de animais selvagens, no contato com o cavalo e com o gado é que esse homem se constrói valente, bravo e destemido, como apresentado nos versos:

Morrer, mas morrer peleando
 Jamais frouxá o garrão
 Com a pampa no coração
 E as inquietudes por diante

O *eu lírico* revela que é capaz de “morrer peleando”, ou seja, de lutar até o fim sem desistir, que equivale a outra expressão empregada na canção, “jamais frouxá o garrão”. Ambas servem como uma forma de encorajamento, em situações de dificuldades, para manter-se persistente, insistir nas lutas diárias, jamais desistir.

Também esta canção carrega itens lexicais que marcam a interferência da LE no espaço de fronteira, vista em vocábulos como *cuscada*, *guapo*, *peleando*, *taura* e *sombreiro*. No Quadro 9 a seguir estão expostos os registros de *guapo* e *taura*.

Quadro 9 - *Guapo, taura*

Itens lexicais	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Guapo	1 Que denota ousadia, coragem; ousado, valente. 2 Dotado de elegância e beleza física; bonito, airoso, elegante (do <i>esp.</i> Guapo – ‘rufião’).	1 Animoso, corajoso, ousado, valente. 2 Bonito, airoso (do <i>esp.</i> guapo).	Forte, vigoroso, bravo, valente, peleador, ousado, corajoso (do <i>cast.</i> guapo).	Corajoso, valente, ativo, intrépido, vigoroso.	1 Bien parecido. 2 Animoso, bizarro y resuelto, que desprecia los peligros y los acomete. 3 Ostentoso, galán y lucido en el modo de vestir y presentarse.
Taura	1 Que ou quem é perito em qualquer assunto. 2 Que ou aquele que é forte, destemido,	Valentão (do <i>esp. plat.</i> tauro).	1 Diz-se de, ou indivíduo valente, arrojado, destemido, guapo, temido, resistente,	Guapo, valente, arrojado, destemido.	-----

	valente. 3 Que ou quem é desembaraçado, expansivo, folgazão (Provavelmente adaptado do <i>plat.</i> Tauro ou toro – ‘astuto, sabido’).		forte enérgico, valoroso. 2 Folgazão; expansivo. 3 Especialista em algum assunto (do <i>cast. plat.</i> Tauro).		
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Fonte: elaborado pelo autor

Os vocábulos *guapo* e *taura* estão em dicionários de língua portuguesa com registros de origem na LE. Essas ocorrências pertencem a um mesmo campo lexical, que lembram a representação da lealdade do sujeito fronteiro para com seus ideais, que supostamente não teme e não desiste diante dos desafios e disputas.

O adjetivo *guapo*, que pode ser visto ainda como sinônimo de *taura*, pode ser visto como a representação no imaginário social do sujeito valente, que não tem medo de nada.

O verbo *pelear* é registrado no BOSSLE, no OLIVEIRA e no DRAE, conforme podemos ver no Quadro 10:

Quadro 10 - *Pelear*

Item	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Pelear	1 Entrar numa briga corporal; brigar, lutar, batalhar, combater, pelear; disputar discutir, insistir, teimar.	Batalhar, lutar, combater. Variação de <i>pelejar</i> .	1 Batallar (combatir o contender con armas). 3 Dicho de los animales: Luchar entre sí. 4 Dicho de las cosas, especialmente de los elementos: Combatir entre sí u oponerse unas a otras.

Fonte: elaborado pelo autor

No verso “morrer, mas morrer peleando”, o uso o verbo no gerúndio, *peleando*, refere-se às batalhas comuns diárias, às dificuldades que são enfrentadas em diferentes situações, no caso do *eu lírico*, é a lida diária no campo e no mundo selvagem deste.

O substantivo *cuscada*, presente na canção, também está registrado nos dicionários regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA). No DRAE, há o registro para *cuzco*. O Quadro 11 apresenta esses registros:

Quadro 11 - *Cuscada*

Item	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Cuscada	1 Porção de cuscos; 2 Os cuscos. 3 Gente ordinária, inútil.	1 Porção de cuscos. 3 Gente reles, inútil, imprestável.	[<i>cuzco</i>] Perro pequeño.

Fonte: elaborado pelo autor

O vocábulo *cuscada* pode ser visto como uma variação de *cuzco*, com a grafia alterada e acrescido do sufixo derivacional *-ada*. *Cuzco* também é geralmente utilizado na fronteira para nomear o cachorro e companheiro das lidas diárias, que geralmente é conhecido popularmente como vira-lata; *cuscada* é o conjunto (ou grupo) desses cachorros.

Por outro lado, o vocábulo *sombrero* (chapéu) pode ser visto como item da LE que é frequentemente utilizado nessa região. Observa-se que os dicionários de língua geral e os regionalistas incluem o verbete, mas registrando sua origem do espanhol da região do Prata.

A seguir, no Quadro 12, são apresentados os registros de *malo*:

Quadro 12 - *Malo*

Item	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Malo	Mau, rancoroso, violento, irascível, brigão, impetuoso. (Do <i>cast. plat. malo</i>).	Mau, violento, irascível, colérico, impetuoso.	1. adj. Que carece de la bondad que debe tener según su naturaleza o destino. 2. adj. Dañoso o nocivo a la salud. 3. adj. Que se opone a la razón o a la ley. 4. adj. De mala vida y costumbres.

Fonte: elaborado pelo autor

O adjetivo *malo*, registrado nos dicionários BOSSLE, OLIVEIRA e DRAE, ao ser citado na canção, é usado com o mesmo significado dos dicionários consultados: pessoa ruim, perversa, malvada.

Além disso, os itens *piazito* e *cavallaço* possivelmente têm também marcas gramaticais da LE. No caso de *piazito*, há o sufixo derivacional de diminutivo *-ito* que apesar de constar no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2010) é usado com maior frequência em LE. Dessa forma, levanta-se aqui, como abordado anteriormente, a hipótese da possibilidade do uso desse diminutivo pelo constante contato que os falantes brasileiros mantêm com argentinos e uruguaios nos espaços de fronteira. Ainda nesse contexto, observamos o vocábulo *cavallaço* como formado a partir do radical espanhol *caball-*²² adicionado ao sufixo derivacional de intensidade *-aço* da língua portuguesa (CUNHA, 2010, p. 09).

²² Possivelmente houve a troca de *caball-* por *cavall-* pela proximidade fonética entre /b/ oclusiva bilabial vozeada e /v/ fricativa labiodental vozeada.

4.1.4 *Cantiga para o meu chã*

Na canção *Cantiga para o meu chã*, é feita uma alusão à terra, ao chã como lugar de pertença, local de origem do *eu lírico*, bem como ao resgate dos substratos históricos e lendários que compuseram os aspectos culturais compartilhados no espaço de fronteira, como pode ser evidenciado na Fig. 10:

FIGURA 10: Letra de *Cantiga para o meu chã*

Cantiga para o meu chã	
<p>Sinto na goela a força desta cantiga Que certamente há de irmanar o meu povo Pra que a esperança e a humildade se acolherem E se entreverem na busca de um mundo novo Erguendo ranchos de santa fé e pau a pique Bolcando a terra com mariposas e arados Semeando vidas na imensidão deste pampa Mantendo a estampa do Rio Grande abagualado Foi junto aos tauras que nasceram das peleias E os que entregaram corpo e alma ao nosso chã Que veio à tona este apego sem costeiro Que faz floreio e nos golpeia o coração Temos nas veias o mesmo sangue dos guapos Temos no peito a mesma gana dos outros Que se extraviaram em faturas de gado alçado Ou nos banhados sumiram boleando potros</p>	<p>Esta querência falquejada a ferro e fogo Fez do gaúcho um centauro sobre a terra Trazendo adiante uma trajetória que encanta E na garganta um bravo grito de guerra Este gaudério que cortou várzeas e grotas Desdobrou léguas na volta dos corredores Costeou matreiros sovando garras e laços Abrindo espaços pra ginetes e pealadores Um sentimento dentro de mim se alvorota Por isso eu canto, clamando por liberdade A esta gente que luta changuendo uns cobres E além de pobres enfrentam desigualdades Mas algum dia há de brotar campo a fora Frutos de um sonho que um dia serão tronqueiras Pra palanquear uma tropilha de mouros E os índios touros vão surgir na polvoadeira</p>

Em *Cantiga para o meu chã*, o *eu lírico* contempla a história da formação do Rio Grande do Sul e suas raízes históricas, convidando para que todos os povos que constituem o RS possam se “irmanar” num só povo. A partir dessa característica, há o desejo de “esperança” e de “humildade” para “irmanar” o povo, ou seja, para unir o estado que passou por disputas territoriais durante longos séculos. A história do Estado é recontada de forma sucinta e simbólica nos versos:

Esta querência falquejada a ferro e fogo
 Fez do gaúcho um centauro sobre a terra
 Trazendo adiante uma trajetória que encanta
 E na garganta um bravo grito de guerra
 Este gaudério que cortou várzeas e grotas
 Desdobrou léguas na volta dos corredores
 Costeou matreiros sovando garras e laços
 Abrindo espaços pra ginetes e pealadores

Nesses versos há uma representação sucinta das diversas batalhas e guerras ocorridas no Rio Grande do Sul. Algumas lexias representam então a cristalização da ideia do homem forte e destemido (em virtude das guerras). Exemplo disso são os vocábulos *tauras* e *guapos*, que representam no imaginário coletivo a bravura, coragem e valentia diante das batalhas.

A lexia *querência* é empregada na canção como local onde se nasceu ou se vive, podendo ainda ser identificada como chão/terra natal. Essas informações constam no Quadro 13, a seguir:

Quadro 13 - *Querência*

Item	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Querência	Lugar onde o gado foi criado ou onde habitualmente pasta; lugar onde as pessoas nasceram ou vivem.	1 Lugar onde nasceu ou se acostumou a viver ruma pessoa, ao qual procura voltar quando dele se afasta. 2 Pagos, torrão, rincão, fogão, lar. (Do <i>cast.</i> <i>querencia</i>).	1 Lugar onde o gado habitualmente pasta ou come sal, ou onde foi criado; 2 Local de nascimento ou residência de uma pessoa. O mesmo que pago, fogão.	[Querencia] 1 Acción de amar o querer bien. 2 Inclinación o tendencia del hombre y de ciertos animales a volver al sitio en que se han criado o tienen costumbre de acudir. 3 Esemismo sitio.

Fonte: elaborado pelo autor

O substantivo *querência* representa a “terra natal, de origem”, ou ainda “espaço bom e agradável de viver”. Seus registros no BOSSLE e no DRAE apontam para a ocorrência de um empréstimo linguístico, visto que há registros com origem na LE.

Identificados na canção, os verbos *changuear* e *acolherar* (com grafia *acollarar* no DRAE) são expostos no Quadro 14, a seguir:

Quadro 14 - *Acolherar, changuear*

Itens lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Acolherar	4 Tornar-se amigo, companheiro ou aliado, esp. Tornar-se amante ou companheiro conjugal; amancebar-se; amasiar-se. (Do <i>esp.</i> <i>acollarar</i>).	1 Atrelar ou ajoujar (animais) por meio de colhera. 2 Unir, juntar, agrupar, reunir (pessoas). 3 Andar (duas ou mais pessoas) juntas, acompanhadas. 4 Juntar-se, reunir-se. (Do <i>esp. plat.</i>	1 Unir, juntar, agrupar, reunir (pessoas ou coisas); acasalar. 2 Atrelar ou ajoujar animais por meio de colhera; unir dois animais por meio de uma pequena tira de couro, chamada <i>guasca</i> , amarrada ao pescoço. (Do <i>cast.</i> <i>acollarar</i>).	Atrelar ou unir animais por meio de colhera. Unir-se, juntar-se.	[acollarar] 4 Unir dos bestias por el cuello. 5 Unir dos cosas o personas. 6 Amancebarse.

		acollarar).			
Changuear	Changar	Changar. (Do <i>esp. plat.</i> changar).	Fazer changa; ter a profissão de changador; changar. (Do <i>cast.</i> changuear).	Fazer changa. Variação de <i>changar</i> .	Burlarse de alguien en tono de broma o chiste.

Fonte: elaborado pelo autor

O verbo *acolherar*, advindo do espanhol *acollarar*, está registrado tanto nos dicionários de língua geral como nos regionalistas referindo-se ao ato de unir ou juntar os animais ou pessoas; ainda pode ser utilizado para referir uma união conjugal.

Os dicionários de língua geral (FERREIRA, 2009; HOUAISS, 2004) e os regionalistas (BOSSLE 2003; OLIVEIRA 2010) registram o verbo *changuear* mencionando sua origem no espanhol platino de *changar*, que está voltado para o ato de comercializar, fazer fretes.

O verbo *bolcar* é registrado nos dicionários regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e no DRAE, como podemos ver no Quadro 15:

Quadro 15 - *Bolcar*

Item	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Bolcar	Virar, rolar, arar (variação: <i>volcar</i>).	Fazer cair; virar, rolar.	[volcar] 1 Torcer o trastornar algo hacia un lado o totalmente, de modo que caiga o se vierta lo contenido en ello; 2 Turbar a alguien la cabeza una cosa de olor o fuerza eficaz, de modo que le ponga en riesgo de caer; 3 Hacer mudar de parecer a alguien a fuerza de persuasiones o razones.

Fonte: elaborado pelo autor

Os registros de *bolcar* são vistos somente nos dicionários regionalistas (BOSSLE 2003; OLIVEIRA 2010) com referência ao *volcar* do espanhol e significando a ação de virar, rolar ou fazer cair.

Na sequência, no Quadro 16, há o verbo *entreverar* com seus respectivos registros:

Quadro 16 - *Entreverar*

Item	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Entreverar	1 Misturar, confundir. 2 Confundir-se, em consequência de mistura. (Do <i>esp. plat.</i> Entreverar).	1 Misturar, entremeter. 2 Confundir-se, em razão de mistura. 3 Participar de um entrevero. O mesmo	1 Misturar, confundir. 2 Confundir-se, em consequência de mistura. 3 Encontrar-se com alguém num entrevero.	1 Mezclar, introducir algo entre otras cosas. 2 Dicho de personas, de animales o de cosas: Mezclarse desordenadamente.

		que <i>entreveirar</i> . (Do <i>cast.</i> <i>entreverar</i>).		3 Dicho de dos masas de caballería: Encontrarse para luchar.
--	--	----------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor

Ligado às lidas campeiras, o verbo *entreverar* refere-se às situações em que o gado (ou os animais em geral) se mistura. Todavia, na canção é utilizado no sentido metafórico, já que quando a ideia representada é a busca pela união entre esperança e humildade, conforme pode ser constatado: “Pra que a esperança e a humildade se acolherem / E se entreverem na busca de um mundo novo”.

O Quadro 17, a seguir, apresenta os vocábulos, *matreiro*, *peleador*, *peleia* e seus respectivos registros nos dicionários de língua geral (HOUAISS e AURÉLIO), bem como nos regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e no DRAE:

Quadro 17 - *Matreiro, peleador, peleia*,

Itens lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Matreiro	Astuto, esperto, malandro.	Muito experiente; astuto, sabido, experimentado, matraqueado. (Do <i>esp.</i> <i>matrero</i>).	1 Diz-se do animal esquivo e desconfiado que se esconde no mato para não se deixar pegar; arisco. 2 Diz-se do indivíduo muito vivo, que age de má-fé, sendo difícil de convencer-se para um acordo amigável. (Do <i>cast.</i> <i>matrero</i>).	Que vive no mato, esquivo, arisco. Diz- se de animal ou de pessoa.	[<i>matrero</i>] 1 Astuto, resabido. 2 Suspicaç, receloso. 3 Engañoso, pérfido.
Peleador	Que ou o que costuma se envolver em brigas; brigão, turbulento.	Brigão; turbulento. (Do <i>esp. plat.</i> <i>peleador</i>).	1 Brigão, rixoso; turbulento, rusguento; pelejador. 2 Lutador, batalhador. (Do <i>cast. plat.</i> <i>peleador</i>).	Bom de briga. Variação de <i>pelejador</i> .	1 Que peleia (combate). 2 Que propende o es aficionado a peleiar.
Peleia	1 Briga com ou sem armas; luta; disputa. 2 Batalha entre forças oponentes; contenda, peleja. (Do <i>esp.</i> <i>pelea</i>).	1 Pugilato, contenda, peleja, briga. 2 Combate entre forças beligerantes; batalha, peleja. (Do <i>esp. plat.</i> <i>Pelea</i>).	1 Briga, peleja, contenda, pugilato, rusga, disputa, luta. 2 Luta entre forças beligerantes; combate. (Do <i>cast. plat.</i> <i>Pelea</i>).	1 Pugilato, briga. 2 Combate ou batalha entre forças beligerantes. Variação de <i>peleae</i>	Acción y efecto de pelear o pelearse.

				<i>peleia.</i>	
--	--	--	--	----------------	--

Fonte: elaborado pelo autor

No mesmo campo dos itens *guapo* e *taura*, registrados anteriormente no quadro 09, tem-se o adjetivo *matreiro* que pode caracterizar um animal astuto, esperto ou até mesmo malandro. Todos esses adjetivos podem ser usados também como epítetos, qualificadores para seres humanos. Pode ser incluído ainda nesse grupo de palavras que carregam a influência do espanhol platino o vocábulo *peleador*, que na canção aparece na forma plural, *peleadores*, que significa combatentes. Esses itens podem servir como representação da bravura e do destemor do homem pampeano.

O item *polvoadeira*, no Quadro 18, a seguir, consta apenas nos dicionários regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e no DRAE – com grafia alterada para *polvareda* –, sendo registrado como “nuvem de pó”:

Quadro 18 - *Polvoadeira*

Item	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Polvoadeira	1 Nuvem de pó; poeirada, poeirama. 2 Agitação. 5 Diz-se do cavalo sestroso, caborteiro, quebra, puava. (Do <i>cast. plat.</i> <i>polvadeira</i>).	Grande quantidade de poeira que levanta em estradas não pavimentadas quando passa um carro ou mesmo ou estouro de boiada. Variação de <i>polvadeira</i> .	[<i>polvareda</i>] 1 Cantidad de polvo que se levanta de la tierra, agitada por el viento o por otra causa cualquiera.

Fonte: elaborado pelo autor

Polvoadeira faz referência ao pó, à poeira formada pelo gado nas estradas de chão, de acordo com os dicionários pesquisados. Tanto o BOSSLE quanto o OLIVEIRA registram esse vocábulo com origem de *polvadeira*, entretanto a forma encontrada no DRAE é *polvareda*, tendo o mesmo significado. Dessa forma, ainda se defende o possível empréstimo da LE para a LP.

O quadro 19 a seguir apresenta os registros de *tropilha* nos dicionários regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e no DRAE, neste com a forma *tropilla*.

Quadro 19 - *Tropilha*

Item	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Tropilha	1 Porção de cavalos (dez a vinte) do mesmo pelo, e que seguem uma égua-madrinha; 2 Bando, grupo.	Tropa de cavalos com o mesmo pelame e que seguem uma égua-madrinha.	[<i>tropilla</i>] 1 Conjunto de yeguarizos guiados por una madrina. 2 Conjunto de caballos de montar,

	(Do cast. plat. tropilla).		que se tienen juntos por un tiempo.
--	----------------------------	--	-------------------------------------

Fonte: elaboração do autor

O item *tropilha*, mencionado anteriormente, diz respeito ao diminutivo de “tropa”. Nesse caso, é posposto ao radical *trop-* o sufixo derivacional de diminutivo “ilha”, que por sua vez caracteriza-se como um empréstimo do espanhol castelhano, a partir do sufixo espanhol derivacional de diminutivo *-illo* (DRAE, 2001).

4.1.5 Regional

A canção *Regional* aborda a autoidentificação do sujeito fronteiriço e o discurso que este produz, identificando-se como um ser *regional*, conforme pode ser observado na sequência, na Fig. 11:

FIGURA 11: Letra de *Regional*

Regional	
<p>Regional é uma criolla, arte, cultura campeira Um rangido de basteira, um redomão de bocal Um universo rural num sentimento profundo Que antes de sermos do mundo, temos que ser regional Meu canto crioulo é qual pasto nativo Que brota com força e se estende na pampa Juntou rebeldias pelas recolutas Da raça mais bruta herdou essa estampa É grito tropeiro, é mugido de tropa E assim se alvorota pedindo bolada Cincerro de bronze chamando a tropilha Clarim farroupilha anunciando alvorada Curtido a minuano e a pó de mangueira A berro de touro e relincho de potro Moldei este canto praíno campeiro Por ser verdadeiro é sinuelo pra os outros</p>	<p>Se quedou então Regional Pela tradição que traduz o seu jeito Tendo sentimento de pátria no sangue E amor ao Rio Grande batendo no peito Regional por devoção, regional de nascimento Regional no pensamento, na conduta e na emoção Lá num oco do rincão trancando o pé na macega Que um regional não se entrega tendo ou não tendo razão Mistura de verso e resmungo de gaita Conceito de povo templado na guerra Que fez seu destino arrastando choronas Gravando o idioma no lombo da terra Carrega nas cinzas de cada memória A alma e a história de um pago ancestral Forjadas num lenço, parte de bandeira Brasão de fronteira, padrão regional.</p>

Já nos primeiros versos são apresentas marcas de sujeitos que vivem numa *região de fronteira* e que se identificam como tais a partir de *regionalidades*, características e visões de mundo, bem como a afirmação do pertencimento à região:

Regional é uma criolla. Arte, cultura campeira
Um rangido de basteira, um redomão de bocal
Um universo rural num sentimento profundo
Que antes de sermos do mundo, temos que ser regional

A afirmação “temos que ser regional” exalta a pertença e a ligação à terra, ao lugar onde se vive, sentido corroborado nos versos “conceito de povo templado na guerra/ que fez seu destino arrastando choronas/ gravando o idioma no lombo da terra”. A canção alude a toda a simbologia de *região*, cristalizada no imaginário do sujeito e possivelmente interpretada como uma síntese da construção histórica do Rio Grande do Sul, espaço de fronteira móvel, palco de batalhas e acordos entre portugueses e espanhóis.

O imaginário construído alude para um sujeito fronteiriço que é tido como valente, que venceu batalhas e conquistou com garra e bravura seu território, como se observa nos versos: “Conceito de povo templado na guerra/ Que fez seu destino arrastando choronas/ Gravando o idioma no lombo da terra/ Carrega nas cinzas de cada memória/ [...] Brasão de fronteira, padrão regional”. A identificação com o pampa é simbolizada pelo “pasto nativo”, que tem “força e se estende”, como se lê nos versos a seguir:

Meu canto crioulo é qual pasto nativo
Que brota com força e se estende na pampa
Juntou rebeldias pelas recolutas
Da raça mais bruta herdou essa estampa

As *regionalidades*, no plano da linguagem, dão-se, por exemplo, pela presença de termos da língua espanhola como *criolla*, *cincerro*, *minuano* e *quedou*, interiorizadas na linguagem típica do gaúcho. A canção concretiza-se como uma evidência forte de hibridismo a partir do contato de fronteira, tendo em vista que, como já mencionamos antes, citando Oliven (2006, p. 9), o Rio Grande do sul, em muitas vezes, carrega “mais semelhanças com áreas da Argentina e do Uruguai, países com os quais faz fronteira” (OLIVEN, 2006, p. 9). O Quadro 20, que segue, apresenta, o item *cincerro* – com grafia alterada no DRAE para *cencerro* – e seus respectivos registros nos dicionários consultados:

Quadro 20 - *Cincerro*

Item	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Cincerro	Sineta que pende do pescoço de certos animais, e cujas batidas de sonoridade indefinida servem para guiar e reunir uma tropa, um rebanho. (Do <i>esp.</i> Cincerro)	Campainha grande pendente do pescoço da besta que serve de guia às outras. (Do <i>esp. plat.</i> cencerro).	Espécie de campainha grande e rústica, pendente do pescoço da égua-madrinha, a cujo som os animais da tropa se acostumam, mantendo-se reunidos. Utilizável também no pescoço	Espécie de sineta que se pendura no pescoço do animal que serve de guia aos outros.	[cencerro] Campana pequeña y cilíndrica, tosca por lo común, hecha con chapa de hierro o de cobre, que se usa para el

			de bois carreteiros. (Do <i>esp. plat.</i> cencerro).		ganado y suele atarse al pescuezo de las reses.
--	--	--	-------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------

Fonte: elaboração do autor

Com grafia modificada no DRAE (*cencerro*), os dicionários de língua geral (AURÉLIO HOUAISS) e o BOSSLE registram o substantivo *cincerro* com origem na LE. Esse vocábulo está relacionado à vida no campo, uma vez que *cincerro* é uma campainha muito usada no gado, principalmente quando este é deslocado de um espaço para outro.

A seguir, no Quadro 21, são apresentados os registros de *minuano* e *sinuelo*, este com grafia *señuelo* no DRAE:

Quadro 21 - *Minuano, sinuelo*

Item	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Minuano	Vento forte, frio e seco, que sopra no Rio Grande do Sul depois das chuvas de inverno.	Vento que sopra da Argentina (onde é chamado de pampero) durante três dias, no inverno. Minuano claro ou limpo, vento frio e seco. Minuano sujo, acompanhado de chuva miúda e insistente.	Vento muito frio e seco que sopra do quadrante sudoeste, no inverno e, eventualmente, no fim do outono e começo da primavera, após um período de mau tempo. (Do <i>cast. plat.</i> minuano).	2. adj. Pertenciente o relativo a esta ciudad, capital del departamento de Lavalleja, en el Uruguay.
Sinuelo	1 Porção de gado, acostumado a ser conduzido, que se junta aos bois e cavalos bravos com a finalidade de a estes servir de guia 2 Gado manso utilizado nos trabalhos rurais. (do <i>plat.</i> siñuelo).	1 Ponta de animais mansos acostumados às lidas campeiras, que se utiliza junto aos xucros para acalmá-los e melhor conduzi-los aonde que seja. (Do <i>esp. plat.</i> sinuelo).	1 Ponta de animais mansos acostumados às lidas campeiras, que se utiliza junto aos xucros para acalmá-los e melhor conduzi-los aonde deseja; Cada animal manso utilizado com essa finalidade. O sinuelo de tropa destinada ao matadouro geralmente é poupado; sinueleiro. 3 Campainha que se coloca no pescoço de égua madrinha. (Do <i>cast. plat.</i> sinuelo).	[señuelo] 5. m. Arg., Bol. y Par. Grupo de cabestros o mansos para conducir el ganado.

Fonte: elaboração do autor

No Rio Grande do Sul, *minuano* é o vento como forte e frio, que sopra no sentido sudoeste. Já palavra *sinuelo* (= conjunto de gado manso) pode ser visto como um empréstimo

da LE, uma vez que é registrada nos dicionários regionalistas e de língua geral, com ênfase na origem da LE; entretanto, o registro no DRAE é *señuelo*, diferente da forma apontada pelo BOSSLE e pelo OLIVEIRA.

No mesmo contexto de lidas campeiras em que está *sinuelo*, identificamos na canção o vocábulo *redomão* – apresentado no Quadro 22, a seguir – que provavelmente tem origem a partir de *redomón* (forma também registrada no DRAE):

Quadro 22 - *Redomão*

Item	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Redomão	Diz-se de, ou cavalo recém-domado, que sofreu poucos repasses e ainda não está bem manso. / <i>Fig.</i> Peças de vestuário novas e que causam incômodo: sapato redomão.	Diz-se do cavalo novo que está sendo domado, tendo sofrido poucos repasses, não estando, ainda, bem manso. 2 <i>Fig.</i> Aplica-se à pessoa difícil de se conquistar (o amor, a amizade, a simpatia. (Do <i>cast. plat.</i> redomón).	1 Diz-se do cavalo que experimentou poucos repasses, não estando, ainda, completamente domando. 2 Diz-se do cavalo que ainda está sendo domado.	1. Adj. Am. Mer., Cuba y Hond. Dicho de una caballería: no domada por completo.

Fonte: elaboração do autor

Conforme consta nos dicionários pesquisados, *redomão* é o cavalo que ainda não foi ou está sendo domando. Levanta-se aqui a hipótese de empréstimo da LE para a LP, já que os dicionários regionalistas registram-no com origem no item *redomón*, coincidindo com a forma registrada no DRAE.

O verbo *quedar*, apresentado no Quadro 23, tem registros nos dicionários HOUAISS, AURÉLIO e DRAE.

Quadro 23 - *Quedar*

Item	HOUAISS	AURÉLIO	DRAE
Quedar	1 Estar quedo. 2 ficar ou deter-se em um lugar.	Estar quedo; ficar ou deter-se em um lugar; estacionar; conservar-se; parar.	1 Estar, detenerse forzosa o voluntariamente en un lugar. 2 Subsistir, permanecer o restar parte de algo.

Fonte: elaborado pelo autor

Nos versos “Se quedou então Regional/ Pela tradição que traduz o seu jeito/ Tendo sentimento de pátria no sangue/ E amor ao Rio Grande batendo no peito”, o verbo *quedar* significa “ficar”. Apesar dos registros nos dicionários HOAISS, AURÉLIO e DRAE, esse verbo pode ser um possível empréstimo da LE, já que pela proximidade geográfica e

constantes contatos com os países hispanos, os sujeitos usam muito do léxico da LE no cotidiano, como as ocorrências aqui apresentadas nas canções gauchescas.

O vocábulo *criolla* é aqui empregado no sentido da quinta acepção registrada:

Criolla

1 Dicho de un hijo y, en general, de un descendiente de padres europeos: Nacido en los antiguos territorios españoles de América y en algunas colonias europeas de dicho continente.

5 Peculiar, propio de Hispanoamérica.

A forma *criolla* está registrada apenas em LE, com equivalente em português *crioulo*, caracterizando o regional na canção: a arte e a cultura campeira. Observam-se, assim, marcas do gaúcho e do *gaucho*, revelando uma *região de fronteira* que une países por meio de suas construções simbólicas. São reveladas similaridades entre o gaúcho do Rio Grande do Sul e o *gaucho* do pampa argentino, num espaço fronteiro onde há a confluência de culturas comuns, de linguagem e de identidades.

4.1.6 Coração de cordeona

A canção *Coração de cordeona* fala sobre os amores e desamores do sujeito de fronteira, fazendo referência a diversos momentos do cotidiano, principalmente os de entretenimento, geralmente embalados pelo som de gaita (cordeona), conforme pode ser visualizado na letra, a seguir (Fig. 12):

FIGURA 12: Letra de *Coração de cordeona*

Coração de cordeona	
<p>Meu coração de cordeona Campeia aguada no pago Que a comichão pelo trago acende a alma gaviona E um trotezito do baio Parece até que adivinha que alguma tipa daninha Que adone nos meus carinhos Qualquer bolicho firmado na curva de algum caminho É caminho confirmado pra o meu próprio descaminho Buscando a volta de tava, sota, facão e cordeona Um floreio aquebrantado que coce a alma gaviona Será que o costume antigo lá do meu pago Marchou num culo cravado de volta e meia Será que o Rio Grande macho que foi passado Ficou na curva do braço escorando o mundo novo</p>	<p>Meu coração de cordeona Vive num tempo esquecido Qualquer bolicho firmado na curva de algum caminho É caminho confirmado pra o meu próprio descaminho Buscando a volta de tava, sota, facão e cordeona Um floreio aquebrantado que coce a alma gaviona Será que o costume antigo lá do meu pago Marchou num culo clavado de volta e meia Será que o Rio Grande macho que foi passado Ficou na curva do braço escorando o mundo novo</p>

Coração de cordeona faz uma reflexão sobre a vida cotidiana e os “amores” do sujeito fronteiriço: o cavalo (“baio”), o senso de liberdade (“alma gaviona”) e as coisas de sua rotina. O *eu lírico* revela que o seu coração de cordeona “vive num tempo esquecido”, mostrando que atividades como “a volta de tava, sota, facão e cordeona” foram esquecidas na história, abandonadas, substituídas, ou ainda que contemporaneamente não mais comum, mas nem por isso se mantém esquecida, mantendo-se firme em seu coração, representado, sobretudo no título “coração de cordeona”.

Segundo os versos da canção, ao buscar-se divertimento ou nos momentos de horas vagas, o fronteiriço pode ir ao *bolicho* – pequeno estabelecimento comercial – e assim ter momentos de descontração, como, por exemplo, no jogo de *tava*.

A seguir, no Quadro 24, são apresentados os registros de *bolicho* nos dicionários regionalistas e no DRAE com a grafia outra: *boliche*.

Quadro 24 - *Bolicho*

Item	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Bolicho	Pequeno estabelecimento comercial; bar, vendinha, bodega, taberninha. 2 Casa de jogo. (Variação de boliche – do cast. plat. <i>boliche</i>).	O mesmo que bodega. Pequeno armazém de secos e molhados. Variação de boliche.	[boliche] 8 Establecimiento comercial o industrial de poca importancia, especialmente el que se dedica al despacho y consumo de bebidas y comestibles (Arg., Bol., Par. y Ur.). 9 Bar, discoteca (Arg. y Ur).

Fonte: elaborado pelo autor

Não foram encontrados registros de *bolicho* nos dicionários de língua geral consultados. Nos dicionários regionalistas, como já destacado, há a menção à variação do castelhano platino *boliche*, este registrado no DRAE como vocábulo utilizado na Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Sobre esse item lexical, Rocha (2008) explica:

[...] forma uma área dialetal bem definida que parte das cidades fronteiriças de Uruguaiana e Quaraí se deslocando em direção ao Centro do Estado até a cidade de Soledade e em direção ao Oeste até a cidade de Santa Rosa. Como podemos hipotetizar, essa variante pode ter entrado no RS há séculos atrás pela atividade agropecuária comum aos dois lados da fronteira, época em que era comum, devido ao pouco comércio existente na região, os peões de estância e os próprios patrões se encontrarem para beber e jogar nos bolichos e, ao mesmo tempo, se abastecerem com os mantimentos para a casa e o galpão. (ROCHA, 2008, p. 110)

Já o substantivo *tava* tem seus registros nos dicionários de língua geral (HOUAISS e AURÉLIO), nos regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e no DRAE, com a grafia modificada para *taba*, conforme o Quadro 25, a seguir:

Quadro 25 - *Tava*

Itens lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Tava	Jogo que consiste em arremessar para cima um osso de jarrete de gado bovino, ganhando caso o osso caia no chão com sua parte côncava para cima; jogo do osso, <i>taba</i> . (Do <i>esp.</i> <i>taba</i> – jogo do osso).	Jogo gaúcho que, consiste em se atirar ao ar o tava com um lado chato e outro redondo, vencendo aquele que fizer tombar a parte chata (sorte) para baixo; jogo do osso. (Do <i>esp. plat.</i> <i>taba</i>).	1 Jogo do osso, muito usado entre os gaúchos da fronteira; 2 O osso do garrão (astrágalo) do vacum com que se pratica esse jogo. (Do <i>cast. plat.</i> <i>taba</i>).	1 Jogo gaúcho que consiste em se atirar ao ar o tava com um lado chato e outro redondo, vencendo aquele que fizer tombar a parte chata (sorte) para baixo; jogo-do-osso; 2 O osso do jarrete do animal vacum. Variação de <i>taba</i> .	[<i>taba</i>] 1 astrágalo (hueso del tarso). 2 Lado de la <i>taba</i> opuesto a la <i>chuca</i> . 3 Juego en que se tira al aire una <i>taba</i> de carnero, u otro objeto similar, y se gana o se pierde según la posición en que caiga aquella.

Fonte: elaborado pelo autor

Fazendo referência ao espanhol, o item *tava*, variação de *taba*, está registrado tanto no Houaiss e Aurélio como também nos regionalistas. Rocha (2008) sugere, a partir do DRAE e do Dicionário Aurélio, que *taba* advém do “árabe hispânico *ká'bae* este do árabe clássico *ka'bah* que significa jogo em que se atira ao ar una *taba* de carneiro, ou outro objeto similar, e se ganha ou se perde segundo a posição em que caia aquela” (ROCHA, 2008, p. 104). Sobre esse jogo, Braun (1998) explica que:

[...] trazido ao solo pampeano pelos andejes da Espanha, que o guasca, cheio de manha, agauchou com perícia dando mais arte e malícia no chão de nossa campanha. E o guasca o levou consigo às rudes *tabas* selvagens, onde os índios, personagens barbarescas deste chão, o fizeram diversão nas suas disputas brabas, Talvez daí o nome *tabas* dado ao osso do garrão. E o astrágalo da rês foi sendo chamado *taba* que o selvagem falquejava desquinando cada lago, um deles bem achatado, outro com reintrância forte, é a *cara* chamada sorte e o *culo* é o lado aplainado (coroa). Consiste o jogo em lançar a *tava* no ar, girando, duas ou três voltas dando na direção da “raia” conforme o lado que caia o jogador perde ou ganha. É o jogo que, na campanha dá peleia a la gandaia. (BRAUN, 1998, p. 206-207)

Ainda, nesse mesmo campo, há o item *culo*, que pode ser identificado nos dicionários regionalistas e no DRAE, com dois sentidos interligados ao jogo do osso: determinada posição do osso ao cair e a má sorte no jogo. Esses registros são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 26 - *Culo*

Item	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Culo	1 Posição em que, caindo o osso (no jogo do osso ou tava), o jogador perde a partida. 2 má sorte.	O oposto da sorte, no jogo de osso e tava.	1 Conjunto de las dos nalgas. 2 En algunos animales, zona carnosa que rodea el ano. 3 ano. 4 Extremidad inferior o posterior de algunas cosas. Culo del pepino, del vaso. 5 En el juego de la taba, parte más plana, opuesta a la carne. 6 Escasa porción de líquido que queda en el fondo de un vaso.

Fonte: elaborado pelo autor

Diante dessas evidências, *Bolicho* e *tava*, identificados na canção, podem também ser vistos como empréstimos da LE.

4.1.7 *Recuerdo*

Na letra da canção *Recuerdo*, o *eu lírico* faz uma retomada de seu passado, de suas tarefas cotidianas e do lugar onde nasceu e do qual se encontra longe: a querência. Como um *recuerdo*, é elencado tudo o que deixou saudade, como se observa na letra apresentada a seguir (Fig. 13):

FIGURA 13: Letra de *Recuerdo*

Recuerdo	
<p>Recuerdo sabe do tempo... Do meu sombrero maneado E o trotezito largo procurando o teu amor Recuerdo sabe do tempo, do meu ponchito listrado Voando na polvadeira de um corredor...</p> <p>Recuerdo adoça esta vida, que amarga se fez ausência De um passado que é distância gemendo em guitarrador Recuerdo me traz de volta todo o sabor da querência Erguido na polvadeira de um corredor... Recuerdo guarda a saudade de um tempo que hoje é ausência E troteia na distância de uma vida que passou ... Recuerdo procura volta pra quem viveu a querência na curva de um caminho e não voltou;</p>	<p>Recuerdo sabe do tempo de um rodeio bem parado, em que um respeito trançado volteava os refulgador... Recuerdo sabe do tempo das cruz de um baio encerado num trotezito ladeado pra minha flor, recuerdo adoça esta vida que amarga se fez ausência de um passado que é distância gemendo em guitarrador ... Recuerdo me traz de volta o sabor da querência perdido na polvadeira de um corredor Recuerdo guarda saudade de um tempo que hoje é ausência e troteia na distância de uma vida que passou Recuerdo procura a volta pra quem perdeu a querência na curva de algum caminho e não voltou...</p>

Recuerdo estabelece uma relação íntima com o sentimento de saudade, explicitado na dor que o *eu lírico* sente pela ausência de tudo que fazia parte do seu passado e no presente se faz ausente. O “sombrero maneado”, o “trotezito largo” e o “ponchito listrado” representam o saudosismo pela vida campeira, pelas lidas diárias e por sua “querência”. Esse sentimento pode ser constatado nos versos: “Recuerdo guarda saudade de um tempo que hoje é ausência e troteia na distância de uma vida que passou/ Recuerdo procura a volta pra quem perdeu a querência na curva de algum caminho e não voltou...”

Como efeito dessa saudade, da dor pelo que já passou, há o pedido do regresso ao passado, para “adoçar a vida”, representado nos versos “Recuerdo me traz de volta o sabor da querência perdido na polvadeira de um corredor”.

Tal qual ocorre nas demais canções de César Oliveira e Rogério Melo aqui analisadas, em *Recuerdo* podemos perceber a incidência de itens lexicais da LE já abordados nas letras das canções como, por exemplo, os itens *sombrero* (*Das volteadas de uma estância*), *polvadeira* (*Cantiga para o meu chão*) e *querência* (*Apaisanado*). São também originários da LE os itens *recuerdo* e *poncho*, apresentados nos Quadros 26 e 27, na sequência:

Quadro 27 - *Recuerdo*

Item	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Recuerdo	1 Recordação, lembrança 2 Presente. (Do <i>cast.</i>)	Lembranças, recordações. Expressão muito usada na fronteira.	1 Memoria que se hace o aviso que se da de algo pasado o de que ya se habló.

			2 Cosa que se regala en testimonio de buen afecto.
--	--	--	----------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor

O Dicionário Gaúcho (OLIVEIRA; 2010), além de registrar o item *recuerdo*, enfatiza que este é muito utilizado na fronteira gaúcha com os países vizinhos. A ausência de registros no HOUAISS e no AURÉLIO, e o registro da origem no Dicionário Gaúcho Brasileiro (BOSSLE; 2003) aponta para o uso desse vocábulo da LE nos “falares” da fronteira.

O substantivo *poncho* é registrado nos dicionários de língua geral (AURÉLIO e HOUAISS), nos regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e também no DRAE, com a mesma grafia e sentido.

Quadro 28 - *Poncho*

Item	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Poncho	Tipo de capa quadrada de lã impermeável, com abertura que permite enfiá-la pela cabeça e apoiá-la nos ombros.	Capa de lã, quadrada, com uma abertura no centro.	Capa grossa inteiriça, feita geralmente de pano de lã na cor azul, com forro de baeta encarnada, no formato retangular, ovalado ou arredondado, sempre com uma abertura no meio onde se passa a cabeça, de modo que descanse sobre os ombros e caia até abaixo dos joelhos. (Do <i>cast.</i> poncho)	Capa retangular, de lã impermeável, com abertura no meio, usada para enfrentar frio e chuva.	Prenda de abrigo que consiste en una manta, cuadrada o rectangular, de lana de oveja, alpaca, vicuña, o de otro tejido, que tiene en el centro una abertura para pasar la cabeza, y cuelga de los hombros generalmente hasta más abajo de la cintura.

Fonte: elaborado pelo autor

Apesar ser registrado nos dicionários HOUAISS e AURÉLIO, sem menção à língua espanhola, *poncho* está registrado com a origem do castelhano em Cunha (2010, p. 510), no DRAE e o Dicionário Gaúcho Brasileiro (BOSSLE; 2003), levanta-se, portanto, também a hipótese de empréstimo linguístico.

Na canção há, ainda a incidência do sufixo derivacional de diminutivo *-ito*, acrescido aos radicais *trot-* e *ponch-*. Nessas ocorrências, observamos o sufixo como uma possível influência do espanhol, conforme abordado anteriormente.

4.1.8 *Prego na bota*

A letra da canção *Prego na bota*, apresentada na sequência, aborda metaforicamente um amor não correspondido e os “anseios” do *eu lírico* em buscar notícias, reencontrar e reconquistar seu amor (Fig. 14):

FIGURA 14: Letra de *Prego na bota*

Prego na bota	
Faz dias que esta saudade "Me cutuca" e me incomoda Pior que prego na bota Quando empeça a castigar Que troço mais sem sentido É um amor mal resolvido Só um retrato envelhecido Ficou pra me consolar Já mandei muito recado E até aviso pela rádio E um bilhete emocionado Na Kombi que faz a linha E a cretina não responde Nem pra me mandar bem longe Parece até que se esconde Covarde, maula e mesquinha	Um taura cento por cento "Se entregá" pra um sentimento Chorando por quem não volta
Ai, ai, ai, ai... Saudade! Ai...Prego na bota Onde é que já se viu	É que um romance aporreado Aniquila e prejudica E "ademais" ninguém explica A angústia de um pobre peão Que sofre de alma estropiada Por uma china malvada Que se foi sem dizer nada Levando meu coração Pelo menos dá um sinal Nem que seja de fumaça Que aquilo não tem mais graça E tu não "tá" arrependida "Me poupa" desse desgaste Devolve todos os meus trastes E o coração que roubaste Que eu corro risco de vida.

O *Prego na bota* que dá título à canção configura-se metaforicamente como a dor causada pela saudade que o *eu lírico* sente de sua amada e pela desilusão amorosa resultante da partida dela, que não responde às constantes mensagens enviadas e não manda notícias.

Ai, ai, ai, ai... Saudade!
Ai... Prego na bota
Onde é que já se viu
Um taura cento por cento
"Se entregá" pra um sentimento
Chorando por quem não volta

O vocábulo aporreado pode caracterizar algo pobre, desastrado, doente, ou ainda, representar o cavalo que não foi possível domar. Dessa forma, romance aporreado pode ser considerado quando há um amor difícil de conquistar, sem possibilidades de ter a amada junto de si, apesar das inúmeras tentativas. Mesmo sendo considerado valente, destemido, corajoso

ou, como diz a canção, um “taura cento por cento”, o amor não é correspondido, o que deixa o sujeito apaixonado desolado, triste, abatido e desiludido.

Nos Quadros 28 e 29 a seguir são apresentados o verbo *empeçar* – com grafia alterada no DRAE para *empezar* – e o substantivo *peão*, com seus respectivos registros:

Quadro 29 - *Empeçar*

Item	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Empeçar	Começar; principiar. (Do <i>esp.</i> <i>empezar</i>).	Dar início; começar, principiar. (Do <i>cast.</i> <i>empezar</i>).	Começar, principiar.	[<i>empezar</i>] 1 Dar principio a algo. 2 Iniciar el uso o consumo de algo; 3 Dicho de una cosa: tener principio.

Fonte: elaborado pelo autor

A forma verbal *empeçar*, conforme os dicionários consultados, significa “começar” e provavelmente tenha origem no *empezar*, da LE. Também, identifica-se aqui a alteração do **z** por **ç**, uma vez que o **z** tem som de **S** – fricativa alveolar desvozeada – em espanhol.

No Quadro 29, a seguir, estão expostos os registros encontrados de *peão* e a forma *peón* no DRAE.

Quadro 30 - *Peão*

Itens lexicais	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Peão	<p>1ª entrada 1 Amansador de animais, especialmente cavalos. 2 Auxiliar de boiadeiro. 3 Ajudante de boiadeiro. 4 Trabalhador rural. (Do <i>esp.</i> <i>peón</i>).</p> <p>2ª entrada No jogo de xadrez, cada uma das oito peças dispostas ao longo da segunda fila, que se movimentam apenas para frente, de casa em casa. (Do <i>latim</i> <i>pedo</i>, <i>onis</i>).</p>	<p>1ª entrada Soldado de infantaria (Do <i>latim vulgar</i>).</p> <p>2ª entrada 1 Amansador de cavalos, burros, bestas. 2 Condutor de tropa. 3 Ajudante de boiadeiro. 4 Trabalhador rural. (Do <i>esp.</i> <i>platino</i> <i>peón</i>).</p>	<p>1 Trabalhador assalariado que, nas estâncias, executa diversos serviços; peão de estância; conchavado. 2 Trabalhador rural. 3 Condutor de tropas. (Do <i>cast.</i> <i>peón</i>).</p>	Trabalhador de estância.	[<i>peón</i>] 7 Persona que actúa subordinada a los proyectos e intereses de otra.

Fonte: elaborado pelo autor

Quanto ao item *peão*, há nos dicionários gerais de língua portuguesa duas entradas distintas: uma fazendo referência ao latim e outra ao espanhol; nos dicionários regionalistas os

registros destacam a origem do espanhol *peón*. As acepções de origem latina – *peça do jogo de xadrez* ou *soldado de infantaria* - não são empregadas nessa canção. O verso “A angústia de um pobre peão” corrobora os dados do quadro e quando refere à acepção de origem do espanhol significa “trabalhador de estância”, aquele que mora na fazenda de criação de gado, ovelha ou cavalos e trabalha nesse meio.

4.1.9 *A pior é minha*

No mesmo contexto de *Prego na bota*, a canção *A pior é a minha* tem como temática central as peripécias enfrentadas na busca de um amor. Como pode ser visto na sequência, a letra trata, de forma descontraída, da busca por uma aventura amorosa descompromissada (Fig. 15):

FIGURA 15: Letra de *A pior é minha*

A pior é minha	
Hoje tem baile ali no salão da vila Pois nem que me falte uns pila Me acaranco no entreveiro Bombacha larga e lenço atado a meia espalda Como quem vai sacar as balda De um redomão caborteiro Saí das casa pensando ajeitar o futuro E então morrer seguro Nos braços de alguma dona Sei que esta noite a trova vai ser de pua No ouvido desta xirua numa vanera chorona Sei que esta noite a trova vai ser de pua No ouvido desta xirua numa vanera chorona Cheguei cedito , fiquei até assombrado Com tanto corpo ajeitado se passeando na minha frente Que me perdoem meu jeitão indelicado É que o cheiro do pecado mexe com o instinto da gente	Que o paraíso é pertinho, pintadinho de batom" Cruzei do ponto, fui misturando as bebida Me topei com uma querida deixada de um castelhano Morena linda, cabelo pela cintura, De corpo uma formosura, mas de cara um brigadiano Morena linda, cabelo pela cintura, De corpo uma formosura, mas de cara um brigadiano É bem verdade, já diz o velho ditado, Que o índio quando enxaguado age que nem uma mula Quando acordei, reparei que é bem assim Sobrou a pior pra mim, menos mal foi só por fula
Deixa pra mim Deixa pra mim A pior dessas percantas paisano Deixa pra mim	Deixa pra mim Deixa pra mim A pior dessas percantas paisano Deixa pra mim
Saltei carcando gostando da brincadeira Pra bailar a noite inteira daí que fica bem bom Gritei na copa: "Me bote um copo de vinho,	

Nos primeiros versos, o *eu lírico* fala da preparação para ir a um baile e, assim, procurar uma aventura amorosa. A descrição explicita as diversas situações encontradas para ir a um baile, desde a escolha da vestimenta, “bombacha larga e lenço atado à meia espalda”, até o intuito de “morrer seguro nos braços de alguma dona”. O refrão traz um pedido/desejo de se poder encontrar uma *percanta* e poder assim conquistá-la. Conforme já abordado anteriormente, o substantivo *percanta* tem origem na LE e significa “mulher jovem, china, chinoca, pinguancha”, ou ainda, no ponto de vista do conhecimento popular, pode ser vista como a moça que “cede fácil aos encantos e galanteios de um homem”.

Na segunda parte da canção, são apresentadas as características da *percanta* conquistada: “morena linda, cabelo pela cintura,/ De corpo uma formosura, mas de cara um brigadiano”.²³ Na estrutura profunda, esse verso afirma que a moça é “feia como um brigadiano”, ou seja, não apresenta traços femininos e delicados, como seria de se esperar. Concretiza-se aí então a jocosidade da letra, já que o *eu lírico* não se importa que a conquistada não seja bela e propõe: “deixa pra mim, a pior dessas percantas, paisano, deixa pra mim”.

Além de *percanta*, observa-se na canção o item *entreveiro*, já analisado como possível origem da LE. Ainda outros constam da letra: *bombacha* e *caborteiro*, que são apresentados nos Quadros 30 e 31:

Quadro 31 - *Bombacha*

Item	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Bombacha	1 Calções largos que se atavam por sob os joelhos. 2 Calças muito largas em toda perna, salvo no tornozelo, onde são presas por botões, típicas, sobretudo, do vestuário regional gaúcho. (Do <i>esp. plat.</i> bombachas).	1 Calças largas nas pernas e apertadas no tornozelo.	Calças muito largas em toda a perna, menos no tornozelo, onde são presas por botões, possuem dois bolsos grandes na lateral e o cóis é largo e sem alças. São bem mais largas na fronteira, estreitas entre os serranos e médias no planalto e nas missões. (Do <i>cast. plat.</i> bombachas).	Calças muito largas em toda a perna, menos no tornozelo, onde são presas por botões, típicas, sobretudo, do vestuário regional gaúcho.	Calzón o pantalón bombacho. (<i>Am.</i>)

Fonte: elaborado pelo autor

A *bombacha* é uma peça considerada parte da indumentária gaúcha, e descrita em diversas obras de referência sobre o tema, como a Pequena Enciclopédia Gaúcha (KICH,

²³ O vocábulo *brigadiano* é utilizado para referir-se ao “policial da Brigada Militar” (BOSSLE, 2003, p. 94).

2011, p. 112), segundo a qual se caracteriza como “uma calça ou pantalone larga e folgada entre o joelho e a região inguinal. Segura na região abdominal por um cinto de couro diferenciado (algibeira para os portugueses), com bolsinhos circulares”. Apenas o Bossle (2003) registra a origem do castelhano platino para a *lexia*, mas o DRAE reconhece seu emprego nas Américas. Observa-se que, pela proximidade geográfica e a confluência de culturas (gaúcho e *gaucho*), elementos culturais, como peças de vestuário, são também compartilhados; como por exemplo, a bombacha, registrado no livro “Pilchas Criollas”²⁴ de Fernando Assunção (KICH, 2011, p. 280).

O adjetivo *caborteiro*, com registros apresentados no Quadro 31 – faz referência à pessoa ou animal traiçoeiro, de pouca confiança – tem registros no HOUAISS, AURÉLIO, BOSSLE e DRAE.

Quadro 32 - *Caborteiro*

Item	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA
Caborteiro	1 Que ou aquele que não é confiável, que mente, engana ou trapaceia por astúcia ou com más intenções; velhaco. 2 Diz-se de ou cavalo, arisco, manhoso, que se esquiva, corcoveia ou não obedece.	1 Diz-se de, ou indivíduo velhaco, manhoso, mentiroso, que vive de expedientes; 2 Diz-se de, ou cavalo arisco, falso, velhaqueador, cheio de manhas (do <i>esp. plat. cabortero</i>).	1 Diz-se de, ou animal de manuseio difícil; arisco, infiel, manhoso, falso, velhaqueador, cheio de manhas; quebra; 2 Diz-se de, ou indivíduo velhaco, trapaceiro, manhoso, esperto, mentiroso, tratante, que, não merece confiança (do <i>esp. plat. cabortero</i>).	Diz-se de, ou indivíduo velhaco, manhoso, mentiroso, que vive de expedientes; 2 Diz-se de, ou cavalo arisco, falso, velhaqueador, cheio de manhas. Variação <i>cavorteiro</i> .

Fonte: elaborado pelo autor

O adjetivo *caborteiro*, empregado nos versos “Como quem vai sacar as balda/ De um redomão caborteiro”, significa animal ou pessoa que não inspira confiança. No caso da canção é o cavalo “redomão” (= não domado por completo) que é “caborteiro”, um animal arisco, manhoso, em que não se pode confiar. Além de ser registrado nos dicionários Aurélio, Gaúcho Brasileiro e Gaúcho, esse adjetivo está também no glossário de José de Hernández, como *caborteiro* (= cheio de baldas, arisco), registrado com base na obra “Martín Fierro” (KICH, 2011, p. 290).

Outra possível marca da LE pode ser identificada no vocábulo *cedito*, já que ocorre o acréscimo do sufixo derivacional *-ito* ao radical *ced-*. Esse sufixo, conforme mencionado anteriormente, pode ser uma influência a partir do contato entre os falantes de LP e LE no contexto de fronteira.

²⁴ A obra “Pilchas Criollas”, de Fernando Assunção, foi publicada tanto na Argentina quanto no Uruguai.

Para finalizar a seção, na canção há ainda a presença do item *xirua*, que de acordo com o dicionário BOSSLE tem origem do tupi, significando “companheira”. Nesse caso, observamos a incidência também da presença de outras origens no léxico utilizado no Rio Grande do Sul, o que revela uma rica formação linguístico-cultural do Estado, que merece ser estuda amplamente em estudos futuros.

4.1.10 *Sob as mangas do aguaceiro*

Sob as mangas do aguaceiro descreve a vida do *peão* de fazenda na sua lida em épocas de inverno, quando geralmente, em muitas localidades da fronteira do RS com Uruguai ou Argentina, há chuvas abundantes, fazendo com que o solo fique “encharcado” ou, como o próprio título propõe: um aguaceiro. Adiante (Fig. 16), é apresentada a letra da canção, na íntegra:

FIGURA 16: Letra de *Sob as mangas do aguaceiro*

Sob as mangas do aguaceiro	
<p>A manga calma se transforma em aguaceiro, O chuvisqueiro desentoca um "campomar" Que se tolda em cima dum baio-oveiro, Com meu sombrero que "tombeia" ao desaguar. "Fecho" seis dias que eu lido no "alagado" E o banhado já virou um "tremendal". Onde é várzea, tornou tudo encharcado, "campo dobrado", vertente de lamaçal.</p> <p>Até a baeta do meu poncho está molhada, Garra ensopada de varar passo e sanga. O galpão virou um varal de arreios. Oreando aperos enxaguados pela manga. O gado berra nostalgando tempo feio, E a parrelha do arreio calejou-se das basteiras.</p>	<p>Lombo molhado pra pisar foi bem ligeiro. Ainda a força do potreiro tá de baixo da aguaceira.</p> <p>Uma estiada negaceia por matreira, Com cisma de caborteira vem escondendo a cara, Do meu galpão sorvo as horas tramando tentos, Desquinando pensamentos, remendando alguma garra.</p> <p>Então me olvido empreitando esta faina, pois a força divina jamais falha e nunca erra. Talvez a chuva seja o adubo já gasto, que veio firma o pasto e larga uma graxa na terra.</p>

A partir da leitura da canção, percebe-se a presença chave dos sentidos de “água” ou “umidade”, identificados nos itens *sanga*, *alagado*, *banhado*, *aguaceiro*, *encharcado*, *lamaçal*, *passo*, *tremendal* e *vertente*. Muitas vezes, principalmente em períodos chuvosos, a “água” se torna um desafio ou dificuldade no exercício das atividades diárias do “peão”, como pode ser visto nos versos:

Até a baeta do meu poncho está molhada,

Garra ensopada de varar passo e sanga.
 O galpão virou um varal de arreios.
 Oreando aperos enxaguados pela manga.
 O gado berra nostalgando tempo feio,
 E a parelha do arreo calejou-se das basteiras.

Há, nesses versos, a representação dos efeitos das épocas úmidas na fronteira: o peão molhado, os arreios estendidos no galpão e o gado berrando no campo. Percebem-se as dificuldades do homem do campo ao trabalhar nesse período e suas respectivas adversidades.

Os últimos versos metaforizam a chuva e a representatividade de sua consequência: o “charco”. As chuvas, nesse caso, marcam um período que deixa tanto o homem quanto o solo os desejos de uma “estiagem”²⁵: “talvez a chuva seja o adubo já gasto, que veio firma o pasto e larga uma graxa na terra”.

No que tange aos aspectos linguísticos, a canção apresenta também em seu léxico itens advindos do contato linguístico-cultural com a Argentina e com o Uruguai. Vocábulo como *matreira*, *caborteira* e *poncho*, conforme abordados anteriormente, configuram-se como empréstimos vindos da língua espanhola. Além desses, destacamos na canção *sanga*, *tentos* e *galpão* com origem do castelhano platino. *Sanga* se origina do vocábulo de *zanja*, que significa pequeno córrego de água; *tentos*, do espanhol *tientos*, trata-se de uma tira de couro muito usada nas lidas campeiras; e *galpão*, do espanhol *galpón*, significando casa grande.

Quanto às lidas diárias, os itens *tentos* e *galpão* podem ser registrados como elementos do cotidiano do ser fronteiriço que vive no campo. *Tentos* – do espanhol *tientos* – está aliado às lidas diárias, já que são “as tiras de couro que formam o relho”. O Quadro 32 apresenta esses registros:

Quadro 33 - *Galpão*

Item	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Galpão	1 Construção construída de cobertura de telha, palha ou folha de zinco, entre outros materiais, com os lados (pelo menos um deles) desprovidos de parede; utilizada para depósito e/ou abrigo de produtos agrícolas,	1 Construção coberta e fechada pelo menos por três de suas faces, na altura total ou em parte dela, por paredes ou tapumes, e destinada a fins industriais ou a depósito, mas não a	1 Grande construção rústica edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como à guarda de materiais e outras serventias. Possui, geralmente, uma área de chão batido e uma outra assoalhada com madeira bruta para guardar ação, arreios, ferramentas e outros utensílios. No galpão se reúnem patrões,	Edificação rústica e aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material, etc. É nele que dormem os peões ou qualquer tropeiro, viajante ou carreteiro que necessite um pouso para seguir viagem no dia seguinte. E é em derredor do fogo de chão, onde o churrasco está sendo preparado, que se	[Galpón] Quizá del náhuatl <i>calpúlli</i> , casa grande 1 Casa grande de una planta. 2 Departamento que se destinaba a los esclavos en las haciendas de

²⁵ Estiagem é o momento em que a chuva para (BOSSLE, 2003).

	maquinarias. 2 Construção rural para depósito de utensílios de lavoura e residência dos peões. 3 Estábulo. (Do <i>hisp.-amer.</i> galpón).	habitação. 2 Edificação aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material. 3 Estábulo. (Do <i>hisp.-amer.</i> galpón).	peões, tropeiros, viajantes, e outros (menos as mulheres, pois trata-se de ambiente exclusivamente masculino); local onde se prepara e se come o churrasco e, num clima alegre e descontraído ao redor do fogo de chão, toma-se chimarrão, discutem-se as lidas de campo e contam-se causos. (Amer. de or. <i>náuatle</i>).	reúnem patrões e empregados, para matearem, contarem causos de guerras, peleias, tropeadas, de chinas mal domadas, amores, pescarias e muito mais. Não há de faltar uma cordeona ou um pinho chorando num canto enquanto o copo de canha passa de mão em mão.	América. 3 Cobertizo grande con paredes o sin ellas. (Am. Mer. yHond.)
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor

Rocha (2008), refletindo sobre os dados do ALERS, levanta a hipótese de que *galpão* também advém do espanhol:

A hipótese aqui é que a variante *galpão*, embora sendo um termo historicamente incorporado ao português, tenha seu uso reforçado, nessa Região, pela semelhança com o termo espanhol *galpón* que significa, de acordo com o DRAE, uma casa grande de uma planta só e que se destinava aos escravos nas fazendas da América. (ROCHA, 2008, p. 66)

Sobre esse item, o dicionário etimológico da língua portuguesa registra-o com origem do castelhano *galpón*, do antigo *galpole*, este, do asteca *kalpúlli*, que significava “casa ou sala grande” (CUNHA, 2010, p. 309). O registro no DRAE também aponta como possível origem do náhuatl *calpúlli*, com o mesmo significado.

O substantivo *tentos* é apresentado no Quadro 33, a seguir, com seus respectivos registros nos dicionários de língua geral, nos regionalistas e no DRAE, com grafia modificada para *tiento*:

Quadro 34 - *Tentos*

Item	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
------	---------	---------	--------	----------	------

Tentos	1 Cada uma das pequenas tiras de couro presas na parte posterior do lombilho, de um e outro lado, com que se ata o laço ou se prende qualquer outra coisa que se queira trazer à garupa. 2 Tira ou guasca de couro de grande e variado emprego nas atividades pastoris. (Do <i>plat.</i> tiento).	1 Tirinha de couro, na parte posterior dos arreios, à qual se prende qualquer coisa que se deseje trazer à garupa. 2 Tira de couro usada em diversos misteres da vida pastoril. (Do <i>esp. plat.</i> tiento).	1 Tira de couro cru usada para fazer laços, relhos, tamoeiros, etc. 2 Tira fina de lonca usada para costurar couro, para fazer botões e passadores ou para atar alguma coisa. (Do <i>cast. plat.</i> tiento).	1 Tira de couro, na parte posterior dos arreios, que serve para amarrar principalmente o laço ou qualquer outra coisa que se queira trazer na garupa. 2 Tira de couro usada em diversas ocasiões da vida pastoril.	[Tiento] 14 Tira delgada de cuero sin curtir que sirve para hacer lazos, trenzas, pasadores. (Arg., Chile, Par. y Ur.)
--------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor

O substantivo *tentos* – registrado no DRAE com a grafia *tientos* – é um objeto que faz parte da rotina do homem do campo, uma vez que é uma “tira de couro” usada em diferentes situações como para fazer relhos, laços ou para costurar.

A seguir, no Quadro 34, é apresentado o substantivo *sanga* com seus respectivos registros:

Quadro 35 - *Sanga*

Item	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Sanga	1 Curso de água muito pequeno. 3 Córrego que seca facilmente. 3 Escavação produzida na terra pela chuva ou por águas subterrâneas. (Talvez do <i>quincg.</i> sanga).	1 Algirão. 2 Pequeno regato, que seca facilmente. 3 Escavação profunda no terreno, produzida pelas chuvas ou por correntes de águas subterrâneas. (Do <i>esp. plat.</i> zanja).	1 Pequeno curso d’água menor que um arroio ou regato. 2 Escavação profunda feita no terreno pelas chuvas ou correntes subterrâneas de água. (Do <i>cast. plat.</i> zanja).	1 Pequeno rancho que pode secar facilmente quando é formado pelas chuvas. 2 Abertura por onde os peixes entram na armação ou na rede	[Zanja] 1 Excavación larga y estrecha que se hace en la tierra para echar los cimientos, conducir las aguas, defender los sembrados o cosas semejantes. 2 Arroyada producida por el agua corriente.

Fonte: elaborado pelo autor

Rocha (2008) menciona que o item *sanga* possivelmente “tenha entrado na língua portuguesa do Sul do Brasil como uma adaptação do termo espanhol *zanja*”, uma vez que este “provém de *zanjar*, que significa uma escavação comprida e estreita que se faz na terra para colocar os cimentos, conduzir as águas, defender as plantações ou coisas semelhantes, e, na América, significa *arroio* produzido pela água corrente” (ROCHA, 2008, p. 58).

Destaca-se o verbo *olvidar* que, registrado no dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 2010, p. 461) com origem do latim *oblitare* – com os significados de “esquecer, perder a memória” – e com registro no DRAE com a mesma grafia e significado.

4.1.11 *Paleteada*

Na canção *Paleteada*, o tema faz referência especificamente às paleteadas realizadas nas lidas campeiras diárias e às competições realizadas nos rodeios, conforme apresenta a letra (Fig. 17):

FIGURA 17: Letra de *Paleteada*

Paleteada	
Vem se "estorando" no freio Se enforcando na peiteira E quase que se debruça No grito de um "pai zebu" Meu gateado "frente aberta" "Brazino" nas quatro patas De vereda se desata E se acolhera com o boi	Grito a grito, peito a peito; "Repontemo" até o rodeio Este matreiro teimoso Que refugou na picada, De a cavalo eu não refugo Embora o tempo desabe E o mais matreiro já sabe Que me gusta a paleteada.
Num mouro marca de "H" O "Junico" me faz costado E o osco canela fina Se para cheio de assombro, Meu gateado vem por cima E mouro não frouxa um tento E o oscoespragueija o vento Quando lhe cuspo no lombo.	Paleteada é lida bruta Nascida nas "escaramuças" Quando se apartavam tropas Em "Machãos" atropelos A encontro e bico de bota Tirava o boi do refugo Que reboleava o sabugo Na direção do sinuelo.

Logo no início da canção o *eu lírico* realiza uma descrição do ato de *paletear*: a corrida do boi, o cavalo se aproximando e emparelhando-se. A partir dos versos “Grito a grito, peito a peito” há a caracterização da paleteada, bem como matreiro e teimoso adjetivam o animal que se busca.

Apesar das dificuldades e adversidades, o *eu lírico* declara que gosta das lidas com a paleteada, o que é possível constatar nos versos:

De a cavalo eu não refugo
 Embora o tempo desabe
 E o mais matreiro já sabe
 Que me gusta a paleteada.

Mesmo a paleteada sendo considerada “lida bruta”, ao longo da canção é revelada uma ligação íntima entre o homem e suas atividades campeiras, assim como os animais do seu convívio, consolidando também uma paixão por essa atividade e por seu fiel companheiro nas diferentes jornadas: o cavalo.

No Quadro 35, é apresentado o vocábulo *gustar* com seus respectivos registros:

Quadro 36 - *Gustar*

Item	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Gustar	Experimentar com atenção e prazer o sabor de; saborear, provar, degustar.	Provar, degustar, gostar. (do <i>latim gustare</i>).	Gostar, apreciar, agradar, admirar (<i>cast.</i>).	O mesmo que gostar, querer, admirar.	1 Sentir y percibir el sabor de las cosas. 2 Experimentar (probar). 3 Agradar, parecer bien. 4 Dicho de una persona: Resultar atractiva a otra. 5 Desear, querer y tener complacencia en algo.

Fonte: elaborado pelo autor

O verbo *gustar* tem registros nos dicionários de língua geral e no Aurélio há a referência à origem do latim *gustare*. Entretanto, levanta-se aqui a hipótese de esse item, identificado na canção, ter uma relação direta com a LE, dada a proximidade geográfica na região de fronteira, bem como o efeito de compartilhar muitos hábitos e costumes.

A seguir, no Quadro 36, os registros e as definições de *osco*, com grafia alterada no DRAE para *hosco*:

Quadro 37 - *Oscos*

Item	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Oscos	1 Diz-se do gado de pelo escuro, lembrando o zaino dos equinos, podendo ser de cor de pinhão; vermelho enfarruscado; 2 Complicado, difícil (Do <i>cast. plat. hosco</i>).	Diz-se do gado vacum de pelo de cor escura, com o lombo tostado. Variação de <i>hosco</i> .	[Hosco] 1 Dicho del color moreno: Muy oscuro, como suele ser el de los indios y mulatos; 2 Ceñudo, áspero e intratable. 3 Dicho del tiempo, de un lugar o de un ambiente: Poco acogedor, desagradable, amenazador.

Fonte: elaborado pelo autor

Oscos está registrado nos dicionários Houaiss e Aurélio, a origem apontada é no latim *oscu*, que é “o indivíduo dos oscos, antiquíssimo povo de estirpe pelágica, habitante da Campânia italiana” (FERREIRA, 2009, p. 1460).

Com entradas nos dicionários de língua geral, nos regionalistas e no DRAE – com a grafia *repuntar* –, o verbo *repuntar*, identificado na canção, é apresentado no Quadro 37, a seguir:

Quadro 38 - *Repuntar*

Item	<i>HOUAISS</i>	<i>AURÉLIO</i>	<i>BOSSLE</i>	<i>OLIVEIRA</i>	<i>DRAE</i>
Repuntar	Enxotar (animais) em certa direção. (Do <i>esp. repuntarse</i>).	1 Fazer refluir para certo ponto. 2 Enxotar (animais) em determinada direção. (Do <i>cast. plat. repuntar</i>).	1 Tocar o gado por diante em certa direção; 2 Vigiar, cuidar (o gado); 3 Afugentar, afastar (Do <i>cast. plat. repuntar</i>).	Tocar os animais em direção a um lugar determinado.	[Repuntar] 5. intr. Am. Mer. Dicho de una persona: Aparecer de improviso. 6 Recuperar una posición favorable. 7 Reunir los animales que están dispersos en un campo.

Fonte: elaborado pelo autor

É no sentido de compartilhar hábitos e costumes, mais especificamente nas atividades campeiras, que o verbo *repuntar* é apontado com origem de *repuntar* da LE, significando a ação de conduzir os animais (geralmente o gado) para um determinado local.

4.1.12 *Pra bailar de cola atada*

A canção que segue tem como tema principal o envolvimento, a preparação e a participação do *eu lírico* em um baile de fronteira (Fig. 18):

FIGURA 18: Letra de *Pra bailar de cola atada*

Pra bailar de cola atada

De vereda me acomodo, se "dum" baile sinto cheiro
 Sacudo o pó da mangueira, lá no açude do potreiro
 Encharco de "amor gaúcho" a estampa de um **peão**
 campeão
 Por que sei que na minha terra dá pra confiar nos
 gaiteiros.
 Pra bailar de cola atada campeão a volta do mouro
 E um par de esporas prateadas, saio beliscando couro
 Levo na alma a esperança de hoje "**enfrená**" um
 namoro
 E um "três oitão" "das confiança" pra "causo" algum
 desaforo.

Vou "tira" china mais linda pra bailar de cola atada
 E se não souber dançar ensino e não cobro nada
 Depois que meto o cavalo seja lá o que Deus quiser
 Pois sou do tempo que os "home" ainda gostavam de
 mulher.

A cordeona dá um gemido a **polvoadeira** levanta
 E eu já de pala encardido arrasto meu pé na bailanta
 Vou cochichando no ouvido meus segredos pra
percanta
 E bem "campante" convido pra "tomá" um "samba
 com fanta"
 Se "debrucemo" na copa e ali "troquemo uns carinho"
 Com juras de amor eterno, ninguém quer morrer
 sozinho
 Não me "tenteia" morena porque tu é flor cheia de
 espinho
 E eu "tô **loco**" de vontade de te arrastar pra o meu
 ninho.

Pra bailar de cola atada, em certa medida, traz em si uma conotação de origem negativa: representa o baile em que o homem abre praticamente todos os botões da camisa e as mulheres com o vestido erguido. Em algumas situações ainda diz-se que as mulheres levantavam a parte de trás do vestido ou da saia e atavam-na, deixando à mostra boa parte da parte inferior do corpo; esse "nó" era comparado ao nó atado nas colas dos cavalos, daí a expressão *cola atada*. Contemporaneamente *bailar de cola atada* significa dançar junto, agarrado ou dançar de forma romântica.

A primeira parte da canção apresenta o surgir da vontade do "eu lírico" ir a um baile: *De vereda me acomodo, se "dum" baile sinto cheiro*. Aborda, ainda, a preparação desse sujeito para esse baile, o cuidado com as vestimentas e suas expectativas para o mesmo: *Levo na alma a esperança de hoje "enfrená" um namoro*. Ao contemplar-se o refrão, há a abordagem do sujeito para então conquistar a mulher que então o encantar:

Vou "tira" china mais linda pra bailar de cola atada
 E se não souber dançar ensino e não cobro nada
 Depois que meto o cavalo seja lá o que Deus quiser
 Pois sou do tempo que os "home" ainda gostavam de mulher.

Já na segunda parte há a descrição do baile em si, encantamento do *eu lírico* com a *percanta* e o processo de conquista dessa mulher, caracterizado "com juras de amor eterno",

ação justificada no verso “ninguém quer morrer sozinho”. Ao fim da canção é observado o desejo mantido em relação à paquera: “vontade de te arrastar pra o meu ninho”.

É destacável também em *Pra bailar de cola atada* a presença de itens relacionados ao espanhol, como *enfrenar* e *mangueira* (com a grafia *manguera* no DRAE), apresentados no Quadro 38, da sequência:

Quadro 39 - *Enfrenar, mangueira*

Itens lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Enfrenar	Enfrear.	1 Enfrear; 2 Substituir o bocal pelo freio. (Do <i>esp.</i> enfrenar).	1 Por freio na boca do animal, enfrear; 2 Substituir o bocal pelo freio, no redomão (animal que se amansa). (Do <i>cast.</i> <i>enfrenar</i>).	Substituir o bocal pelo freio em animais que se amansam.	1 Poner el freno al caballo; 2 Enseñarle a que obedezca. 3 Contenerlo y sujetarlo; 4 Hacerle llevar la cabeza derecha y bien puesta.
Mangueira	Curral usado em trabalhos com gado manso e bravo, localizado próximo à casa principal e feito de pedra, pau a pique, varas. (Do <i>plat.</i> <i>manguera</i>).	Grande curral de gado, de pedra ou de madeira, junto ao edifício da estância. (Do <i>esp. plat.</i> <i>manguera</i>).	Grande curral de arame, pedra, madeira, junto à casa da estância, onde se encerra o gado para marcação, cura de bicheiras, castração, aparte. (Do <i>manguera</i>).	Grande curral de gado, de pedra ou de madeira, junto ao edifício de estância.	[<i>manguera</i>] 5 Corral para encerrar el ganado. (Ur.).

Fonte: elaborado pelo autor

O verbo *enfrenar* é usado metaforicamente nos versos “Levo na alma a esperança de hoje "enfrená" um namoro” com o significado de “dar início”, ou ainda, de “conseguir”, no caso apresentado é a conquista de uma moça. *Enfrenar*, como registram os dicionários AURÉLIO e BOSSLE, tem origem da LE *enfrenar* e sua definição está relacionada às atividades campeiras, mais precisamente com o processo de por o freio no cavalo (ou em outro animal do campo).

Nesse mesmo contexto, o item *mangueira* é registrado nos dicionários HOUAISS, AURÉLIO e BOSSLE com origem da LE *manguera*. Representa também o universo das lidas campeiras, uma vez que é um espaço que tem múltiplas finalidades, onde geralmente se prendem os animais para vacinação, curas ou simplesmente para pernoitar.

4.2 LÉXICO, IDENTIDADE E REGIÃO DE FRONTEIRA: ALGUMAS INTERFACES

O léxico caracteriza-se como uma peça num grande quebra-cabeça que constrói ou colabora decisivamente para a construção de uma identidade linguístico-cultural. Esta é percebida como o conjunto de marcas na língua, seja escrita ou falada, que apontam para atitudes, hábitos e visões de mundo. Essas marcas de identidade podem ser vistas no âmbito das *regionalidades*. Por meio do léxico, são registrados, além de particularidades linguísticas, traços das atividades típicas e/ou cotidianas de uma comunidade, que, por sua vez, revelam fatos de cultura, confirmando as ideias de Oliveira e Isquierdo (1998) de que o léxico recorta realidades do mundo, revelando muito da comunidade que o usa.

A música carrega marcas de identidade da comunidade que a produz e a recebe. Nela se inscrevem vozes, visões de mundo, posições ideológicas e fatos do cotidiano. No Rio Grande do Sul, as canções gauchescas podem ser consideradas importantes produções que revelam elementos que ou perduram há séculos e que foram moldados, construídos e reconstruídos na e pela história: a exemplo, os tratados (e descumprimentos) entre Portugal e Espanha contribuíram para a mobilidade das linhas fronteiriças e, conseqüentemente, para intercâmbios linguístico-culturais.

Como produções culturais, as músicas representam muito dos costumes, hábitos e visões de mundo. As canções gauchescas carregam, dessa forma, representações da história do Rio Grande do Sul (historicamente caracterizada a partir de uma fronteira móvel disputada entre lusos e hispanos) e da vida diária no pampa (atividades campeiras, como o trabalho com a pecuária).

Assim as canções produzidas na zona limítrofe entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai são mostras representativas de que uma *região de fronteira* compartilha desse feixe de particularidades. Espaço ao qual os sujeitos que ali vivem declaram-se pertencer, posto que compartilham de ideias e fatos de cultura que estão integrados como partes representativas de uma *cultura regional*.

Corrobora-se, então, a ideia de Cuche (2002, p. 88) de que “o indivíduo ‘se apropria’ de sua cultura progressivamente no curso de sua vida e, de qualquer maneira, não poderá nunca adquirir toda a cultura de seu grupo”. De igual forma, constatam-se os pressupostos defendidos por Hannerz (1997, p.18) de que os atores sociais “como seres culturais, provavelmente estão sendo moldadas, e modelam a si mesmas, por peculiaridades de sua biografia, gosto e cultivo de talentos”.

Nesse universo, as canções gauchescas, a linguagem empregada e a rede de representações imaginárias configuram uma rede de particulares de uma determinada *região*. Essas particularidades podem ser consideradas *regionalidades*, que são especificidades, características peculiares, traços que identificam pertencimento a uma determinada *região*. Nesse processo, o léxico ganha um papel essencial, uma vez que por meio de um léxico peculiar (ou *regional*) há a identificação e a ressignificação de muitas representações e visões de mundo. Marcas específicas se constituem como particularidades, construtos simbólicos que edificam identidades culturais e *regionalidades*.

Essa *região de fronteira* pode ser vista como um ponto de interseção entre Argentina, Brasil e Uruguai, ponto de constantes intercâmbios culturais e linguísticos. Parte do léxico gaúcho configura-se como empréstimo da LE, ou com referência a uma ou outra palavra dessa língua, a partir desse processo de interseção.

Ainda no plano linguístico, destaca-se que nem sempre há empréstimos, já que há a proximidade morfossintática e fonológica entre as duas línguas. Contudo, a partir do levantamento de 61 itens com relação com a língua espanhola, defende-se aqui a incidência de uma interferência linguística, ou seja, traços e marcas da língua espanhola na língua portuguesa. Não se pode afirmar a incidência de bilinguismo, apenas levantar a hipótese de que nesse contexto há a possibilidade de ocorrência, o que poderia ser constatado a partir de uma pesquisa etnográfica. Muitos estudiosos defendem também o “portunhol”, como abordam Gudolle e Rodrigues (2011):

[...] mesmo depois de 200 anos de colonização portuguesa, ainda se encontra muitos termos em espanhol no linguajar do gaúcho de fronteira. A própria música nativa se apropria muito desses termos resultantes de uma mescla entre o espanhol e o português, que na fronteira é conhecida como “portunhol”. (GUDOLLE; RODRIGUES, 2011, p. 45)

À medida que se compartilham hábitos, crenças, costumes e visões de mundo, há um processo de confluência de culturas, como a concretização de um ponto de intersecção. Não há, todavia, uma terceira cultura, pois não se trata da soma de uma cultura a outra formando uma terceira, mas de um ponto de intersecção entre as duas. A propósito do que afirma Titone (1993), toda língua carrega fatos de cultura e, nesse sentido, onde há bilinguismo há também biculturalismo; portanto, o espaço de fronteira ao compartilhar das duas línguas, compartilham também de suas culturas, constituindo biculturalismo.

A seguir são apresentados os itens lexicais levantados nas canções interpretadas na vigésima primeira produção da dupla tradicionalista gaúcha César Oliveira e Rogério Melo,

analisadas anteriormente. Esses itens estão divididos nos seus respectivos campos semânticos, revelando em quais contextos os empréstimos são usados com maior frequência na música: Ações, características, cotidiano, atividades campeiras, bailes/entretenimento.

A seguir, eis a lista de todos os itens lexicais levantados e analisados nesta pesquisa:

Achicar	Empeçar	Percanta
Acolherar	Entreverar	Piazito
A la pucha	Galpão	Polvoadeira
Allá	Guapo	Poncho
Bagual	Gustar	Quedar
Bochincho	Hijo	Querência
Bolcar	Loco	Rancheira
Bolicho	Madre	Rancho
Bombacha	Mala Bruja	Recuerdo
Bueno	Malo	Redomão
Caborteiro	Mangueira	Repontar
Cavalhaço	Matreiro	Retovo
Chamarra	Maula	Sanga
Changuear	Milonga	Sinuelo
Cincerro	Minuano	Solito
Cincha	Oscó	Sombbrero
Criolla	Peão	Taura
Culo	Peleador	Tava
Cuscada	Pelear	Tentos
Enfrenar	Peleias	Tropilha

Diante desse quadro, nota-se que os empréstimos destacados nas canções podem ser divididos em campos semânticos, de acordo com as suas situações de ocorrência. Nesse contingente, ganha destaque o léxico referente à vida, às atividades campeiras e aos momentos de entretenimento (nos bailes). A incidência do léxico relacionado às atividades campeiras pode ser justificada nas palavras de Gudolle e Rodrigues (2011):

Com a necessidade de adequar sua vida no campo com a lida desses animais, o gaúcho passou a ter grande contato e aperfeiçoamento nas técnicas de doma e aprimoramento genético. Esses animais assumiram um papel essencial para a sobrevivência do homem do campo, não só como fonte de alimentação, no caso dos bovinos e ovinos, mas ajudando na lida, no cultivo da terra, no caso do cavalo que era como se fosse uma extensão do gaúcho, a tal ponto que a surpresa era se um gaúcho não possuísse um. (GUDOLLE; RODRIGUES, 2011, p. 91)

O discurso fronteiriço é marcado por características de uma *região de fronteira*, onde o local prevalece como um espaço que não é nem nacional, nem internacional, mas sim particular. Nesse sentido, concordamos com Oliven (2006, p. 27) que existe “uma ideologia se mede pelo seu poder de produzir discursos que repercutam no imaginário social”.

Essas características revelam-se próprias de um espaço, reiterando que há na fronteira Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai uma *região cultural*, com características peculiares que vão do léxico às representações de identidade.

CONCLUSÃO

A motivação inicial para a pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado surgiu ao percebermos a presença da LE nas canções produzidas no contexto da fronteira Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, bem como investigar as relações entre língua e cultura nesse espaço. Ao ingressar no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, a ideia tornou-se projeto, partiu do amplo para o específico, com o intuito de estudar as características linguísticas e culturais no espaço de fronteira e em que medida o léxico pode revelar particularidades que constroem uma identidade linguístico-cultural.

Pesquisas já realizadas estudam o contato linguístico-cultural nas perspectivas da dialetologia, da lexicologia, da variação linguística, da influência fonética e do bilinguismo. Todavia, estudos sobre a construção da identidade linguísticas e culturais em espaços de contato em fronteira ainda não foram contemplados, sobretudo estudos na fronteira Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai. Em se tratando desse contato específico, pode ser encontrada uma diversidade de empréstimos linguísticos da língua espanhola que são utilizados pelos falantes da língua portuguesa, muitas vezes registradas nas produções culturais, como a literatura e a música. O presente estudo, então, procurou preencher essa lacuna. Para tanto, teve-se como objetivo geral investigar a constituição da identidade linguístico-cultural como revelada nas músicas de César Oliveira e Rogério Melo.

Buscou-se, no primeiro capítulo, refletir sobre as discussões em torno de *região*, *regionalismo* e *regionalidade*. Contribuições importantes foram levantadas, tais como a ideia de Certeau (1994) de que *região* é um espaço de cultura, ou, na esteira das concepções de Bourdieu (1996), um plano simbólico de constantes lutas pela legitimação. Ainda, nesse campo, concordamos com Cuche (2002) que toda cultura é dotada de particularidades que podem ser expressas por meio da língua. Com a finalidade de identificar o modo de constituição de uma *região de fronteira* entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, principiou-se pela investigação de dados históricos peculiares sobre (a formação/constituição d)esse espaço, a partir do que se constatou a formação de uma fronteira móvel, resultante a partir dos constantes (des)acordos entre Portugal e Espanha: Tordesilhas (1494), Utrecht (1713-15), Madri (1750), Ildefonso (1777) e Badajós (1801). Além disso, os fatores históricos contribuíram também para construir a representação da identidade do gaúcho.

No segundo capítulo, foram apresentadas as interfaces entre linguagem, cultura sociedade, discutindo-se sobre as questões que envolvem as situações de contato linguístico, que vão desde a discussão de interferência linguística até o fenômeno do bilinguismo. Com

base nos estudos de Calvet (2002) e de Titone (1993), constatou-se que o contato linguístico vai além do mero contato entre duas línguas, perpassa o contato entre culturas também e, desse modo, os sujeitos envolvidos acabam por “incorporar” tanto os aspectos linguísticos como culturais. Estudos linguísticos sobre os “falares” no sul do Brasil incluem relevantes pesquisas a respeito do contato bilíngue em zonas fronteiriças de Brasil/Uruguai e Brasil/Paraguai (ALVAREZ 2011; BEHARES 2003; PIRES-SANTOS 2010; ROCHA 2008). Os empréstimos linguísticos da LE para LP levantados por Rocha (2008), a partir dos dados do projeto ALERS, foram especialmente importantes para a presente pesquisa.

O primeiro objetivo específico foi o de identificar a presença de empréstimos linguísticos nas canções da dupla tradicionalista César Oliveira e Rogério Melo. Para tanto, foi constituído por um *corpus* com letras de doze canções do vigésimo primeiro CD da dupla – *Rio-grandenses* – que foram submetidos a procedimentos de estatística léxica. Com o auxílio do programa *WordSmith Tools*, identificou-se 60 itens considerados empréstimos linguísticos da língua espanhola para a língua portuguesa. Procedeu-se, então, à consulta em obras lexicográficas: dois dicionários de língua geral (HOUAISS e AURÉLIO), dois regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e um da LE (DRAE), além do auxílio, quando necessário, do *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA, 2010). Os dados assim obtidos possibilitaram refletir em que medida o contato linguístico-cultural na fronteira Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai contribui para a formação de uma *região de fronteira* e, conseqüentemente, uma identidade de *fronteira*.

Para atingir o segundo objetivo específico – analisar a motivação dos empréstimos linguísticos na linguagem típica da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, apresentados canções de César Oliveira e Rogério Melo. A análise lexical, focalizando os 61 vocábulos levantados, juntamente com a análise de conteúdo das letras das canções, permitiu identificar representações das visões de mundo do sujeito fronteiriço e corroborar as reflexões realizadas no primeiro capítulo desta dissertação.

A música que pode revelar aspectos da linguagem cotidiana. Assim, versos como “Recuerdo sabe do tempo.../ Do meu sombrero maniado/ E o trotezito largo procurando o teu amor...” revelam que em algumas canções da dupla, como *Recuerdo*, podem ser encontradas evidências do contato linguístico na fronteira. Observando o cenário de fluxos entre os países hispano-falantes, torna-se comum encontrar vocábulos em língua espanhola como *recuerdo*, *sombrero* e a presença do sufixo *-ito* no uso cotidiano dos fronteiriços. Essas marcas ocorrem possivelmente pela proximidade geográfica e confluência de culturas por questões históricas.

Como resultado da análise de conteúdo, constatou-se também um grande número de lexias pertencentes a três campos lexicais: a vida no campo, a vida boêmia (dos bailes) e ao contexto histórico. Quanto à vida no campo, itens como *bombacha*, *cavalhaço*, *cincerro*, *cincha*, *galpão*, *mangueira*, *peão poncho*, *repontar*, *retovo*, *tentos* e *tropilha* representam as lidas diárias nas estâncias de criação de gado, as atividades campeiras, tendo o cavalo como principal “companheiro”. A vida boêmia (nos bailes) e os momentos de descontração estão representados em itens como *bochincho*, *chamarra*, *entreverar*, *milonga* e *percanta*.

No terceiro campo há a representação do homem heroico, forte e valente, identificado no uso dos vocábulos como *guapo*, *taura* e *matreiro*, que são adjetivos que representam “bravura”. As diversas batalhas travadas no Estado também deixaram no léxico suas marcas: a incidência de itens como *pelear*, *peleias* e *peleadores* podem ser vistos como reflexos das múltiplas guerras travadas entre lusos e hispanos no estado pelo demarcação das fronteiras.

O levantamento dos 61 empréstimos lexicais, confirmados a partir das consultas nas obras lexicográficas supramencionadas, possibilitou atingir o terceiro objetivo específico: investigar a presença do bilinguismo e/ou fenômenos a ele relacionados como elementos constitutivos da identidade cultural de região da fronteira. Os empréstimos linguísticos incluem não apenas lexias simples, mas também unidades fraseológicas, como “hijo de madre oriental”.

A partir da análise dos itens lexicais, identificados no contexto de contato entre a LP e LE (fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai), foi possível confirmar que há interferência linguística, com base nas reflexões de estudiosos como De Heredia (1989), Edwards (2004), Mackey (1972), Siguan (2001), Titone (1993), levantadas no segundo capítulo. Não se exclui aqui a possibilidade de haver algum grau de bilinguismo influenciando a composição das letras das músicas analisadas; no entanto, somente um estudo de campo, com um número significativo de informantes, comprovaria tal hipótese.

Ao discutiu-se sobre o contato linguístico-cultural em uma perspectiva lexical, atendeu-se ao último objetivo específico, que era debater sobre a relevância dos resultados encontrados para a construção de subsídios teóricos na área de contato linguístico. Defendeu-se que há uma *região da fronteira* no espaço entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai. Ao analisar-se as interfaces entre os vocábulos analisados, bem como suas origens no espanhol, constatou-se a construção de uma rede de particularidades, ou seja, *regionalidades*.

Os resultados desta investigação permitiram corroborar nossa ideia inicial de que a identidade linguístico-cultural de um determinado grupo se constrói a partir da inter-relação de diferentes visões de mundo, modos de pensar e agir, que se apoiam em substratos

históricos e se revelam por meio da linguagem. Os itens lexicais levantados e analisados constituem uma amostragem de como os traços que delineiam o perfil do sujeito de fronteira podem ser revelados por meio do léxico. Feixes de particularidades e a influência da LE sobre a LP constituem-se como traços característicos, marcantes, evidenciadores do perfil desse sujeito de fronteira.

Assim, foi respondida a questão de pesquisa, já que as canções de César Oliveira e Rogério Melo, aqui analisadas, apresentaram 61 empréstimos linguísticos motivados pelo contato entre as variedades da LE e da LP, o que resulta na incidência de interferência linguística. Esta investigação teve seus objetivos alcançados à medida que se levantou, analisou, refletiu sobre os empréstimos revelados nas canções, constatando que há uma linguístico-cultural na fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, aqui reveladas a partir da música gaúcha. Para desdobramentos futuros, poder-se-á produzir um glossário com os empréstimos levantados ou, ainda, ampliar o escopo e estudar em que medida ocorre o inverso: empréstimos da LP para LE na mesma fronteira.

Por fim, registra-se que, por meio dos itens lexicais, são revelados, além de particularidades linguísticas, traços das atividades típicas e/ou cotidianas de uma comunidade. O léxico caracteriza como uma peça decisiva no grande quebra-cabeça da identidade linguístico-cultural de um grupo.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, vol. XV, Nº 5. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011. p. 1331-1343
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; BUSSE, Sanimar. Contato Linguístico e Bilinguismo: algumas reflexões para o fenômeno da variação linguística. *Línguas e Letras*, Cascavel, v. 9, n. 16, p. 11-25, jan./jun., 2008.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. *O contato linguístico e o Brasil*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.
- ALVAREZ, Isaphi Marlene Jardim. Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira. *Letrônica*, Porto Alegre. v. 4 , n. 2, p. 104-120, nov., 2011.
- AGOSTINI, Agostinho Luís. *O pampa na cidade: o imaginário social da música popular gaúcha*. Dissertação (mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.
- ARENDDT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *Rua [online]*, Campinas, v. 2, n. 18, data?, 2012.
- ASSUMPÇÃO Jr., Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BARCIA, Pedro Luis. Hacia um concepto de la literatura regional. In: CASTELLINO, Marta Elena; RIVERO, Gloria Videla de (Orgs.). *Literatura de las regiones argentinas*. Mendoza: Universidad Nacional Del Cuyo, 2004, p. 25-45.
- BARRIOS, Graciela. El tratamiento de la diversidad lingüística en la educación uruguaya (2006-2008). *Letras*. UFSM, Santa Maria, v. 21, n. 42, p. 15-44, jun., 2011.
- BEHARES, Luis Ernesto. *Uruguai / Brasil: contribuição ao estudo da heterogeneidade linguístico-cultural da fronteira sul*. Disponível em: <<http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/3/02.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOSSLE, Batista. *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.

- BRAUN, Jayme Caetano. *Vocabulário Pampeano*. 2. ed. Porto Alegre: EDIGAL, 1998.
- CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Orgs.). *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2011.
- CARVALHO, Ana Maria. Contribuições da Sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 3(63), set./dez. 2010, p. 45-65.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas Centro de Linguística Hispánica, 1982.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. *Multilinguismo*. Campinas: Unicamp, 1989. p. 177-220.
- DRAE. Disponível em: <<http://rae.es/recursos/diccionarios/drae>>. Acesso em: 02 nov. 2013.
- DURANTI, Alessandro. *Antropología lingüística*. Trad. Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- EDWARDS, John V. Foundations of bilingualism. In: BHATIA, Tej; RITCHIE, William (Orgs.). *The handbook of bilingualism*. Malden, MA: Blackwell, 2004.
- ESPIGA, Jorge. O contato do português com o espanhol no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (Org). *Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006, p. 260-276.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FOWLER, Floyd J. *Pesquisa de Levantamento*. Trad. Rafael Padilha Ferreira. Porto Alegre: Penso, 2011.
- FREITAS, Henrique Mello Rodrigues de; JANISSEK, Raquel. *Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos*. Porto Alegre: Sphinx, 2000.

FROSI, Vitalina M.; FAGGION, Carmen M.; DAL CORNO, Giselle O. M. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: CHAVES, Flávio L.; BATTISTI, Elisa (Orgs.). *Cultura regional 2: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2006, p. 97-111.

GARCIA, Fernando Cacciatore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GOLIN, Tau. *A Fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GRAY, David E. *Pesquisa no mundo real*. Trad. Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GUDOLLE, Fábio; RODRIGUES, Cezar Augusto G. *O Gaúcho de Fronteira*. São Borja: Conceito, 2011.

HAGÈGE, Claude. *A criança de duas línguas*. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, RJ, v. 3, n. 1, p. 7-39, abril de 1997.

HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, jul./dez., 2005.

HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: RTM, 2009.

HOUAISS, Instituto Antônio (Org.). *Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KICH, Bruno Canísio. *Pequena enciclopédia gaúcha*. 2. ed. Porto Alegre: Corag, 2004.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAROQUE, Luís Fernando. O Rio Grande do Sul Espanhol: territorialidade, história e cultura. In: *Estudos Hispânicos: história, língua e literatura*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 11-37.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MAGNOLI, Demétrio; OLIVEIRA, Giovana; MENEGOTTO, Ricardo. *Cenário gaúcho: representações históricas e geográficas*. São Paulo: Moderna, 2001.

MANZOLILLO, Vito César de Oliveira. *Empréstimo semântico, decalque e retroversão: breve estudo tipológico do empréstimo linguístico*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf37.html>. Acesso em: 24 mar. 2014.

MACKEY, Willian F. The description of bilingualism. In: FISHAMNN, Joshua A. (Ed.). *Readings in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Monton, 1972, p. 554-584.

MIGNONI, Rosália Procasko Lacerda. *A transferência e a aquisição das vogais espanholas /e/ e /o/, em substantivos e adjetivos, por falantes universitários brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

ODLIN, Terence. *Language transfer: crosslinguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2010.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998 (vol. I).

OLIVEIRA, César; MELO, Rogério. Disponível em: <<http://letras.mus.br/cesar-oliveira-rogerio-melo/520042>>. Acesso em: 29 dez. 2012.

_____. Disponível em: <<http://www.cesaroliveira.com.br/web/dueto/cesar-oliveira.html>>. Acesso em: 29 nov. 2012.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil Nação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PASTAFIGLIA, Marcelo. O espanhol da região do rio da Prata: contato linguístico com o português do Brasil. In: *Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 8, 2008, Cascavel. Cascavel: CELSUL, 2008. p. 1-10.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras culturais em um mundo planetário: paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s). *CESLA*, Varsóvia, v. 8, p. 9-19, 2005.

PETRI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: USP, 2003.

PINTO, Louis. *Bourdieu e a teoria do mundo social*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PIRES-SANTOS, Maria Elena. Ambivalência de termos e conceitos: implicações para uma linguagem híbrida em contexto de fronteira. *Línguas e Letras*, Cascavel, v. 2, n. 20, p. 33-50, 1º sem., 2010.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RETIS. Instituto de Geografia – Grupo RETIS – UFRJ. Disponível em: <<http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras/programafronteira/>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICHARDS, Jack C.; PLATT, John; PLATT, Heidi. *Dictionary of language teaching and applied linguistics*. 2. ed. London: Longman, 1992.

ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SANTOS, Glaucia Felismino dos. *Contato linguístico na região de fronteira brasil/uruguai: a entoação dialetal em enunciados assertivos e interrogativos do português e do espanhol*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos Neolatinos), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Rafael José dos. *Relatos de regionalidade: tessituras da cultura*. *Antares – Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n. 2, p. 5-26, jul./dez., 2009.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Trad. Laureano Pelegrin. São Paulo: EDUSC, 1999.

SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza, 2001.

SOSA, Juan Manuel. *La entonación del español*. Madrid, Cátedra, 1999.

SOUZA, Célia Ferraz de. *Contrastes regionais e formações urbanas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de fronteiras e políticas de línguas: uma história das ideias linguísticas*. Tese (doutorado em Linguística), Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

_____. *Línguas de Fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras*. *Ciência e Cultura*, São Paulo, p. 47-50, 2005.

TITONE, Renzo. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. Roma: Armando Editore, 1993.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

UFRS. Bilinguismo no RS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/subprojetos.htm>>. Acesso em: 14 set. 2012.

VANDRESEN, Paulino. O Banco de Dados VARSUL: do sonho à realidade. In: *Estudos de variação linguística no Brasil e no cone sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

VARFUL. Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Disponível em:
<<http://www.varsul.org.br/>>. Acesso em: 31 out. 2013.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.